



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

SIRLEY APARECIDA DE SOUSA

**UM OLHAR SOBRE A DISCURSIVIDADE DO SUJEITO EM
PSICOTERAPIA**

LONDRINA
2009

SIRLEY APARECIDA DE SOUSA

**UM OLHAR SOBRE A DISCURSIVIDADE DO SUJEITO EM
PSICOTERAPIA**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina, como requisito para a aprovação, bem como a aquisição do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Fernandes

LONDRINA
2009

SIRLEY APARECIDA DE SOUSA

**UM OLHAR SOBRE A DISCURSIVIDADE DO SUJEITO EM
PSICOTERAPIA**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina, como requisito para a aprovação, bem como a aquisição do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Fernandes

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Fernandes
Universidade Estadual de Londrina

Prof. Dr. João Carlos Cattelan
Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profa. Dra. Mariangela Peccioli Galli Joanilho
Universidade Estadual de Londrina

Londrina, 29 de Setembro de 2009.

DEDICATÓRIA

Aos meus pacientes que, gentilmente, cederam seus depoimentos para que fizessem parte do presente trabalho. E o fizeram por acreditarem na minha capacidade de desenvolver estudos relevantes, bem como no respeito que manteria com o material a mim confiado. Assim, a eles fica registrado o meu MUITO OBRIGADO.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Luiz Carlos Fernandes, que me aceitou e acolheu dando-me a oportunidade de ampliar o horizonte intelectual.

À querida amiga Priscila, que dispendo de enorme generosidade ouviu meus conflitos e temores, encontrando tempo para, como grande amiga que é, ler e opinar diferentes aspectos deste trabalho de dissertação.

À querida amiga de tantos e tantos anos Rosane Felix, que mesmo tão distante se faz presente em minha vida e, como não poderia deixar de ser, faz-se presente neste trabalhando opinando e deixando sua marca questionadora.

Às amigas, Fabiana e Rosângela, que sempre se mostraram dispostas a auxiliar nas demandas, tanto emocionais quanto técnicas, despertadas ao longo desta jornada.

Ao meu filho Leon Gregório, por compreender e apoiar minha procura por novos aprendizados, mesmo que isto em alguns momentos sacrificasse nossa convivência.

Ao amigo Elsio, que teve enorme paciência quando o meu assunto favorito se tornava repetitivo, já que dizia respeito às demandas ligadas à dissertação.

Aos meus pais, que amorosos me fizeram desenvolver autoestima e perseverança, condições necessárias para qualquer busca intelectual.

Aos professores do programa de pós-graduação em Estudos da Linguagem, pelo aprendizado adquirido.

A Deus, que, sempre presente em meu coração, deu-me força para insistir em minhas buscas de novos aprendizados.

SOUSA, Sirley Aparecida de. **Um olhar sobre a discursividade de sujeitos em psicoterapia**. 2009. 144 fls. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina

RESUMO

O presente trabalho visa analisar a discursividade arquivada ao longo do processo de psicoterapia de sujeitos acometidos por forte depressão. Que, em virtude de tal estado psicológico, foram submetidos a um tratamento norteado pelo referencial teórico da Psicanálise, segundo o qual os pacientes são orientados a falar livremente com o intuito de fazer com que sentimentos e pensamentos inconscientes possam se revelar de modo espontâneo. Desta forma, os discursos aqui analisados encontram-se associados a esta orientação, contudo, diferenciam-se do usual encontrado na clínica psicoterápica, por serem relatos escritos pelos próprios sujeitos fora do horário de consulta, servindo como complemento para as sessões. Tais escritos ficaram arquivados sendo, posteriormente, usados em análises cujo referencial teórico abrangia outros conhecimentos, sempre com o intuito de promover avanços na compreensão da estrutura psicológica destes pacientes. A análise aqui apresentada foi embasada nas propostas teóricas da Análise do Discurso de linha francesa, visto que esta se volta para a compreensão de formações discursivas que trazem em seu conjunto o condicionamento ao contexto sócio-histórico e ideológico a que o enunciador pertence. Sendo assim, o entendimento sobre a discursividade presente nestes textos, pode avançar na apreensão das inúmeras fontes que influenciam tais discursos, fontes que o tornam heterogêneo. Assim considerando a análise, neste trabalho, está voltada para a maneira como estes sujeitos pacientes, ao serem convocados a expressarem seus conteúdos emocionais, lidam com as influências decorrentes da presença de outros sujeitos visíveis em seus discursos; revelados pela recorrência de discursos relatados e discursos consolidados socialmente, expressando as formações ideológicas que neles transparecem, e ainda, em meio a isto, como a discursividade responde a necessidade de manutenção da coerência discursiva.

Palavras-chave: Psicoterapia. Formação discursiva. Subjetivação.

SOUSA Sirley Aparecida de. **Um olhar sobre a discursividade do sujeito em psicoterapia.** 2009. 144 fls. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

ABSTRACT

The present assignment has the objective to analyze the filed discursivity during the process of psychotherapy of subjects with high depression. That dues to this psychological state subjects that were submitted in a treatment guided by the referential Psychoanalyse theory, as that the patients are guided to speak freely with the motif of doing that the unconscious feelings and thoughts can reveal in a spontaneous form. This way, the discourses here analyzed are found associated with this orientation, however, they differ of the common due to being written by the subjects themselves outside the session's time, this serves as a complement for those. This is about the taken and analyzed discourses based on the psychoanalytic theory, having as objective contribute with the therapeutic process of its announcers and that after were used to help in researches viewing the improve in the comprehension of the psychological structure of patients with similar problems. The analyzed presented was got by the theoretical proposes of the discursive analyses of French line, for this we know that the same come back to the comprehension of discursive formations that bring in its set the behavior modification through the socio-historic context that the announcer belongs. Because of this, in this assignment, the analysis is back to the way how this patients, when convoked to express their own emotional contend, can deal with the influences in the presence of other visible subjects in their discourses, showed by the recurrence of the related discourses, social established, expression of ideological formation, and, among that, how these subjects react to the necessity of be discursive coherent.

Key-words: Psychotherapy. Discursive formations. Subjectivities.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 - REFERENCIAL TEÓRICO	15
1.1 ANÁLISE DO DISCURSO	15
1.1.1 Ponto de Partida.....	15
1.1.2 Heterogeneidade do “Eu”	21
1.1.3 Ideologia e a constituição do “EU”	27
1.1.4 Formação do “Eu” enquanto Sujeito	32
1.1.5 Algumas condições relativas à Produção Discursiva	36
CAPÍTULO 2 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	39
2.1 METODOLOGIA DE PESQUISA.....	39
2.2 SOBRE O TRABALHO CLÍNICO.....	40
2.2.1 Sobre o Sujeito/Paciente1	42
2.2.2 Sobre o Sujeito/Paciente2	43
2.2.3 Sobre o Sujeito/Paciente3	43
2.3 SOBRE O CORPUS	44
2.4 PROCEDIMENTOS DISCURSIVOS ANALISADOS	45
CAPÍTULO 3 – MODALIDADE ESCRITA DO DISCURSO DE PACIENTES EM PROCESSO PSICOTERAPÊUTICO	47
3.1 MODALIDADE DISCURSIVA	47
3.1.1 O Discurso do Sujeito: posição paciente	49
3.1.2 Lugar do Terapeuta: posição do Sujeito previamente estabelecida	52
3.2 O MÉTODO DA LIVRE ASSOCIAÇÃO	54
3.3 A ESCRITA.....	55

CAPÍTULO 4 – PROCESSO ANALÍTICO E DISCURSO	57
4.1 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	57
4.1.1 A participação do Outro relatado no Discurso	59
4.1.2 Autoridade de Discursos Consolidados	73
4.1.3 Sobre a presença da Formação Ideológica.....	85
4.1.4 Em busca da Coerência.....	109
CONSIDERAÇÕES FINAIS	142
REFERÊNCIAS	151

INTRODUÇÃO

Este trabalho origina-se da necessidade intelectual de uma profissional que busca novos conhecimentos para serem agregados à sua formação. Formação que conta com a graduação em Psicologia e especialização em Psicanálise, sendo esta uma revisão das teorias que embasam o atendimento clínico vinculado a linha de atuação da Psicologia. Tal pesquisa promoveu um resgate teórico do caminho trilhado pela teoria Psicanalítica desde as descobertas de Freud até as percepções de Lacan, considerando que os estudos deste último abrangeram, entre outras coisas, os estudos linguísticos.

Tais conhecimentos foram adotados como norteadores de um trabalho clínico de mais de dez anos, tempo que possibilitou o desenvolvimento de posicionamentos diante das necessidades dos pacientes, vinculados a estas teorias, mas que permitiram, por exemplo, a extensão da abrangência das sessões de atendimento, sem, na verdade, que estas tivessem seu tempo de duração alterado. Para isto, é pedido aos pacientes que relatem por escrito suas demandas emocionais fora do horário de suas sessões e que as entreguem juntamente com os conteúdos narrados nessas, pois as análises se darão considerando a junção destes discursos.

Interpelados por este pedido, os sujeitos trazem relatos de diversos momentos de seu cotidiano. Impelidos pela possibilidade de ampliação do contexto clínico, lavraram seus discursos procurando retratar com fidelidade os movimentos associativos pelos quais seus inconscientes transitavam. Dessa forma, conceitos fundamentais da perspectiva psicanalítica devem ser considerados quando se observa tais produções. São conceitos que regem a percepção do contexto clínico e que devem ser transferidos para a percepção dos relatos, sendo que o principal deles encontra-se vinculado à possibilidade de depositar, nesta relação, sentimentos e conflitos da forma com que eles estão montados dentro da mente dos sujeitos. É por isto que, em várias passagens, esses relatos podem aparentar confusão, mas trata-se de uma confusão da qual os sujeitos tentariam disfarçar caso estivessem expressando-se para um enunciatário que não fosse seu analista.

Com esta perspectiva em vista, a análise clínica seguiu seu curso. Contudo, com uma observação mais cuidadosa sobre os relatos, notou-se que outras perspectivas analíticas ampliariam o conhecimento já obtido sobre a dinâmica

psíquica de seus autores, sobre o transparecer de suas relações sociais e, inclusive, sobre as influências que elas exerciam nos comportamentos desses pacientes.

Toda essa percepção, associada ao conhecimento dos estudos efetivados por Lacan, promoveu uma aproximação com teorias voltadas para a compreensão das manifestações linguísticas, para que fossem agregadas à noção de uso da linguagem como retrato da estrutura psicológica de um sujeito. Aproximação que encontrou retorno considerável quando foi promovida a análise dos textos sob a perspectiva analítica da Análise do Discurso de linha francesa, ocorrência que foi capaz de sustentar o desenvolvimento de uma análise que culminou na construção desta dissertação de mestrado.

Dissertação que conta, em seu primeiro capítulo, com o resgate teórico desta linha de pesquisa, considerando os estudos do discurso que abrangem as contribuições de Saussure e a sua percepção da linguagem como capazes de ampliar a compreensão do funcionamento, tanto da língua quanto da fala; caminhando, posteriormente, para Bakhtin, que instaura a compreensão da língua enquanto processo social e, portanto, dialógico, intimamente condicionado ao contexto sócio-histórico e ideológico.

Apresenta, ainda, uma reflexão sobre como a concepção bakhtiniana, inaugura um processo perceptivo que resulta em uma nova compreensão da construção discursiva do sujeito do discurso, que passa a ser visto como detentor de assimilações e reproduções, as quais traduzem o momento sócio-histórico e ideológico a que ele encontra-se inserido.

Outro aspecto desenvolvido neste primeiro capítulo relaciona-se à heterogeneidade, conceito que condiciona de modo irrefutável o desenvolvimento de uma formação discursiva, considerando ser esta parte de um longo processo de múltiplas interpelações sócio-históricas, com volume e variedade capazes de sustentar pensamentos, sentimentos e percepções de um sujeito. No entanto, a formação discursiva heterogênea se torna a base daquilo que o sujeito reconhece como sendo ele mesmo.

Posteriormente, é feito um resgate das teorias que envolvem a percepção da formação ideológica, aspecto fundamental para se explicitar a formação discursiva dos sujeitos sociais que lidam com o simbólico contido nas construções linguísticas.

Construções que determinam os dizeres fragmentados pelos lugares

sociais, criando estereótipos decorrentes das classes sociais, lugar de exposição à assujeitamentos que os colocam em lugares que são sentidos como parte deles, como se fossem inerentes a eles, visto serem, bem como suas concepções, o que estabelecem suas identidades.

Outro ponto observado é o processo que marca o desenvolvimento da organização da estrutura psicológica de cada sujeito, a qual, neste trabalho, é revisada, quando se discute a formação do eu enquanto sujeito, buscando-se, nas teorias freudianas, mecanismos que permitam a compreensão da posição do sujeito que se forma ao longo das interpelações. Neste resgate teórico, é considerada a formação do ego, do superego e do *id*, como partes da estrutura psíquica dos sujeitos e, ainda, aborda-se a maneira como essa estrutura interage com a realidade que está à sua volta, ponderando-se que este sujeito vive em sociedade, sendo influenciado e influenciando a todo instante.

Outro ponto levantado neste primeiro capítulo relaciona-se à instauração do sujeito enquanto sujeito social capaz de realizar trocas discursivas no contexto em que elas estão inseridas, ao mesmo tempo que precisa subjetivar-se e se sentir capaz de construir algo que lhe dê a sensação de que tem identidade própria.

O segundo capítulo aborda o desenvolvimento metodológico aplicado neste trabalho, considerando-se todo o trajeto percorrido antes mesmo do vislumbrar de uma dissertação. Assim é descrita a coleta do material e o condicionamento desta à prática clínica, para, posteriormente, explicitar como se deu a descoberta desta linha de pesquisa e sua contribuição analítica ao trabalho já desenvolvido, até se chegar à realização desta dissertação de mestrado.

Em seguida, é retratada um pouco da história de cada um dos três sujeitos que colaboraram com este trabalho ao liberarem seus escritos para que fossem analisados fora do contexto clínico. Procurando mostrar algumas condições que envolvam a sua vida, sejam elas materiais ou afetivas e que, de alguma maneira, são citadas em seus depoimentos, incluídos os componentes psicológicos ligados à depressão, o que é um ponto comum na situação dos três sujeitos.

Posterior a isso, aborda-se a escolha do *corpus* e dos procedimentos discursivos a serem analisados, sendo que aqui eles se encontram apenas listados: o discurso relatado; o uso de provérbios e *slogans*; a implicação das formações ideológicas; e a coerência discursiva que se organiza a partir da

presença de tais procedimentos no discurso do sujeito que, neste caso, é um paciente em tratamento psicológico.

O capítulo seguinte traz a compreensão da modalidade em que se produziram esses relatos, a qual foi definida como pertencente ao subgênero: depoimentos de pacientes em processo psicoterapêutico. Tal definição auxilia na delimitação de aspectos peculiares, uma vez que os relatos carregam as interpelações do contexto clínico, incluindo assim procedimentos ligados a um método utilizado na prática clínica Psicanalítica, à condição de sujeito em tratamento e à relação estabelecida com o analista. Nesta mesma linha de raciocínio, é abordada a posição do analista, que devido ao domínio de técnicas que o capacitam esforça-se por neutralizar sua perspectiva de sujeito e sua necessidade de subjetivar ou de reafirmar sua identidade, tornando a sua interferência no discurso do sujeito paciente apropriada àquele contexto.

Para finalizar este capítulo, encontram-se explicitadas certas características do método empregadas pela psicanálise como meio facilitador para a liberação de conteúdos psíquicos que, de alguma forma, tenham sido reprimidos.

Na sequência da dissertação, são expostos alguns dados relativos ao desenvolvimento da escrita, visando apontar a importante relação que esse ato mantém com o desenvolvimento social do enunciador, bem como os processos cognitivos, a que este é condicionado para sua apreensão e utilização.

O quarto capítulo traz algumas considerações sobre como o pesquisador direciona suas análises, que, agora, são embasadas nas propostas da Análise do Discurso de linha francesa. Esclarece os posicionamentos presentes nos depoimentos, admitindo-se que estes se constituem pela presença de estruturas discursivas nas quais despontam representações vinculadas à estrutura psicológica de cada sujeito, o que justifica que os relatos sejam transcritos integralmente. Contudo, é conveniente lembrar que neste trabalho não é realizada uma análise com base nas teorias psicanalíticas e não se pretende colocar as teorias que embasam a Análise do Discurso de linha francesa em uma posição de confrontação com a primeira, trata-se de uma tentativa de ampliação possível para o olhar do analista.

A primeira análise volta-se para o emprego do discurso relatado nos textos produzidos pelos três sujeitos, mecanismo discursivo que se mostra revelador quando desnuda percepções que os sujeitos têm de suas relações sociais. Apontando carências e necessidades relativas à interação com outros sujeitos.

A análise seguinte está voltada para a maneira como os discursos reconhecidos socialmente, recorrentes no discurso dos três sujeitos, estavam dispostos dentro dos textos analisados. Já que esta disposição permitiu a revelação de conteúdos cuja percepção não é imediata, mas de grande importância para a complementação das análises.

Na sequência, apresentam-se as análises relacionadas às formações ideológicas (FI), explicitadas ao longo dos textos dos sujeitos/pacientes, considerando o fazer discursivo necessário para sua exposição e influências nos estados emocionais narrados pelos sujeitos. Além disso, é abordado um pouco da possível motivação que a fez ser considerada e retratada naquele texto.

Por fim, são tratadas as coerências discursivas resultantes das formas de construção escolhidas por cada sujeito, no qual se percebe que os três sujeitos, cada um de sua maneira e segundo suas possibilidades, trilharam percursos discursivos semelhantes. Todos mostram, por diversas vezes, a tentativa de alcançar racionalmente a amenização de seus sofrimentos emocionais para que os ajude a sair da posição de sujeitos depressivos, em que vivem, e a partir da qual olham o mundo.

No último capítulo procura-se esclarecer, em meio a todos estes aspectos levantados, o desenrolar das construções emocionais dos sujeitos pacientes e as formas de representação do discurso adotadas nos depoimentos por eles apresentados. Para isso, é considerado relevante o entrelaçamento do conteúdo emocional e a manobra discursiva da qual os relatos se mostram condicionados, isto é, a partir da ideia de Lacan que relaciona o movimento inconsciente às diferentes formas de linguagem.

CAPÍTULO 1 REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 ANÁLISE DO DISCURSO

1.1.1 Ponto de Partida

O conhecimento científico relacionado aos estudos linguísticos percorreu um longo processo de descobertas e desenvolvimentos para chegar ao que se apresenta hoje como estudo da linguagem, agregando à sua abrangência sucessivas contribuições teórico metodológicas. Uma parte dessas contribuições foi desenvolvida por Saussure, linguista que apresentou uma concepção a respeito da linguagem e ampliou a compreensão do funcionamento da língua e da fala. Segundo tal concepção, a língua deve ser percebida como um sistema com características basicamente fixas, já a fala, por ser individual, deve ser vista a partir de sua sujeição a constantes variações.

A este respeito, Orlandi (2006, p. 14) comenta que, para Saussure, “a língua é um sistema onde tudo se mantém” e que, por ser um fato social, precisa de constantes em seu conjunto simbólico, ao passo que a fala, por estar ligada ao momento histórico e pertencer ao indivíduo, admite variações. Orlandi, no mesmo texto, diz que, com a sua proposição, Saussure separa “ao mesmo tempo o que é social e o que é histórico”, influenciando os estudos da linguagem daquele momento que, acompanhando este raciocínio, organizaram-se nesta direção dicotômica.

Contudo, novas formas de perceber a linguagem foram surgindo e, com isto, seu estudo foi se modificando até alcançar uma percepção na qual essa dicotomia começou a perder sentido, culminando na compreensão de Bakhtin (2004), que relaciona a natureza da linguagem ao cunho social que envolve também a língua e não somente a fala, como analisava Saussure. Isso coloca a visualização dos dois eixos, língua e fala, relacionados ao contexto em que se inserem, de maneira tal que podem influenciar e ser ao mesmo tempo influenciados por este.

A linguagem passa a ser vista a partir de uma teoria que envolve a enunciação, considerada em meio às trocas que a circunda, como Bakhtin (2004, p. 112) deixa claro quando comenta que qualquer “que seja o aspecto da expressão-

enunciação considerado, ele será determinado pelas condições reais da enunciação em questão, isto é, antes de tudo pela situação social mais imediata”. Desta forma, o estudo da linguagem avança da análise de um ato de comunicação em si dentro da qual a língua é vista como um sistema operacional de concretização da fala, para uma análise que considera a relação existente entre a língua e a linguagem, configurando uma análise não dicotômica, capaz de promover a valorização do contexto sócio-histórico e ideológico, bem como das enunciações consideradas como discursos. Resultando, assim, uma maior percepção do reflexo decorrente da interação entre os sujeitos nas mudanças linguísticas.

Esta nova abordagem evidencia que dentro de um ato comunicativo existe sempre uma construção social. Brandão (1993, p. 10) comenta sobre essa evolução nos estudos dos signos linguísticos, cuja percepção passa de um olhar “inerte” e “abstrato”, para o “dialético, vivo, dinâmico”, fato que abre novos caminhos para a evolução dos estudos que se seguiram, tal qual fez a concepção anterior desenvolvida por Saussure. Ela especifica que: “Da concepção de signo lingüístico como ‘sinal’ inerte que advém da análise da língua como sistema sincrônico abstrato, passa-se a uma outra compreensão do fenômeno, à de signo dialético, vivo, dinâmico”. (BRANDÃO, 1993, p. 10).

A partir disto, a enunciação é vista como discurso e pode ser considerada dentro de uma troca dialógica, para a qual o processo enunciativo não é isolado, pressupondo antecedentes e suscitando alterações que expõem seu contexto em conjunto com a repetição linguística necessária para a elaboração do que se quer enunciar. Percebida como um ato de expressão social, a linguagem deixa de ser estudada pelas marcas dos símbolos que a caracterizam, e é considerada por seu aspecto interativo.

Dentro desta perspectiva, a mesma língua que é construída antes do nascimento do sujeito que a enuncia, e é adquirida ao longo de um processo de aprendizado, - processo que abrange muito mais do que aprender símbolos -, é utilizada por ele no ato enunciativo em que a posição de sujeito social encontra-se projetada, deslocando-se de sua constituição para a própria construção linguística.

Os signos linguísticos, dentro da construção discursiva, assumem o lugar de representantes das coisas que estão à sua volta, representantes simbólicos dessas coisas, marcados pelo contexto em que estão inseridos e o qual refletem, sem desprezar a expressão

da posição sujeito já mencionada, posição essa instaurada na tentativa do enunciador de marcar seu lugar dentro do ato enunciativo. Isto tudo, enquadrado na estrutura do funcionamento linguístico, fornecido como suporte para a montagem do discurso, é compreendido como meio de manutenção de uma relação de interlocução, fundamental nas relações humanas.

Esta concepção dos signos linguísticos com o *status* daquilo que eles representam tanto para o sujeito quanto para seu meio social, projetados nas construções discursivas, amplia a análise linguística que passa a abarcar os conteúdos implícitos dentro desses simbolismos. Conteúdos que variam segundo o uso que se faz deles, para assim retratarem diferentes percepções da realidade, já que, no intervalo situado entre o real e seu correspondente simbólico, construções diversas acabam por acontecer.

Brandão (1993) afirma que:

A linguagem enquanto discurso não constitui um universo de signos que serve apenas como instrumento de comunicação ou suporte de pensamento; a linguagem enquanto discurso é interação, e um modo de produção social; ela não é neutra, inocente (na medida em que está engajada numa intencionalidade) e nem natural, por isso o lugar privilegiado de manifestação da ideologia. (BRANDÃO, 1993, p. 12).

Com essa perspectiva ampliada sobre a linguagem na condição de discurso, os estudos a respeito dela acabaram por desenvolver a chamada escola francesa de Análise do Discurso (AD), que apresenta um campo de atuação mais definido, direcionado por critérios bem específicos com pressupostos teóricos e metodológicos que conjugam a História, a Sociologia, a Psicologia, etc. Como explica Orlandi (2002), a Análise do Discurso passa a mirar a “compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos”, como ganha significado quando utilizado “para e por sujeitos” e ainda como esses símbolos, já em meio ao texto, podem ser interpretados e “relaciona sujeitos e sentidos”. Ela resume assim tal pensamento:

Em suma, a Análise do Discurso visa à compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos. Essa compreensão, por sua vez, implica em explicar como o texto organiza os gestos de interpretação que relaciona sujeitos e sentido (ORLANDI, 2002, p. 26-27).

O sujeito social, presente no discurso a ser analisado sob essa concepção, só pode ser percebido enquanto autor de escolhas simbólicas, o que se

dá na enunciação, ou seja, a partir do lugar em que ele materializa toda sua formação social. Assim posicionado, ele passa a marcar sua existência confrontando-se com as muitas outras vozes que perpassam as suas.

No caminho que este sujeito percorre até chegar a concretizar sua enunciação, muitas vozes se entrecruzaram à sua e participaram da composição de seu saber discursivo, constituindo uma formação cujo signo linguístico predominante na representação do simbólico, tão importante na construção do sentido, encontra-se condicionado ao momento sócio-histórico e ideológico, submetido às determinações desse momento. Contudo, os sujeitos vivem em pequenos espaços onde diferenças sociais marcam singularidades e, ainda, onde variações ocorrem e são projetadas nas enunciações, resultando em elementos produtores de novas trocas entre os sujeitos, às quais se justificam dada a massa de influências a que cada sujeito encontra-se exposto.

Ao se expor dessa maneira, o sujeito e sua formação discursiva ficam condicionados às interpelações decorrentes das trocas enunciativas, compostas por símbolos que representam algo e cujo sentido se construiu socialmente, deu-se submetido a uma interpretação subjetiva, produzida segundo a influência de uma ideologia. Tal processo fornece ao sujeito mecanismos que contribuem na constituição de sua posição social enquanto agente subjetivador, que recebe os símbolos e seus sentidos, mas que também se vê na posição de participar da exposição de sentidos presentes na língua-fala.

Brandão (1993, p. 38) afirma ser no discurso que a ideologia se materializa, acrescentando ainda que, o discurso é “uma espécie pertencente ao gênero ideológico” e mais, que se pode concluir que os sujeitos são governados por formações ideológicas presentes nos discursos a que eles são submetidos quando se comunicam, e por se comunicam a todo instante, eles estão permanentemente sujeitos à formações ideológicas. Seguindo esse raciocínio, ela esclarece que:

Constituindo o discurso um dos aspectos materiais de ideologia, pode-se afirmar que o discurso é uma espécie pertencente ao gênero ideológico. Em outros termos, a formação ideológica tem necessariamente como um de seus componentes uma ou várias formações discursivas interligadas. Isso significa que os discursos são governados por formações ideológicas. (BRANDÃO, 1993, p. 38).

Baseado nisso, percebe-se que as formações ideológicas são concomitantes às formações discursivas, fazendo-se determinantes nas enunciações e nas trocas discursivas que ocorrem em todos os momentos, instaurando-se em tudo que é dito, depois dito novamente, dito incansavelmente por inúmeros sujeitos e retomados por eles, os quais, por assim ser, tornam-se incondicionalmente assujeitados pela linguagem, lugar da apreensão dos sentidos e da interpretação baseada em formações constitutivas ideologizadas.

Conforme afirma Orlandi (2002, p. 22):

No funcionamento da linguagem, como veremos, o seu sujeito é constituído por gestos de interpretação que concernem sua posição. O sujeito é a interpretação. Fazendo significar, ele significa. É pela interpretação que o sujeito se submete à ideologia, ao efeito da literalidade, à ilusão do conteúdo, à construção da evidência dos sentidos, à impressão de sentido já - lá.

Apreendendo os sentidos ao mesmo tempo que aprende a linguagem, o sujeito fica com o crédito do pensamento e desenvolve o que lhe dá a sensação de identidade, de singularidade. Configura-se, assim, um jogo no qual o sentido acontece para o sujeito e para seu interlocutor, uma vez que o velho, o já dito pode adquirir um sentido renovado com a mistura que sofre das influências que o sujeito recebe com suas trocas verbais, em que o velho e o atual mostram sua proximidade.

Porém, esta disponibilidade discursiva se apresenta ao sujeito no ato da enunciação, expondo aquilo que nos estudos linguísticos é chamado de paráfrases, em conjunto com a chamada polissemia. O que caracteriza a paráfrase é o fato de que em todo dizer algo se mantém; e a polissemia, é a ruptura com o mesmo para fazer-se diferente, admitindo para isto várias influências que assumem a pluralidade e a multiplicidade dos sentidos.

Nesta conjugação do mesmo com o diferente, fazendo uso da linguagem, os sujeitos enunciadores têm a impressão de que recriaram sentidos e, em meio ao condicionamento imposto pela formação ideológica, estão significando e se sentindo donos de si. Apresentam-se como dotados de uma formação que lhes assegura uma direção na participação discursiva a que se propõem a desenvolver na companhia de outros sujeitos.

Desta forma, evidencia-se o fato de um sujeito ser assujeitado em seu processo de aprendizado, processo que garante uma base para a construção de

sua composição linguística, e confirma ser o discurso produzido por um agente produto da sociedade em que está inserido. Um sujeito de discurso retira suas verbalizações e sentidos que enuncia de idéias já existentes, fazendo a sua reprodução por ter sido interpelado, por precisar se comunicar e, principalmente, para se sentir no comando dos seus pensamentos representados por essas verbalizações. Contudo, busca dar outro formato ao que enuncia e, assim, assegura a impressão de identidade, autonomia e coesão.

Trabalhar esse equilíbrio entre a representação do signo, as representações subjetiva sócio-histórica e ideológica e construir uma identidade representa a busca que permeia a vida humana, a qual, de uma forma inusitada, apenas pode se concretizar na linguagem e pela linguagem. Brandão afirma que:

É porque constitui o sujeito que a linguagem pode representar o mundo: porque falo, aproprio-me da linguagem, instauro a minha subjetividade e é enquanto sujeito constituído pela linguagem que posso falar, representar o mundo. (BRANDÃO, 1997, p. 37).

Todavia, esse processo implica na formação de graus de assujeitamento, o que Brandão (1997, p.41) menciona como a formação de diversos níveis de incorporação das formações ideológicas, os quais são também admitidos pela psicanálise. Num deles, de forma inconsciente, o aprendido é absorvido e a fonte de sua origem é reprimida, fazendo com que o sujeito não se recorde mais dela, ao mesmo tempo que mantém o padrão de sentido que é necessário para sua reprodução. Outro nível é o pré-consciente ou ainda o consciente, em decorrência do qual o sujeito reconhece que compartilha socialmente as ideias que expressa, algumas vezes, até sabendo identificar suas origens, tendo a possibilidade de fazer escolhas dentro delas, além de ter a impressão ilusória de controlar seus pensamentos e a expressão verbal que os representa.

Tudo o que está inconsciente, bem como o que está pré-consciente ou consciente, compõe a formação discursiva desse sujeito e é a partir dela ou delas (normalmente ele sofre várias influências) que o sujeito segue com sua crença no fato que consegue realizar uma leitura acerca da realidade e a partir desta leitura consegue intervir sobre ela.

O fato de o sujeito estar em meio a uma sociedade que impõe interação constante faz com que ele sofra influências também constantes e, como foi visto, de várias formações discursivas, representando mais um aspecto que se vê

forçado a conciliar, isto é, a multiplicidade de sua formação e a heterogeneidade acaba por fazer parte dele, de que se constitui naturalmente.

Contudo, essa condição heterogênea da integridade discursiva do sujeito implica na absorção de contradições que transparecem nas verbalizações elaboradas por ele de diversas maneiras, mas que, de qualquer forma, denunciam a formação ideológica a que esteja se reportando tal construção discursiva, e que está, assim, constituindo este sujeito. Implica, ainda, na presença de fissuras, fragmentações e de inquietações que as muitas influências podem fabricar, já que nem sempre elas interagem em concordância e de forma harmoniosa.

Mas, em meio a tudo isto, uma necessidade permanece: a de que o sujeito precisa construir sua identidade, e de que esta identidade fica obviamente condicionada à possibilidade de conciliar as tais influências heterogêneas referidas anteriormente, de modo a sentir-se coeso e se identificar com aquilo que é chamado de “eu” pelo sujeito. Como diz Brandão (1993, p. 56), com “a descoberta freudiana o eu perde a sua centralidade, não sendo mais “senhor de sua morada””.

Porém, senhor ou não, a ilusão de um eu é normal, parece ser necessária, sendo que instintivamente o que o sujeito visa é assegurar sua sensação de existência, de autodeterminação, o que não o impede de procurar decifrar o que há nas fissuras, juntar os fragmentos e resolver as contradições. Na verdade, em muitos casos, a busca pela determinação de um “eu” o impele a isto, possibilitando o encontro com seu inconsciente, à confrontação com o(s) outro(s) “eus” de sua composição, aqueles que, na verdade, são o(s) Outro(s) sujeitos assimilados pelo sujeito da enunciação em seu processo de formação.

1.1.2 Heterogeneidade do “Eu”

Exceto quando dentro de uma patologia, ou seja, uma doença que imponha outra percepção de si mesmo, é o eu que representa a fala de um dado sujeito, porém, esse sujeito precisa percorrer um longo caminho até conseguir constituir essa fala e tudo que a acompanha, como as representações simbólicas por meio das quais ela se consolida.

Assim, uma fala é a transcrição do que o sujeito assimilou ao longo de sua existência, do momento sócio-histórico e ideológico ao qual pertence,

juntamente com aquilo que ele percebe necessário no momento da interlocução, incluindo o que o seu interlocutor representa naquela troca verbal ou o que ele acha que o este representa.

Dessa forma, a fala não é mais fala e sim discurso em uma cadeia de múltiplas e intermináveis influências, extremamente necessárias para a interação social. Brandão (1993, p. 49) comenta que a “fala é um recorte das representações de um tempo histórico e de um espaço social”, que é lançada num espaço-tempo ligada ao contexto que a insere, retratando justamente esse conjunto. Ele fala sobre isto da seguinte maneira:

Sua fala é um recorte das representações de um tempo histórico e de um espaço social. Dessa forma, como ser projetado num espaço e num tempo e orientado socialmente, o sujeito situa seu discurso em relação aos discursos do outro. Outro que envolve não só o seu destinatário para quem planeja, ajusta a sua fala (nível intradiscursivo), mas que também envolve outros discursos historicamente já constituídos e que emergem na sua fala (nível interdiscursivo). (BRANDÃO, 1993, p. 49).

É como se uma teia envolvesse o sujeito, e que nela estive interligado seu passado, seu presente e seu futuro, projetado na construção verbal de cada momento que ele precisa enunciar. Mas, ao mesmo tempo, é justamente o fato de poder enunciar que confere ao sujeito sua percepção de possuir identidade, e que ela está no controle desta verbalização, portanto, configurando o suposto “eu” ali apresentado, suposto pela ilusão que se apodera dele, de ser proprietário de seu próprio dizer. É a atribuição de propriedade acontecendo quando se aceita o domínio, ainda que mínimo, do ato verbal de um sujeito a ele mesmo, ou ao seu “eu”, ao passo que, para a concretização de um discurso, o sujeito precisa estar “contaminado” por outros “eus” que se diluem em seu dizer, mas que não deixam de se fazerem presentes.

Essa vasta constituição não é, necessariamente, percebida pelo sujeito enquanto componente obrigatório de sua formação discursiva, componente configurador de sua construção linguística nada homogênea, nada simples, mas que vem camuflada pelo uso do pronome pessoal, o qual parece ser necessário para configurar a expressão de uma identidade, construindo um lugar onde cada sujeito se específica, distingue-se do outro e se sente único.

Para Brandão (1993, p. 56-57):

Impossibilitado de fugir da heterogeneidade constitutiva de todo discurso, o falante, ao explicitar a presença do outro através das marcas da heterogeneidade mostrada, expressa no fundo seu desejo de dominância. Isto é, movido pela ilusão do centro, por um processo de denegação em que localiza o outro e delimita o seu lugar, o falante pontua o seu discurso, numa tentativa de 'circunscrever e afirmar o um'.

Assim, a não homogeneidade é de extrema importância para a construção do discurso, e ao mesmo tempo é importante para o reconhecimento que o sujeito faz de si mesmo, de sua personalidade, e da coesão discursiva desta representação, visto ser por meio dela que surge a possibilidade de subjetivar.

As marcas da heterogeneidade que aparecem nos formatos mais variados, que, como foi dito, podem ser claras ou não, podem também serem reveladas dentro de um processo analítico, justamente porque são anunciadas pelo sujeito, são deixadas como vestígios de sua constituição. Algumas são reconhecidas pelo próprio sujeito como sendo vozes de outrem, a ponto dele tornar isto claro para seu interlocutor, já em relação a outras, o reconhecimento se faz pela observação e análise, contudo, o que se pode afirmar é que fugir da repetição é algo improvável dentro do sistema linguístico.

Brandão (1998, p. 127-128) esclarece a existência de “um processo de reconfiguração incessante” do sujeito na prática de seu fazer discursivo levando-o a:

1. incorporar elementos pré-construídos produzidos no exterior dele próprio, provocando sua redefinição ou seu simples retorno;
2. mobilizar a memória discursiva para suscitar a lembrança de seus próprios elementos, organizando sua repetição ou provocando eventualmente seu apagamento, seu esquecimento ou mesmo sua denegação. (BRANDÃO, 1998, p. 127-128).

Sendo assim, marcas enunciativas são encontradas invariavelmente e denunciam a formação que constitui o discurso apresentado pelo sujeito, ou suas formações discursivas, fazendo transparecer o jogo do interdiscurso, segundo o qual o sujeito falante precisa reconhecer os limites a que está submetido e os conjuntos de formulações facilitadoras do contato com seu meio, e que, como menciona Brandão (1998, p. 126), determina “o que pode e deve ser dito”.

É comum para o discurso ser constituído por várias formações, pois

o sujeito será interpelado, a todo o momento, por diferentes sujeitos e, conseqüentemente, pelas diferentes formações discursivas desses sujeitos, representantes de diferentes formações ideológicas, ele terá que responder a isto, interagindo com essas. Assim, quanto mais ele for assujeitado por tais interpelações, mais ele ampliará a extensão da teia que compõe sua formação discursiva. Esse fato, por sua vez, subsidiará o desenvolvimento incessante que compõe esse processo de trocas.

Ao verbalizar, o sujeito não dispõe de liberdade, mas é constrangido pelas limitações de todo o seu contexto, o que o impele de realizar escolhas segundo as opções determinantes da formação discursiva já constituída. Sendo que, justamente, as trocas discursivas constantes que colocam o sujeito como assimilador de incontáveis formações, de tal modo que, se ele tiver que remeter-se à sua origem em cada construção discursiva, correrá o risco de perder a sensação de ser dono de uma identidade. Isto porque, a princípio tudo o que o sujeito possui é, na verdade, do outro, veio do externo e agora se encontra no interno, na memória discursiva do sujeito e em sua formação enquanto sujeito social.

Assim, remeter-se em cada momento a que é interpelado à origem de sua discursividade, fragmentaria excessivamente o discurso pronunciado. Dessa forma, entram em ação os chamados esquecimentos que, para Orlandi (2006, p. 21) apresentam-se de duas formas:

O esquecimento número 1 é chamado esquecimento ideológico e é inconsciente. É da ordem de constituição do sujeito e do sentido. O esquecimento número 2, que é da ordem da formulação. O sujeito esquece que há outros sentidos possíveis. (ORLANDI, 2006, p. 21).

Com o esquecimento número 1, o sujeito se inscreve na formação discursiva, construindo a “ilusão” de que aquele discurso se originou a partir de si; já com o esquecimento número 2, que é enunciativo, é preciso que o sujeito descarte os outros sentidos de cada paráfrase a que ele recorre para produzir a “impressão de realidade do pensamento, como se houvesse uma relação termo a termo entre o que digo, o que penso e a realidade a que me refiro”. (ORLANDI, 2006, p. 21).

Esses esquecimentos não implicam no sumiço da informação da constituição do sujeito, mas sim num repasse de informações para outro extrato, a chamada memória discursiva que envolve todo o saber que o discurso contém e todo o múltiplo discurso que o compõe, derivado do já dito. Orlandi (2006, p. 21)

esclarece que “por isso é que podemos afirmar que a memória discursiva é constituída pelo esquecimento”.

Numa construção discursiva, os já ditos são, a todo o momento, resgatados na formulação de um novo dizer, sendo, por esta razão, que se encontra constituída esta memória discursiva formada por esquecimentos, os quais se alimentam de um conjunto de enunciados provenientes dos contatos que o sujeito realiza. Essa presença é facilmente perceptível na análise da formação discursiva, mesmo em meio à reconfiguração extremamente trabalhosa que tantas influências forcem o sujeito a realizar, devido a sua necessidade de manter a coerência. (CARDOSO, 1999, p. 63).

A composição do interdiscurso depende das condições em que o discurso foi produzido e assimilado pelos interlocutores, o que inclui tanto o contexto imediato como o seu amplo contexto. Para Orlandi (2002, p. 30), o contexto imediato é a “circunstância da enunciação” e o contexto amplo é formado por influências “sócio-histórico, ideológica”. E mais, o interdiscurso está disposto no discurso mediante um condicionamento a este já dito, condicionamento a sua constituição discursiva, mas, paradoxalmente, ao fato de que o discurso já tem previamente um sentido e assim reconfigura os dizeres, misturando os diferentes dizeres, e inaugura o novo, o seu novo. Orlandi (2002, p. 32) afirma que: “Disso se deduz que há uma relação entre o já-dito e o que se está dizendo que é a que existe entre o interdiscurso e o intradiscorso ou, em outras palavras, entre a constituição do sentido e sua formulação”. (ORLANDI, 2002, p. 32).

Orlandi (2002, p. 34) comenta ainda que a língua e a história determinam o dizer e, de alguma forma, apenas alguns sentidos são selecionados, ligados pela ideologia ou pelo inconsciente, e outros são descartados, o que estabelece o caráter fortemente subjetivo desse processo linguístico, subjugando-se ao poder do simbólico-ideológico da qual as trocas verbais tanto necessitam.

Para constituir seu discurso, o sujeito precisa dessa posição de assujeitamento, precisa de uma formação discursiva, enfim, precisa da presença do interdiscurso compondo seu intradiscorso. O sujeito assimila os interdiscursos e constitui sua formação com estes outros discursos, mas, no momento em que constitui seu discurso, não tem como utilizar tudo o que assimilou ao longo de tanto tempo e, então, faz uso da relação mais coerente com o contexto discursivo imediato. Contudo, esta noção de coerência é permeada por diversos fatores que

estão ligados às condições de produção discursiva de uma maneira sócio-histórica e ideológica.

O sujeito social encontra-se em uma posição que lhe dá condição de desenvolver construções discursivas pertinentes em seu meio, por ter ocorrido com ele um processo de assujeitamento, graças ao qual, ao aprender a língua, fica condicionado aos recursos disponibilizados por ela para alcançar a expressão de tudo que ele vê e sente no mundo a seu redor. Orlandi (2006, p. 19) acrescenta que “o assujeitamento é a própria possibilidade de se ser sujeito. Essa é a contradição que o constitui: ele está sujeito à (língua) para ser sujeito de (o que diz)”.

Nesse processo necessário de assujeitamento a que o sujeito é exposto há uma formação discursiva que lhe serve nas formulações necessárias para sua interação social. Lugar de busca pela formação de uma identidade, onde é justamente pelo parecer coeso que se cria uma imagem homogênea de si para os outros sujeitos com os quais se comunica e, principalmente, para se identificar com esta imagem e poder considerá-la seu “eu”.

Em tal busca para encontrar o seu eu, o sujeito divide com a linguagem e seus recursos, as possibilidades estruturais, tanto linguísticas como psicológicas. Entretanto, ao mesmo tempo que a linguagem o limita, por fazer com que ele tenha que buscar nela os representantes daquilo que vê e sente, ela lhe garante a transmissão aproximada de suas percepções, já que a linguagem não se coloca como um sistema fechado ou estático, mas passível de variações, dentro da própria interação discursiva que o sujeito realiza, que podem ocorrer de inúmeras maneiras, sendo chamadas metadiscursos, um exemplo destas variações é a reiteração.

Recurso enunciativo que garante ao sujeito da enunciação a ampliação de suas possibilidades discursivas, e como Maingueneau esclarece é “um dispositivo que abre seus caminhos, que negocia continuamente através de um espaço saturado de palavras, palavras outras”.

Maingueneau (1993) refere-se a vários tipos de metadiscorso, desta forma:

- metadiscorso destinado a *construir uma imagem do locutor*, diferenciando-se eventualmente de uma outra: “para parecer erudito”, “para falar como os políticos”, etc.;
- *marcar uma inadequação dos termos*: “metaforicamente”, “de alguma forma”, “se é possível afirmar”, etc.;
- autocorrigir-se: “ou melhor”, “deveria ter dito”, olhe o que estou

- dizendo”, etc.;
- *confirmar*: “é exatamente o que estou dizendo”, etc.;
 - *solicitar permissão* para empregar certos termos: “se você me permitir a expressão”, etc.;
 - *fazer uma preterição*: “eu ia dizer”, “não direi”, etc.;
 - *corrigir antecipadamente* um possível erro de interpretação: “no sentido X da palavra”, “em todos os sentidos da palavra”, etc. (MAINGUENEAU, 1993, p. 93-94).

A organização enunciativa, com suas ratificações dentro de quaisquer das perspectivas acima, tem uma razão de ser, uma lógica reveladora da identidade almejada pelo sujeito. Escolhas que se articulam dentro do micro e do macro contexto, em que este encontra-se inserido, mostrando um trabalho constante por parte dele para estabelecer fronteiras que sejam pertinentes tanto para sua condição de identificação, quanto para a compreensão do interlocutor desta mesma identificação.

1.1.3 Ideologia e a constituição do “EU”

As marcas da heterogeneidade presentes nos discursos dos sujeitos, muitas vezes visíveis e tantas outras vezes disfarçadas, até mesmo pelo jogo do metadiscurso que permite reiteraões ao fazer discursivo, dão acesso, por meio do discurso, a uma melhor compreensão da constituição do “eu”. Contudo, muitos porquês ainda precisam ser buscados nas construções que exteriorizam esse “eu” e nas trocas discursivas construídas nas interações necessárias para o convívio social.

Um dos passos a ser dado está ligado à compreensão de que o dizer embutido em cada construção discursiva é resultado de uma construção sócio-histórica e ideológica, que se inicia no momento da nomeação de tudo aquilo que se encontrava no entorno dos sujeitos, no momento da substituição da necessidade da presença do real para a simples presença de seu correspondente simbólico.

É a transposição do imaginário contido nas formações discursivas, que são simbólicas, sobre a necessidade da presença do real, que, então, fica sujeito a variadas conotações.

Pois o que configura a discursividade de um sujeito surge deste simbólico embutido nas formações discursivas, fato que fragiliza tanto a representação quanto a interpretação desta e, ainda, abre margens para que outras

associações simbólicas se juntem ao mesmo fazer discursivo, dando aos sujeitos possibilidades diversas para as formulações de sentidos que podem, então, corresponder integralmente ao real, - se é que isto é possível – ou não.

Várias teorias tentaram esclarecer esse funcionamento complexo da construção dos sentidos e entender o dualismo existente entre o interior e exterior, presentes na constituição e formação de cada construção discursiva. A teoria da expressão, por exemplo, considera como sendo mérito do interno toda construção discursivo-ideológica de um sujeito. Segundo Bakthin (2004, p. 112), esta teoria fundamentou o primeiro pensamento filosófico-linguístico; contudo ele prescreve ser ela falsa, já que, para ele: “Não é a atividade mental que organiza a expressão, mas, ao contrário, é a expressão que organiza a atividade mental, que a modela e determina sua orientação”. (BAKTHIN , 2004, p. 112).

O aprendizado da expressão como fazer enunciativo não é um ato físico de emissão de um som que foi associado a um signo, mas sim um ato social de interação entre os sujeitos, que existe por ter propósitos bem estabelecidos, e ainda estar em meio a um contexto. É o que Orlandi (2002, p. 46) afirma quando discorre que “as palavras recebem seus sentidos de formações discursivas em suas relações.”.

E, como estas relações se dão do sujeito com o exterior, elas suscitam um tipo específico de construção a ser empregada, sendo que, sem a orientação social para o ato enunciativo e a atividade mental referente à sua organização, a construção discursiva perde sua relevância, e acaba por não satisfazer o sujeito, já que seu ato social precisa também do reconhecimento social. As construções discursivas ocorrem primeiramente em um nível mental e, ao mesmo tempo, realizam-se em um momento social, tornando o sujeito e sua identidade passíveis de reconhecimento condicionado às representações. Sendo assim, estas representações ganham uma imensa força, tanto dentro daquilo que está representando o sujeito enunciador quanto naquilo que, a partir do reconhecimento de sua identidade, o sujeito converte em ato social concreto, o que mostra que os sujeitos são movidos, em primeira instância, pelas construções imaginárias e não pelo seu correspondente real.

Tais construções desenvolvidas no campo do imaginário formam no sujeito a sua percepção da relação que este tem da realidade que o cerca, isto de uma forma que ele próprio nem mesmo percebe. A respeito dessa situação,

Althusser afirma que:

[...] não são as suas condições reais de existência, seu mundo real que os 'homens' 'se representam' na ideologia, o que é nelas representado é, antes de mais nada, a sua relação com suas condições reais de existência. É esta relação que está no centro de toda representação ideológica, e portanto imaginária do mundo real. É nesta relação que está a 'causa' que deve dar conta da deformação imaginária da representação ideológica do mundo real. Ou melhor, deixando de lado a linguagem da causa, é preciso adiantar a tese de que é a natureza imaginária desta relação que sustenta toda a deformação imaginária observável em toda ideologia (se não a vivemos em sua verdade). (ALTHUSSER, 1987, p. 87).

A relação do sujeito com o mundo, imposta a ele a partir de um contexto externo que foge ao seu controle, e do qual necessita dar conta para construir representações, como poder verbalizá-las e integrar-se a seu meio social, é um sistema que foi construído para ocupar esse espaço latente que existe entre o real e o imaginário. Isso ocorre em decorrência de que a sociedade se organiza considerando representações que, por terem um caráter subjetivo, são suscetíveis à modificação em sua interpretação, fato oriundo do momento histórico e ideológico vivido.

Dentro desse processo, o indivíduo assujeitado, resultado de representações subjetivas, interage com sua realidade, concretizando, materializando, toda essa construção e, como afirma Althusser, “[...] a ideologia da ideologia reconhece, apesar de sua deformação imaginária, que as ‘idéias de um sujeito humano existem em seus atos’”. (ALTHUSSER, 1987, p. 91).

Assim, as práticas dos sujeitos baseiam-se em uma concepção ideológica que se relaciona à formação imaginária representante da própria realidade, concepção que preenche a lacuna existente entre o real e sua representação, e que colabora no processo de assujeitamento pelo qual cada sujeito precisa passar quando vai aprender sua língua materna, modelo predominante no meio social em que ele está inserido.

Ao mesmo tempo que decorre desse processo, a ideologia o determina, acompanha esta lógica e se faz presente nas ações que derivam destas percepções, já que tais percepções delas dependem para se constituírem e se manifestarem, guiadas pela perspectiva ideológica que assujeitou o indivíduo, a qual acaba por fornecer condições para sua inserção no meio social.

Dentro deste processo permeado pelas formações ideológicas, segue o indivíduo assujeitando-se a cada momento por meio de suas trocas discursivas, sempre dentro do contexto social, sempre na relação com outros sujeitos. E, para que elas ocorram são utilizados, segundo Bakhtin (2004, p.115), “dois pólos, dois limites, dentro dos quais se realiza a tomada de consciência e a elaboração ideológica”, o que é chamado por ele de “*atividade mental do eu e atividade mental do nós*”.

Em decorrência da primeira, - a atividade mental do eu -, a assimilação ideológica fica absorvida chegando quase a uma “reação fisiológica do animal” e, por acontecer de maneira tão intensa, mascara “sua clareza e sua modelagem ideológica”, o que mostra “que a consciência foi incapaz de enraizar-se socialmente” e que o que se enraíza socialmente é a formação ideológica. Já a segunda, - a atividade mental do nós -, refere-se ao que Bakhtin chama de “atividade de caráter primitivo, gregário: é uma atividade diferenciada”, em que a consciência e a ideologia adquirem maior volume, fazendo com que o sujeito fique mais estabilizado em sua orientação social. (BAKHTIN, 2004, p.115).

A atividade mental que se refere ao nós abre espaço para diferentes graus e diferentes tipos de perspectivas ideológicas, que acabam por gerar diferentes enunciações, sendo que estas, de qualquer maneira, estão condicionadas pela situação social em que o sujeito se encontra envolvido.

Ainda para Bakhtin (2004, p. 116), existe uma classificação segundo a qual a atividade mental do si condiciona-se à atividade mental do nós, na qual está a manifestação de uma forma de ideologia bastante peculiar, relativa ao individualismo: a uma noção de *status* social, que é adquirido dentro de um processo de “inter-relação social”. Posteriormente, está a noção de que tal condição passa para uma posição no interior do sujeito, no qual aguarda a sua materialização nas organizações sociais, revelando-se, então, como “fato social”.

Ocorrendo a expressão social da atividade mental, Bakhtin (2004, p. 118) esclarece haver uma ação reversiva que passa a estruturar a atividade mental, fazendo com que o mundo interior seja adaptado às possibilidades da expressão, tudo sob a influência das relações cotidianas, caracterizando-se assim uma ideologia do cotidiano, na qual o interior e o exterior se veem refletidos nos atos e gestos do sujeito.

É nesta ideologia do cotidiano, que os sistemas ideológicos

constituintes da moral social, da ciência, da arte e da religião se consolidam, impregnando-se na língua de uma época para adquirirem sentido. Dessa forma, todo o contexto sócio-histórico e ideológico que marca um tempo, constitui a língua utilizada pelo sujeito que, interpelado ideologicamente, ocupa um lugar em uma determinada formação social. Formação que, por sua vez, é composta por classes sociais que reproduzem suas relações e se mantêm operantes, já que têm a seu dispor a formação ideológica vigente.

Estas classes sociais sustentam-se basicamente graças às formações discursivas e ideológicas, que regem seu funcionamento, determinando e especificando seus limites de atos e dizeres pertinentes, como se algo além da vontade do homem governasse sua vida e seu discurso. Esse fato torna-se possível em razão de uma necessidade humana de buscar explicações para a origem e a finalidade do mundo.

Necessidade social, repassada nas interações verbais, condizente com a produção ideológica, capaz de conferir sentido às falas, de tal modo que elas parecem existir por si mesmas, embora na verdade, como Pêcheux (1997) afirma, sejam determinadas “pelas posições ideológicas” nas quais estão inscritas naquele momento. São determinadas pela transferência de sentido que surgem com as formações discursivas, conjugadas pelas formações ideológicas.

Como se pode observar na afirmação de Pêcheux (1997, p. 162):

O funcionamento da Ideologia em geral como interpelação dos indivíduos em sujeitos (e, especificamente, em sujeitos de seu discurso) se realiza através do complexo das formações ideológicas (e, especificamente, através do interdiscurso intrincado nesse complexo) e fornece “a cada sujeito” sua “realidade”, enquanto sistema de evidências e de significações percebidas –aceitas – experimentadas.

Para tanto, cada sujeito inserido nesse contexto sócio-histórico-ideológico precisa absorver e elaborar todas essas influências interdiscursivas a que é assujeitado no transcurso das trocas discursivas, construindo sua identidade em meio a tudo isso.

1.1.4 Formação do “Eu” enquanto Sujeito

O sujeito, ao se constituir socialmente por meio de sua formação

discursiva, constitui, também, aquilo que ele entende por sua identidade, que será aqui compreendida com base nas considerações realizadas por Sigmund Freud ao formular a teoria sobre a estrutura psíquica humana, sua formação e constituição. Estrutura que como a linguagem encontra-se, ao longo da vida do sujeito, em constante movimento.

Em sua formação, este aparelho conta, inicialmente, com uma área mais antiga de ação, que contém tudo o que está presente após o nascimento, como instintos e impulsos primários pertinentes à sobrevivência humana: o mesmo (aparelho) é chamado de “*ID*”. Posteriormente, uma parte desse *id*, sob a influência de sua relação social, separa-se, dando origem ao “*EGO*”, cuja grande tarefa está na preservação do sujeito em sociedade e em seu bem estar.

Para tanto, o *ego* percebe que o sujeito precisa desenvolver várias capacidades, como a de controlar os estímulos que o meio ambiente emite e aos quais seus instintos se preparam para responder, armazenando experiências, evitando sentimentos muito intensos, adaptando-se socialmente e tentando produzir modificações que lhes sejam convenientes no meio em que vive, considerado por ele como mundo externo.

O *ego* precisa, ainda, gerenciar a forma de relação com suas necessidades, o mundo interno, ou seja, gerenciar suas relações com o *id* e as suas imposições relativas aos tais instintos e impulsos, sempre evitando gerar ansiedades muito intensas, já que elas causam dificuldades no processamento dos dados apreendidos. Freud (1974, p. 18) comenta que “o *ego* se esforça pelo prazer e busca evitar o desprazer”.

Ainda dentro deste aparelho psíquico, desenvolve-se outra instância originária da relação estabelecida com as regras sociais colocadas pela família, estado, religião, etc., que recebe o nome de “*SUPEREGO*”. À medida que o sujeito é constrangido a participar socialmente, esta força ganha terreno dentro da estrutura psíquica, tornando-se mais uma pressão a ser gerenciada pelo *ego*.

Para Freud:

O *id* e o superego possuem algo em comum: ambos representam as influências do passado - o *id*, a influência da hereditariedade; o superego, a influência, essencialmente, do que é retirado de outras pessoas, enquanto que o *ego* é principalmente determinado pela própria experiência do indivíduo, isto é, por eventos acidentais e contemporâneos. (FREUD, 1974, p.19).

Para conseguir conciliar todas essas influências, o *ego* dispõe de mecanismos que servem para que ele consiga realizar uma leitura de sua realidade, tentando encontrar nela um jeito de sobreviver. Para tanto, alguns desses mecanismos funcionam diretamente na questão a ser elaborada e outros procuram subterfúgios para lidar com ela. Um exemplo disto são os substitutos que o *ego* negocia com os impulsos para que eles não façam muita pressão, isto se dá quando, socialmente, o *id* e seu instinto ou impulso não são aceitos pela sociedade complicando a relação social que o sujeito precisa estabelecer.

As forças que criam pressão sobre o *ego* são partes de uma estrutura que, mesmo inconsciente, fazem questão de apresentar suas necessidades básicas, e a satisfação dessas necessidades muitas vezes implicaria na violação de regras sociais: por esta razão, está sempre presente a necessidade de realizar uma negociação.

Mas, os substitutos que o *ego* negocia precisam dar a impressão de que estão, realmente, satisfazendo as necessidades dos impulsos, para que passem a fazer parte do imaginário psíquico do sujeito, do imaginário do *id* deste sujeito, para que este aceite ocultar seus verdadeiros desejos. Um exemplo disso são as chupetas usadas pelas crianças que substituem o seio de sua mãe, ou os sonhos, os lapsos, os atos falhos, etc., no lugar da ação em si, que trazem, cada um da sua maneira, a manifestação do desejo sem a expressão direta dele na ação do sujeito.

Tais substituições ocorrem porque o *ego* está trabalhando na conciliação entre os desejos e as restrições sociais, servindo-se, para isso, de conteúdos aceitos pela consciência, desde que eles cumpram, pelo menos em parte, seu papel de satisfação do desejo. Constata-se que muitas negociações são feitas no âmbito inconsciente da atividade psíquica do sujeito, o que coloca a formação do sujeito, novamente, nessa condição de atenuar o controle sobre o que se passa com suas manifestações exteriores, concretas e oriundas das decisões inconscientes, interiores.

Percebe-se que, exceto pelo *id*, responsável pelos impulsos e instintos, tanto o *ego* quanto o superego são frutos da relação do sujeito com a sociedade e de suas relações sociais estabelecidas por meio da linguagem, armazenadas e traduzidas posteriormente pelo sujeito também por meio da linguagem, revelando-se em cada novo dizer uma particular construção de vida.

Brandão (1997, p. 34) afirma que se descobre “que há uma

insistência interior de percepção, de revelação da verdade, que é a consciência: o ser que eu sou é captado pelo ato de saber”.. Evidencia-se, assim, a presença de uma consciência ligada à identidade de cada sujeito. E, mesmo sem o controle de todas as instâncias de seu saber, esta consciência tenta obter condições para que o indivíduo possa se relacionar socialmente.

Todo este esforço conciliador é bastante custoso para o sujeito, pois implica um enorme sacrifício, visto que seus impulsos e instintos animais de sobrevivência são sacrificados em sua essência, e precisam sujeitar-se a transformações muitas vezes descabidas para ele, por parecerem ilógicas do ponto de vista dos instintos ou dos impulsos. Ou ainda, por outro lado, por parecerem ilógicas do ponto de vista da ordem social, embora acabem por assumir características que respondam às pressões que o *ego* consegue identificar, sendo capazes de gerar a sensação de satisfação e individualidade, terminando por constituir aquilo que se considera como a significação, a subjetivação de um sujeito.

Um exemplo disto é a patologia do transtorno obsessivo compulsivo, na qual o sujeito sofre uma pressão interna tão severa e intensa que se vê forçado a repetir comportamentos, como por exemplo, o de limpar. Geralmente são comportamentos punitivos, mas são impostos ao sujeito por ele mesmo, normalmente por serem socialmente mais aceitos do que a necessidade original do *id*; mesmo que sejam vistos com estranheza, ainda assim são permitidos pela sociedade, sendo tolerados pela maioria das pessoas.

Assim, Brandão (1997, p. 37) afirma que:

Nessa nova tendência, o sujeito passa a ocupar uma posição privilegiada já que a verdade não é mais algo que se manifesta por sua força interna, mas algo que é representado por um sujeito que lhe confere sentido. A noção de representação desloca-se do eixo da verdade para ser solidária com a de subjetividade. Subjetividade que se constitui na linguagem e pela linguagem.

É também uma subjetividade que emerge na instauração de um núcleo enunciativo representado pelo eu, um eu capaz de se subjetivar em meio às trocas intersubjetivas que se vê impelido a realizar, isto segundo Brandão (1997, p.38). Ela comenta também que “eu e tu são protagonistas da enunciação e, referindo um indivíduo específico, apresentam a marca da pessoa”, a qual capacita o interlocutor a identificar e negociar em meio aos conflitos de sua subjetividade, referente ao seu próprio processo de conciliação psíquica.

Trata-se de uma conciliação que o sujeito múltiplo conflituoso, heterogêneo, demonstra realizar, um processo que acompanha sua busca constante por expressões que lhe permitam se reconhecer. E, enfim, encontrar algo em seu próprio dizer que o torne seu, que o distancie do discurso de todos, e então, conforme Brait (2001, p.14) menciona ao falar da análise que Bakhtin faz do texto de Dostoievski, que revela uma condição para todos os dizeres: “O que vai sendo desvendado pela trama sintática do discurso, das vozes que fazem aflorar o discurso no discurso, a palavra afrontada a palavra, é a alteridade enquanto condição humana [...]”. (BRAIT, 2001, p.14).

Como se pode perceber, o processo de subjetivação se dá em meio a um mundo de processos inconscientes, sejam eles relativos às construções ideológicas ou à construção do aparelho psíquico que se repete no social tal qual na estrutura individual da psique, como Chauí (1995, p. 172) afirma que:

Estamos, aqui, diante de uma situação coletiva muito parecida com a que encontramos no caso de nossa vida psíquica individual. Assim julgamos que nossa consciência sabe tudo, pode tudo, faz o que pensa e quer, mas, na realidade, está determinada pelo inconsciente e ignora tal determinação, assim também, na existência social, os seres humanos julgam que sabem o que é a sociedade, dizendo que Deus ou a Natureza ou a Razão a criaram, instituíram a política e a História, e que os homens são seus instrumentos; ou, então, acreditam que fazem o que fazem e pensam o que pensam porque são indivíduos livres, autônomos e com poder para mudar o curso das coisas como e quando quiserem.

As necessidades sociais e as necessidades particulares dos sujeitos se complementam, as verdades sociais e essas verdades “individualizadas” estão interligadas, de modo que uma interfira na outra, como em uma engrenagem muito bem articulada, embora nem sempre os sujeitos se deem conta disso. Contudo, escapam a essa rede pequenas peças que sinalizam a uniformização e, assim, tanto o sujeito, quanto a sociedade, neste ponto, fogem ao padrão que estavam seguindo, mostrando subjetivações. Mesmo que, algumas vezes, corram o risco de terem sua subjetivação encarada como sintomas determinadores de doenças, visto estas resultarem em comportamentos diferentes daqueles que são comuns no meio social.

1.1.5 Algumas condições relativas à Produção Discursiva

O sujeito social, que hoje se apresenta mediante sua construção discursiva, traz em sua bagagem inúmeras pré-condições para que seu reconhecimento social ocorra, uma delas é a possibilidade de se estabelecer relações que utilizem da linguagem vigente em seu meio social e se façam compreender.

Para tanto, este sujeito precisa conjugar, em suas construções linguísticas, um arcabouço de conhecimentos, impressões e mediações, o que só a vida em sociedade é capaz de lhe garantir acesso. E, ainda, ele precisa desenvolver sua estruturação psicológica que, como foi mencionado anteriormente, faz parte do processo de aprendizado humano, mas tem uma particularidade: nunca deixa de estar imersa em conflitos nos quais o sujeito precisa mediar para que suas sensações sejam mais prazerosas.

Tudo isto passa pelo aprendizado social que se encontra relacionado à linguagem, às construções discursivas e à formação dessas construções; conforme foi suscitado pelo meio no qual o sujeito se encontra, e que coloca o sujeito da enunciação em um lugar específico, no lugar de senhor de um “eu”, responsável por si (dentro do possível), o que implica o desenvolvimento por parte do sujeito, ou seja, na capacidade de arcar com suas consequências de seus posicionamentos, mesmo que estes estejam dependentes de sua formação ideológica.

Essas condições que são propiciadoras da construção do discurso de um sujeito e estão ligadas primeiro ao próprio sujeito, enquanto um ser constituído socialmente, e segundo, à situação em que ele se encontra no momento da verbalização, para tanto são consideradas a exposição da heterogeneidade do sujeito, da formação ideológica assimilada por ele, e de sua formação psíquica, tudo condensado no discurso.

O sujeito enunciador, ao formular seu discurso, tem por base a formação discursiva, espaço da conjugação de múltiplas influências, que no momento da verbalização, podem ser utilizadas ou não, isto de acordo com a formação do sujeito, formação relacionada a adequação ou não de uma formação em um momento social.

Um pressuposto para tal elaboração é a necessidade que o sujeito

tem de atribuir ao outro sujeito, - seu interlocutor, com o qual está estabelecendo o contato discursivo, ou com os outros desse contato -, um determinado lugar. Este lugar atribuído ao(s) outros (os) é muito importante dentro da escolha que o sujeito enunciador realiza ao construir sua discursividade e sua subjetividade, pois terá reflexo em seu próprio lugar de sujeito enunciador e terá reflexo, também, naquilo que o sujeito resgatará de sua memória discursiva: é como se fosse uma reação em cadeia que mobiliza toda a formação discursiva na constituição deste sujeito.

Mainqueneau (2005, p. 91) corrobora esta ideia afirmando que: “Os diversos modos da subjetividade enunciativa dependem igualmente da competência discursiva, sendo que cada discurso define o *estatuto* que o enunciador deve conferir-se e o que deve conferir a seu destinatário para legitimar seu dizer”.

Compreende-se que o sujeito sempre realiza uma antecipação, consciente ou não, quanto à reação de seu interlocutor, para que sua colocação atinja um determinado ponto na troca discursiva. Orlandi (2006, p. 16) afirma que:

A troca da linguagem, por este mecanismo, se assemelha a um grande jogo de xadrez em que aquele que consegue melhor antecipar-se a seu interlocutor é melhor orador, mais eficiente com a palavra. E, não esqueçamos, trata-se de um jogo que se assenta no imaginário.

Dessa forma, toda enunciação depende, portanto, de um grande esforço do sujeito de adequação e assertividade, o qual, contudo, diz respeito ao campo subjetivo das representações simbólicas.

O sujeito do discurso conta com a sua memória para realizar tais construções, partindo do já dito, do interdiscurso, e, então, seu discurso sairá recheado por sua formação discursiva, que refletirá seu lugar sócio-histórico e ideológico. Isso porque, até para dizer que nada sabe sobre aquilo, ou para dizer qualquer outra coisa, mesmo que seja algo aparentemente sem nexos, o sujeito precisa apoiar-se em recursos de sua formação, o que revela o lugar do seu saber, conforme afirma Orlandi (2002, p. 31), quando diz que “o interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada”.

A memória discursiva composta pelo interdiscurso armazenado pelo sujeito encontra-se reeditada na construção verbal que este é impelido a realizar, e sua formulação responde ao contexto em que ele se encontra em

função do qual precisa dar respostas pertinentes, culminando na construção do intradiscorso. Para Orlandi (2002, p. 34), a constituição intradiscursiva fica perceptível quando ocorre a elaboração do discurso, no momento em que o sujeito verbaliza alguns componentes de sua interdiscursividade e não outros.

Tais montagens discursivas resultam, segundo Orlandi (2002, p. 34), da relação do sujeito “com a língua e a história, pela experiência simbólica e de mundo, através da ideologia”. É nessa condição que o sujeito agrupa suas leituras sobre as reações do interlocutor ou dos interlocutores, sua leitura sobre o que melhor será recebido naquele contexto e o que se associa à sua constituição interdiscursiva. Inaugura-se, neste momento do ato discursivo, a condição de sujeito de um discurso, posição que lhe concede autoridade para que possa significar-se e subjetivar-se, de modo a se sentir dono de seu eu e assim amenizar seus sentimentos conflitantes.

CAPÍTULO 2

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

2.1. METODOLOGIA DE PESQUISA

Uma parte importante do processo metodológico que envolve este trabalho encontra-se relacionada ao desenvolvimento de uma prática clínica a qual, apropriando-se do método psicanalítico, buscou descobrir facilitadores para a expressão do inconsciente. É adotada em meio a um processo linguístico de transcrição do movimento psíquico que cada sujeito/paciente desenvolve ao ser submetido a um trabalho analítico. Este capítulo mostrará um resgate do histórico relacionado ao fazer clínico que envolve tal prática, já que aí é que foi colhido o material utilizado nesta pesquisa.

Em seguida, desenvolve-se uma descrição a respeito dos sujeitos enunciadorees envolvidos, os quais, por estarem em processo analítico, expressam-se dentro de uma ordem pré-estabelecida, que é sugerida pelo terapeuta e que os leva às manifestações inconscientes de sua formação discursiva como vetor da formação sócio-histórica, ideológica e psicológica de sua constituição individual.

Contudo, uma importante observação precisa ser feita em relação ao sigilo mantido quanto à identidade de cada um dos sujeitos, que, embora tenham fornecido autorização para a utilização de seus escritos em trabalhos de pesquisa e decorrentes publicações, só foram realizados por contar da confiança na manutenção desses quanto ao contrato verbal realizado no início do tratamento. É por isto que suas identidades serão ocultadas e, caso haja algo no texto que possa levar à identificação destes sujeito/pacientes, será alterado, sem que, no entanto, ocorra modificação em seu sentido original.

E, por último, realizar-se-á um breve resgate teórico de cada aspecto analisado no transcurso deste trabalho, visando à compreensão de sua significância para o desenvolvimento discursivo/emocional do sujeito em questão.

2.2 SOBRE O TRABALHO CLÍNICO

O início do trabalho clínico teve seu início com o embasamento teórico fornecido pela teoria psicanalítica, da qual os conhecimentos, até aquele momento, eram os recebidos durante os cinco anos de duração do curso de Psicologia da Universidade Estadual de Londrina, o que garantia o começo de uma jornada de aprendizado que a psicanálise coloca para as pessoas interessadas em utilizá-la como método de trabalho clínico.

Depois de dois anos, deu-se o início do atendimento a um paciente diagnosticado como esquizofrênico, o qual convivia com os sintomas desta doença desde a adolescência, época em que apresentou sua primeira crise, primeira de muitas vivenciadas por ele.

Em alguns momentos, as dificuldades impostas pela doença interferiam na manutenção de relações verbais satisfatórias com outros sujeitos, e na tentativa de dar vazão à sua necessidade de expressão, este sujeito incluía outros recursos simbólicos, como o desenho, a pintura e a escrita, em sua expressão.

Com o decorrer do trabalho analítico, o grau de confiança estabelecido foi se tornando mais forte e o paciente, desejoso de se tornar mais amplo em suas exposições, dispôs-se a trazer estes materiais para que fossem analisados também, já que estes portavam conteúdos que, na verbalização oral, não apresentara até aquele momento.

Desta forma, teve início o recolhimento deste material, que se revelou de grande importância para o processo analítico deste sujeito/paciente. Com isto, algumas orientações foram dadas para que este trabalho caseiro cada vez mais se aproximasse do formato do trabalho desenvolvido na clínica, aproximando-o do método psicanalítico da livre associação.

Depois de ter trazido para a clínica o material acima mencionado, o paciente, muitas vezes, não queria mais levá-los de volta para casa, como se estivesse se livrando dos conteúdos que estavam materializados ali. Portanto, aconteceu o acúmulo de inúmeros escritos, rabiscos, desenhos, plantas-baixas de construções, enfim de uma variável produção simbólica no consultório.

Diante de nossa percepção da grande contribuição que esse procedimento ia alcançando no desenvolvimento desta análise, ocorreu a expansão

da utilização deste recurso, já como forma auxiliar do trabalho clínico, estendendo tal orientação para outros pacientes. Assim, foram convidados para que, fora das sessões, escrevessem sobre seus sentimentos, conflitos, emoções, sonhos, e tudo o que julgassem pertinente. Na verdade, o convite era para que fizessem o que já faziam nas sessões, como a própria técnica utilizada pela psicanálise exige, apenas com a diferença do registro, fator que acentua a necessidade de um contrato de confiança mais forte para a relação terapêutica.

Este paciente com o diagnóstico de esquizofrenia foi atendido por mais de seis anos, sendo que o trabalho só foi interrompido, pois este teve que se mudar para outra região do país. Porém, antes dessa mudança, ele formalizou uma autorização para que se pudesse realizar qualquer estudo com o material clínico armazenado e, quem sabe, contribuir em outros trabalhos a serem desenvolvidos com outros pacientes.

A iniciativa deste paciente abriu novos caminhos e uma autorização passou a ser pedida também a alguns outros pacientes, selecionados a partir da análise de seus quadros clínicos. Contudo, mesmo para esses cujos perfis se encaixavam no modelo de sujeito, seu lugar de paciente precisava sempre se manter, já que a função primeira da redação destes discursos estava ligada ao desenvolvimento do trabalho clínico e, dentro deste, o respeito ao sigilo é fator primordial.

Por isto, a perspectiva de sujeito/paciente é mantida em todo o desenvolvimento deste trabalho, e a partir dela é que todos os escritos são olhados e analisados, considerando-se a posição singular de cada sujeito envolvido em desvendar seus conflitos, expor suas angústias e seu esforço para se organizar emocionalmente. Entretanto, ressalta-se que neste trabalho analítico não é abordada a perspectiva psicanalítica, que evidentemente daria uma visualização clara da formação psíquica exposta pelos sujeitos com os escritos formulados segundo o método da livre associação.

Concomitantemente a este percurso, passamos a estudar a Análise do Discurso de linha francesa e a percepção analítica diferente da que é adotada na Psicanálise que esta proporciona. Embora diferente, é considerada também na psicanálise por ser vista como capaz de fornecer acréscimos bastante enriquecedores às análises realizadas de materiais como aqueles com os quais trabalhamos em nossa pesquisa.

Para a confecção deste trabalho, foi selecionado um material que envolve os escritos de três pacientes que apresentam um quadro de depressão bastante acentuado e se submetem às sessões de psicoterapia há mais de três anos. O volume de textos analisados varia de acordo com o movimento psicológico de cada sujeito/paciente durante o período de tempo estipulado para o recolhimento desse material.

2.2.1 Sobre o Sujeito/Paciente 1

O começo do atendimento deste paciente foi no ano de 1997. Tratava-se de um quadro de depressão extremamente severa. Naquele tempo, ainda não era pedido aos pacientes que fizessem relatos escritos, por isto não se tem registros referentes àquela época, contudo, o referido paciente apresentava crises depressivas, que o levavam a constantes afastamentos de suas atividades profissionais e dificuldades em suas relações pessoais.

Uma mudança de cidade por parte do sujeito/paciente interrompeu o tratamento no ano de 2000, sendo este retomado em 2004. Retorno marcado por um momento de grande dificuldade, já que ele encontrava-se em meio a uma crise depressiva que o tinha afastado de suas funções de trabalho por cinco meses. Neste ponto, os escritos fora das sessões já eram parte importante do atendimento, tendo ele aceito prontamente nosso pedido para que anotasse impressões como parte do tratamento.

Sobre seu histórico, este sujeito relata ter sido criado em uma cidade pequena do interior do Paraná, sem grandes dificuldade em relação às suas condições sócioeconômicas, sua mãe professora e o pai funcionário público. A mãe, segundo seu relato, por ser bastante rigorosa, punia com rigidez qualquer atitude que considerasse errada no comportamento dos filhos. Seu pai, embora fosse uma pessoa tranquila, não impedia as atitudes intempestivas da esposa no relacionamento com os filhos.

Desta forma, o sujeito/paciente aprendeu a se relacionar com o mundo a partir destas condições.

Este paciente tem hoje mais de quarenta anos, tem três filhos, é separado e trabalha. Devido à seriedade de seu quadro clínico, mesmo quando seus sintomas ficam atenuados, os tratamentos, tanto terapêutico quanto psiquiátrico, não

são interrompidos.

2.2.2 Sobre o Sujeito/Paciente 2

O sujeito/paciente 2 deu início ao seu tratamento em 2003, mas, por diferentes motivos, o interrompeu diversas vezes. Desde o início de seu acompanhamento terapêutico, sua depressão, embora severa, manteve-se estável. Porém, ele relata que, em outros momentos, a sua doença já esteve mais acentuada. O acontecimento recorrente observado é a presença de problemas orgânicos que aparecem das formas mais variadas, o que causa complicações em sua vida doméstica e dificuldades nas atividades de trabalho.

Este sujeito relata ter tido um início de vida bastante difícil, com dificuldades diversas, e que sempre exigiram cuidados especiais por parte de seus responsáveis em relação a ele. Sua mãe, segundo ele, era bastante severa e punitiva, e como tinha muitos afazeres deixava-o aos cuidados da irmã mais velha, que, da mesma forma que a mãe, também era dura e exigente.

A pobreza, segundo seu relato, também foi uma condição agravante neste quadro, determinando seu olhar em relação ao mundo e a si mesmo, olhar desejoso de compreender o porquê das diferenças sociais e emocionais que observava. Assim, quando veio morar em Londrina em sua adolescência, teve que sobreviver e estudar por conta própria. Conquistou um bom emprego e um bom salário, construindo um patrimônio que parecia seguro, contudo quando teve seu filho fez um movimento reversivo, perdendo suas conquistas uma a uma.

Na época em que foram recolhidos os depoimentos, este sujeito fazia sua segunda faculdade, face ao desejo de realizar uma futura mudança na área de trabalho, sendo que, entretanto, seguia com suas atividades cotidianas.

2.2.3 Sobre o Sujeito/Paciente 3

Este paciente veio ao consultório encaminhado por outro terapeuta, no ano de 2005, em meio a uma crise depressiva extremamente acentuada, em decorrência da qual mal conseguia relatar o que se passava em sua mente. Na primeira sessão, entrou acompanhado da mãe para que ela explicasse o que estava acontecendo e estabelecesse o contrato clínico, coisa que só costuma acontecer

com pacientes que estão na infância ou na adolescência. Ela explicou que se tratava de uma segunda crise, sendo que a primeira havia lhe custado o emprego, por sinal seu primeiro emprego.

Segundo o histórico familiar, sobre as condições sócio-econômicas, estas sempre haviam sido difíceis, obrigando a família a mudar de sua cidade de origem na tentativa de alcançar melhores condições de vida em Londrina. Porém, devido às poucas qualificações profissionais dos pais, o que os impedia de conseguirem trabalhos com remuneração razoável, continuaram a enfrentar as dificuldades econômicas. Surgiram ainda, como agravante, problemas conjugais que culminaram em uma separação do casal, restando, então, apenas a mãe para cuidar do sustento e educação dos filhos, entre eles o sujeito/paciente.

Durante o processo terapêutico, as crises, por muito tempo, foram bastante intensas e aconteciam, quase sempre, quando este paciente parecia estar estabilizado profissional e economicamente. Em decorrência aconteciam sucessivas perdas de emprego e consequentes dificuldades econômicas, a situação repetia-se como em um círculo interminável e angustiante, recheado por mais sofrimento.

O referido sujeito encontra-se hoje casado, ainda sem filhos, embora já vislumbre a possibilidade de tê-los. Conseguiu manter-se em um mesmo trabalho, contudo continua seu tratamento terapêutico, tendo abandonado seu tratamento psiquiátrico por decisão própria.

2.3 SOBRE O *CORPUS*

Conforme já foi dito, o *corpus* de análise para esta pesquisa não teve como objetivo inicial pertencer a um trabalho de dissertação de mestrado, muito menos dentro da área de estudos linguísticos, mas sim, objetivava expor ao máximo o funcionamento psicológico para que o processo analítico tivesse êxito.

Selecioná-los foi realmente uma tarefa bastante difícil, para o que foi considerada, em especial, a constituição psíquica concernente à patologia desenvolvida por cada sujeito/paciente e, obviamente, a maneira bastante particular de lidar com o modo que cada um demonstra.

Isto sugere a possibilidade de verificação das diferenças e semelhanças constitutivas que cada sujeito/paciente revela no fazer discursivo de cada depoimento escrito. Nele, observa-se o desenrolar de um jogo entre o mesmo

e o diferente, conseqüente da relação estabelecida pelos sujeitos com o mundo à sua volta, e por isto contendo marcas que mostram o quadro psicológico aos quais estes se encontram vinculado, a maneira peculiar como lidam com os conteúdos apontados, e, ainda, como estes conteúdos respondem a formação discursiva social dos sujeitos.

2.4 PROCEDIMENTOS DISCURSIVOS ANALISADOS

O primeiro recurso de expressão cujo emprego é analisado neste trabalho é a presença do discurso relatado como manifestação consciente da presença de outros discursos no discurso do sujeito/paciente em questão. Sua relevância na construção discursiva está associada à compreensão daquilo que o sujeito/paciente desenvolve em suas relações externas imediatas, por meio das respostas que apresenta àquilo que ele recebe em suas trocas, suscitando sentimentos e também a manipulação da memória discursiva que é forçado a organizar para a manutenção destas.

Considera-se, para esta análise, que o discurso relatado cria a possibilidade de envolver o sujeito e o seu outro em um mesmo discurso, revelando sentidos que esta presença mobiliza pelo dizer do sujeito enunciador.

Outro aspecto a ser analisado relaciona-se aos discursos socialmente consolidados, os quais embasam, de alguma forma, o discurso do sujeito/paciente, e que são retomados em vários momentos.

Quando se remete a si próprio, ainda que aparente realizar uma repetição ingênua, o sujeito enunciador revela o exercício discursivo que lhe garante a possibilidade, de algumas vezes, alterar seu dizer em função discursiva e de sua necessidade emocional. São ocorrências discursivas que, por sua imensa repetição, causam nos sujeitos, de um modo geral, a sensação de familiaridade e, algumas vezes, suscitam identificação, visto que apresentam um significado recorrente em algum momento de suas vidas.

Outro aspecto importante a ser observado está ligado às formações ideológicas que apresentam, nos diversos textos, o movimento sócio-histórico que contextualiza a vida desses sujeitos, e que demonstram exercer peso e influência sobre o aspecto emocional imposto pela formação discursiva a que está submetido cada sujeito. Toda formação discursiva presente nos respectivos textos tem sua

significação dentro desta análise, pois segue um movimento específico que está permeado pela condição emocional de cada sujeito/paciente, trazendo as marcas de seu lugar no contexto terapêutico.

A compreensão da constituição deste lugar, por meio da Análise do Discurso, está condicionada à maneira com que o texto do sujeito/paciente encontra-se organizado, como vem estruturado no que tange a coerência observada. Essa coerência discursiva está intimamente ligada à sua estrutura emocional, resultado da mediação que este sujeito foi capaz de desenvolver entre si e os conteúdos absorvidos por ele.

Todo este movimento percorrido pelo discurso do sujeito/paciente acaba por formar em seu interlocutor, - que no caso, a princípio, é o analista, seja ele dentro da perspectiva psicanalítica ou da AD-, uma imagem projetada em sua formação discursiva, apresentada no enunciado ao longo dos textos que o sujeito cunhou até construir seu discurso e, com isto, delimitou seu lugar dentro da relação terapêutica. Esse limite é que representa sua posição de sujeito como agente que atua em meio às demandas sociais.

Trata-se de um espaço de fundamental importância tanto para o sujeito que se movimenta emocionalmente segundo o que acredita estar transmitindo para outros sujeitos, quanto, para as relações que estabelece a partir deste discurso. Além disso, esse é o lugar de seu *ethos*, em que ele projeta toda sua formação discursiva, com tudo que a compõe, instaurando-se a imagem que o próprio sujeito visualiza de si próprio e o que quer comunicar para os outros com os quais ele se relaciona.

CAPÍTULO 3

MODALIDADE ESCRITA DO DISCURSO DE PACIENTE EM PROCESSO PSICOTERAPÊUTICO

3.1 MODALIDADE DISCURSIVA

Com o desenvolvimento das ciências que estudam a linguagem, o emprego do termo discurso ampliou sua abrangência, sendo que este, relacionado à pragmática e associado ao ponto de vista de apreensão da comunicação verbal empregada nas interações sociais de um modo geral, passou a ser usado para diferentes denominações de fala. Estabelecendo-se, assim, relações diversas com as características desta, o que permitiu que se avançasse nos conhecimentos que perfazem seu contorno.

Maingueneu (2001, p. 52-55) acrescenta algumas especificações a esse respeito quando faz referência ao discurso como permitindo vários enfoques, por exemplo, como sendo uma organização situada para além da frase; como sendo orientado; sendo uma forma de ação; interativo; contextualizado; sendo assumido por um sujeito; regido por normas; e ainda, como sendo considerado no bojo de um interdiscurso.

A explicitação desses pontos leva à percepção do discurso em seu aspecto mais amplo, relacionado a um processo evolutivo de proporções globais de desenvolvimento do pensamento humano, já que, para a compreensão do discurso, é fundamental que se considere, também, a evolução sócio-histórica e ideológica que se reflete em cada sujeito e, evidentemente, em sua construção discursiva.

Cada sujeito que fala, o faz de sua posição dentro de um contexto mais amplo, porém, a fala de cada sujeito é formulada a partir da configuração de um gênero composto por diversas categorias, cuja especificação é bastante singular e heterogênea. Segundo Maingueneu (2001, p. 59), essas categorias “correspondem às necessidades da vida cotidiana”. Desse modo, ao escolher qual gênero empregar para melhor alcançar a interação comunicativa, o enunciador revela as suas aquisições sócio-culturais e apresenta a maneira como sua percepção acerca do contexto o faz se organizar discursivamente.

Maingueneu (2001) prescreve que esse processo se efetiva quando o sujeito utiliza determinados pontos ao formular seu discurso, tais como: se o

enunciatório a quem sua fala se dirige está preparado para receber a mensagem; se o momento específico da fala é o mais adequado; se o suporte material utilizado é eficaz para confirmar a existência do discurso, podendo variar da oralidade até as diversas formas escritas; e, ainda, se o discurso respeita as normas daquele determinado gênero em que está sendo produzido e está adaptado ao seu encadeamento.

Com a identificação do gênero, o sujeito mostra o conhecimento que tem acerca das regras impostas por ele, e sua capacidade de responder dentro do esperado e segundo essas injunções. Ao se constatar tudo isso dentro do desenrolar de um discurso, pode parecer que o sujeito enunciador seja apenas um repetidor verbal competente que “se vira” dentro do universo discursivo dado, porém, na verdade, para que ele seja um repetidor de inúmeros dizeres já ditos e para que o faça de forma eficaz, é preciso que a sua fala seja consistente com o momento discursivo, de modo coerente e integrado.

Tal consistência está ligada ao modo como sua enunciação consegue conciliar o novo de sua formulação multifacetada, que deriva de sua formação altamente heterogênea e, ao mesmo tempo, não despreze as regras daquele gênero: é preciso que ele entre no contexto de regras e atue respeitando as regras do jogo linguístico da formação discursiva a que está associado. A esse respeito, Sírío Possenti (1988, p.49) afirma:

É que, parece, não se podem conceber as possibilidades virtuais de uma língua como apenas dadas aos falantes, marcadas para a execução de um determinado ato. Deve-se conceber a atividade do falante não como atividade de apropriação porque, a partir deste conceito, fica excluído o fato de que o locutor age também sobre a língua, já que põe em evidência apenas a ação entre e sobre os interlocutores *através* da língua.

Esta ação sobre a língua, realizada de forma consistente pelo sujeito, destaca o processo pelo qual todo discurso construído por um enunciador lhe oferece a possibilidade de marcar sua diferença enquanto participante social. Isso mostra o quanto a língua, a linguagem e o discurso são de caráter volátil, estão sempre em transformação e têm como principal agente o sujeito enunciador, o qual, embora assujeitado, transparece subversões e subjetivações em meio à suas construções verbais. E, conforme Brait (2001, p.59) comenta, promove a “mudança de uma concepção de língua enquanto representação da realidade para a de língua

enquanto atividade, trabalho de um sujeito falante”.

Neste ponto, passemos a tratar do subgênero constituído pelos discursos de sujeitos em tratamento psicoterapêutico. Modalidade que surgiu de uma necessidade clínica de se ampliar à percepção sobre a estrutura psíquica, tanto da perspectiva do analista quanto do próprio paciente. Nele, é utilizada a modalidade escrita associada às condições de produção do contexto clínico, com suas normas específicas relativas à metodologia da própria análise, o que impõe ao sujeito a necessidade de desenvolver um jeito adequado para expressão de seu funcionamento emocional, já que disto depende todo o desenvolvimento do tratamento clínico a que está submetido.

Para a compreensão da constituição deste subgênero, é preciso começar pelo tratamento de algumas variáveis, como as que se seguem.

3.1.1 O Discurso do Sujeito: posição do paciente

O sujeito/paciente que se apresenta na clínica traz consigo um conflito psíquico, e, também, traz uma teoria a respeito desse conflito, a qual o acompanha mesmo que ele não esteja em condições de verbalizá-la, já que, esta não se encontra necessariamente no âmbito da consciência, em um lugar a que ele tenha acesso com facilidade. Mas, é inegável o fato de que o sujeito/paciente vem para a sessão de análise, trazendo hipóteses e questionamentos sobre o que afeta sua mente.

Dessa maneira, pode-se afirmar que a teoria pessoal deste indivíduo permeia a relação clínica, norteando-a do mesmo modo como teorias norteiam todas as relações estabelecidas por sujeitos; já que para o estabelecimento de trocas discursivas estes utilizam sua vasta rede de interpelações já assimiladas, o que pode ser considerado como uma retomada de teorias, relacionando-se a partir destes pressupostos.

A teoria pessoal faz parte desse sujeito e configura seu quadro enquanto um ser dividido que, por um lado, lida com o aspecto material das relações em que se envolve. Assim, por exemplo, dentro deste contexto que estamos analisando, o sujeito lida com a pessoa do seu analista que teoriza em confronto com a que se apresenta a ele, a conta a ser paga ao profissional que está à sua frente, etc. E, por outro lado, lida ainda com a construção de seu imaginário a

respeito do que esta relação possa lhe fornecer.

Trata-se de um imaginário resultado de um processo constituído gradativamente e associado à constituição da própria aquisição da linguagem, o que é capaz de proporcionar a união dos signos linguísticos com as percepções dos sujeitos, percepções de coisas reais ou imaginárias, de sentimentos e pensamentos, e apreendidas sócio-histórica e ideologicamente, mas que direcionam as formulações do sujeito.

Contanto, mesmo no contato com o concreto das relações, o sujeito falante encontra-se envolvido pela língua e pela linguagem, assim como com todas as representações nelas presentes. Este indivíduo adquiriu familiaridade com tais representações antes mesmo de nascer, quando seus progenitores falavam dele e, assim, designavam para ele um lugar no mundo dos homens.

Porém, ao nascer, o sujeito ainda não tem controle sobre essa linguagem, que faz parte da vida humana, mas não lhe pertence, não é inerente a ele. É algo especial que precisa ser adquirido e, assim sendo, a linguagem constitui uma falta que o jovem sujeito percebe em si mesmo, falta que precisa ser preenchida, pois pode se transformar em um forte impeditivo ao estabelecimento pleno de sua relação com o mundo e a sociedade. Lacan afirma que:

Uma falta é, pelo sujeito, encontrada no Outro, na intimação mesma que lhe faz o Outro por seu discurso. Nos intervalos do discurso do Outro, surge na experiência da criança, o seguinte, que é radicalmente destacável - ele *me diz isso, mas o que é que ele quer?* (LACAN, 1964, p.203)

Aliado a essa busca linguística que nunca perde força por ser relativa a toda a formação simbólica, que é volátil e se refaz constantemente, o sujeito vai adquirindo uma constituição sócio-histórica e ideologicamente representativa, a qual é determinante para a delimitação de seu lugar social e, como assinala Silva e Santos: “[...] é precisamente essa falta que vai acabar tornado-se o lugar do possível para o sujeito desejante e para o sujeito interpelado ideologicamente da Análise de Discurso”. (apud ORLANDI, 2005, p. 71).

Como uma propulsão, esta falta impele o sujeito a buscar sempre mais em suas relações, inclusive o induzindo, muitas vezes, a buscar as relações, ou até mesmo a própria relação terapêutica representada aqui pelos escritos.

Portanto, o sujeito que vai à clínica, com seu conflito psíquico, com

sua formação constitutiva e seu constante sentimento de falta, carrega a necessidade de compreender o que o move, e de como ele se manifesta quando estabelece relações simbólicas com outros sujeitos que estão a sua volta, e, quando dentro destas relações, o que o faz utilizar isto ou aquilo de todo o aparato adquirido e preservado em sua formação discursiva. Aparato que transparece neste contexto, ao lado de sua constituição emocional, formando um conjunto discursivo, e é este conjunto que, de uma forma inusitada, é colocado em xeque ao longo do processo analítico.

Ir à terapia é ir à procura de um lugar que coloque o sujeito em uma posição vulnerável, mas que, ainda assim, o faz justamente porque esta vulnerabilidade, este estar em xeque, é que possibilitará o progressivo conhecimento sobre si.

Então, pode-se dizer que existe um motivo para esta procura, como existe um motivo para cada relação que se estabelece. Tal motivo, nas relações cotidianas, muitas vezes provém da necessidade de aquisição daquilo que é fundamental para o sujeito, ou seja, o domínio da linguagem enquanto meio de inserção social. Mas, quase que invariavelmente, está associado à necessidade de apreensão do simbólico sempre implícito no momento de se estabelecerem as relações de alteridade, bem como nos infindáveis conteúdos presentes no intercâmbio de falas com os Outros (sujeitos).

Evidentemente, os valores simbólicos que estão aí em negociação diferem de um Outro para outro Outro e também, é claro, permeiam a relação com este Outro, o qual, neste caso, é identificado, e chamado de analista, só que o que está presente na relação com este Outro é a compreensão do próprio simbólico do sujeito/paciente ali presente, e não a aquisição do simbólico do Outro, o terapeuta.

Trata-se, na verdade, de um espaço enunciativo onde o sujeito/paciente em contato com o Outro, ou seja, com o analista, vê o surgimento, como de costume, de um universo simbólico que, neste caso, apresenta um diferencial já que se encontra direcionado para si mesmo que permeia toda a sua constituição e está presente em suas construções linguísticas.

Equivale a uma busca invertida, direcionada a um lugar novo e desconhecido, mas, ao mesmo tempo, que sempre acompanhou o sujeito. E é com este simbólico que este sujeito vai ter que se deparar, é com o seu simbólico, enfim, é à ele mesmo que o método psicanalítico o fará se confrontar.

No contrato firmado no início do trabalho clínico, este encontro é mencionado, ou seja, o encontro com o si mesmo cunhado a duras penas ao longo de tanta interpelação sofrida. Menção que se constitui em mais uma fonte para o imaginário que estará presente nos dizeres desse sujeito/paciente, visto que o novo sempre sugere o desafio proveniente dos riscos, ainda mais quando o novo é sabidamente parte de tudo que temos.

Nesta relação, o que este sujeito tem é um lugar sem conselhos ou orientações e no qual as conquistas se darão a partir do conhecimento sobre si próprio; por esta razão que tal processo de investigação se constitui em uma novidade, parte de um lugar novo, para onde se vai apenas por escolha própria.

Para o sujeito/paciente, especialmente se estiver em meio a dificuldades emocionais, a percepção da possibilidade de aproximação de conteúdos assimilados e atuantes, mas que o sujeito já havia esquecido, o faz criar expectativas a respeito do que vai acontecer ao longo do processo, - do encontro com o si mesmo -, expectativa a respeito do estabelecimento desta relação atípica, dentro da qual pouca coisa pode ser absorvida do simbólico do Outro (do analista), visto que a fala deste Outro entra em cena apenas para fazer o sujeito voltar-se a si mesmo.

3.1.2 O Lugar do Terapeuta: posição do Sujeito previamente estabelecida

Diferente do lugar do sujeito/paciente, o lugar que precisa ser ocupado pelo sujeito que se dispôs a ser terapeuta, vem a partir da construção de um caminho previamente determinado, já que, na perspectiva específica dessa relação, tal indivíduo não é um simples sujeito, pois ocupa um lugar que impõe a ele assumir uma postura diferenciada em relação àquela que se refere a da construção de seu próprio sujeito.

Este lugar faz com que ele evite se colocar explicitamente na relação que estabelece com o sujeito/paciente ali presente, é uma posição que o faz assumir a postura de um agente que apenas promova a percepção do Outro sobre ele mesmo, e não de alguém que, como sujeito ativo em seu meio social, ofereça sua formação discursiva sócio-histórica e ideológica.

Porém, o analista é, antes de qualquer coisa, um sujeito como outro qualquer, em constante constituição, vulnerável a todas as influências que sofrem

aqueles com quem estabelece contatos sociais, e que precisam responder a tais contatos, buscando em sua formação linguística e em sua competência para a interação intersubjetiva, as respostas adequadas para cada momento, ao mesmo tempo, mobilizando articulações que facilite ao sujeito paciente o encontro com seus próprios conteúdos.

Contudo, o lugar do analista/sujeito precisa ser acompanhado de toda uma formação específica, envolvendo um conhecimento que lhe assegure as condições necessárias para, o quanto possível, separar-se de si, de sua formação discursiva, de seus sentimentos, para se valer da teoria psicanalítica a respeito da mente humana, e poder construir os sentidos de seu discurso a partir desse lugar, o qual Lacan define como sendo um lugar “do sujeito suposto saber, da díade primeira e do Bem”. (1964, p. 218).

Esta definição sugere a percepção da construção de um imaginário, com o qual o terapeuta/sujeito precisa aprender a lidar, voltado para a compreensão discursiva daquele que se apresenta a ele, o paciente. Evidentemente, o sujeito/terapeuta traz sua formação discursiva para o contexto, mas este se dá de maneira inteiramente diferente da que se apreende ao longo das muitas relações estabelecidas durante a vida, do que se aprende na formação pessoal. Ela prioriza o Outro, o sujeito/paciente, e não a si mesmo, representado pelo sujeito/terapeuta.

O lugar do Outro, enquanto sujeito/paciente, dentro do tratamento clínico, força o sujeito ali constituído como analista a vivenciar uma batalha que se desenvolve incessantemente, uma batalha que depende de treino e desenvolvimento técnico consistente. Mas, independente disso, este lugar confere ao analista/sujeito uma perspectiva que fará parte de sua fala, que estará no imaginário de sua posição de analista, pois, afinal, como afirma Orlandi (2002, p. 39), “podemos dizer que o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz”.

Da mesma forma como acontece com o sujeito/paciente, cuja constituição simbólica encontra-se presente na relação com o analista/sujeito, o simbólico do sujeito/analista também se encontra presente nesta relação, e precisa ser visto como parte dela para ser trabalhado, sempre que for necessário, de maneira que não interfira na busca que o sujeito/paciente está estabelecendo, já que esta, sim, deve ser tida como prioritária.

3.2 O MÉTODO DA LIVRE ASSOCIAÇÃO

Método desenvolvido por Sigmund Freud e seus colaboradores para trabalhar com a exploração da estrutura psíquica sem a utilização da hipnose como mecanismo regressivo. Este método consiste em mobilizar nos pacientes um estado psicológico capaz de livrá-los das muitas restrições aprendidas ao longo de seu processo de socialização, processo que por perdurar por toda a sua vida, passa a fazer parte integrante de cada sujeito. A utilização deste método objetiva o resgate de sentimentos importantes vividos e armazenados na memória dos sujeitos/pacientes.

A força da apreensão de restrições, por parte dos sujeitos, é, evidentemente, muito grande no contexto social, pois elas são consideradas necessárias para o estabelecimento de relações pertinentes, relações que se organizam a partir da utilização tanto das regras sociais quanto das discursivas. Mas, tais restrições provocam nos sujeitos a vivência de sentimentos conflituosos, já que elas limitam suas ações impulsivas e assim, em alguns momentos, os sujeitos experimentam conflitos que geram angústias, podendo levá-los ao desenvolvimento de patologias psíquicas.

Dessa forma, o tratamento psicanalítico caminha no sentido contrário a esta estrada já constituída, apresentando a este sujeito/paciente outra maneira de se posicionar em suas construções verbais, que, como foi dito, é indicativa da formação simbólica construída socialmente e que terá que ser revista juntamente com a construção emocional associada a ela.

Constata-se do ponto de vista das regras sociais e das regras discursivas, que para o sujeito é difícil, depois de tanto treino, conseguir discursar aproximando-se dos vários conflitos que permeiam sua formação, já que muitos desses conflitos se formaram, justamente, pela presença de desejos e impulsos fortemente condenados socialmente. Ao que se percebe, o movimento verbal propiciado no contexto terapêutico da clínica embasada pela teoria psicanalítica se configura em um movimento bastante difícil de ser executado pelos sujeitos que se colocam na posição de paciente, ainda que ele se disponha por vontade própria a tal tarefa.

Este caminho contrário que a análise apresenta ao sujeito, o faz passar para a condição de sujeito/paciente, o qual ocupa um lugar nesta clínica, em

que é capaz de promover gradativamente uma liberação discursiva, fazendo com que ele mostre o que se aloja espontaneamente em sua formação psíquica, compondo assim sua formação discursiva, que neste caso, devido à interpelação a que o sujeito é exposto, inclui associações involuntárias.

Dentro do modelo socialmente vigente, a estrutura psíquica precisa se encaixar na formação discursiva do sujeito, sendo que tudo o que não se encaixa deve ser descartado pelo sujeito ou por seus interlocutores, ainda que suscite sentimentos dolorosos a este. (FREUD, 1959).

Com isto, o método da livre associação propõe ao sujeito/paciente uma oportunidade de se deparar com todas as suas formações, sejam elas psíquicas ou discursivas, para que tome conhecimento destas e assim possa organizá-las dentro de si próprio.

Neste trabalho o método da livre associação é empregado no fazer discursivo de sujeitos que se dispõe a um esforço terapêutico que vai além da fala trazida por eles no momento das sessões de análises, que se dispõe a fora do contexto terapêutico, escreverem livremente como se estivessem diante do terapeuta. Utilizando o recurso da escrita e todas as implicações que este recurso acarreta, tanto ao fazer discursivo que se origina deste envolvimento clínico, quanto daquilo que o próprio aprendizado da escrita já lhes conferiu, individualmente e socialmente, como será visto a seguir.

3.3 A ESCRITA

A escrita enquanto invenção apareceu, consideravelmente, depois do surgimento da linguagem e é, segundo Auroux (1998, p.64), uma espécie de “revolução tecnolinguística na história da humanidade”, sendo que, em sua elaboração, é necessária a utilização de um grande número de controles psicomotores por parte do enunciador. Tal processo possibilita também uma visualização diferenciada do que, até então, tinha sido somente fala. Ela permite a cristalização da palavra daquele momento sócio-histórico e ideológico marcado em uma forma de dizer bastante particular e única.

Para Auroux (1998), a memória de uma sociedade que tem suas marcas registradas por meio da escrita, apresenta-se muito mais fiel aos fatos. Até porque, na linguagem escrita, precisam ser feitas especificações maiores para a compreensão do relato a ser transmitido ao longo do percurso linguístico realizado

pelo sujeito enunciador.

E, mais ainda, a linguagem escrita parece apresentar o que, para Auroux (1998, p. 74), pode ser denominado de “uma nova forma de tecnologia e, por conseguinte, uma nova forma de racionalidade”, o que surge marcada por uma assimilação diferenciada que, segundo este mesmo autor “permite então novas performances cognitivas, ligadas à razão gráfica”, remetendo à substituição de uma forma que pode ser a coisa, o objeto, o fato etc., em si, por outra, que é a gráfica.

Deste modo, a escrita materializa toda a produção simbólica que o sujeito, que, em nosso caso, é o sujeito/paciente, construiu ao longo de suas trocas discursivas, e agora, permeadas pelo contexto terapêutico e suas particularidades, o fazem confrontar.

Para alguns sujeitos/pacientes, a condição psíquica vivida naquele momento permite a utilização corrente da linguagem escrita, já que sua linguagem, enquanto forma de expressão dotada de um componente de inconsciência, também se encontra associada a esse meio de tradução. No entanto, para outros pacientes esses processos estão mais conturbados, ou ainda inacessíveis, contando, então, com o auxílio do terapeuta/sujeito para sua liberação. Conforme Silveira (1992, p. 18) comenta: “A tarefa do terapeuta será de estabelecer conexão entre as imagens que emergem do inconsciente e a situação emocional vivida pelo indivíduo”, o que sugere uma variação de maneiras para expressão emocional, sendo que dentre elas pode fazer parte a escrita como meio de expressão para o inconsciente.

Desta forma, é considerada a manifestação escrita destes sujeitos/pacientes, os quais, na tentativa de se compreenderem e se explicarem, buscam alcançar seus sentimentos e percepções por meio desta forma de expressão, conjugando-a segundo sua formação discursiva. Esforço peculiar de tradução daquilo que estava alojado em suas constituições psíquicas e que, agora, encontra-se transformado no material de análise deste trabalho de dissertação.

Esse *corpus* compreende, portanto, a modalidade discursiva escrita de pacientes em processo psicoterapêutico, que instaura uma posição sujeito e um meio de tradução discursivo, baseado em normas concernentes à relação terapêutica dentro da abordagem psicanalítica.

CAPÍTULO 4

PROCESSO ANÁLITICO E DISCUSSÃO

4.1 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Toda a teoria levantada até o presente momento teve como principal enfoque a percepção da constituição, bastante complexa, que envolve um fazer discursivo, no qual, heterogeneidade e formação ideológica bem como a localização sócio-histórica e ainda as condições de produção de um discurso fazem parte de um eixo. Quando tais elementos se encaixam fundamentam as formações discursivas a que um dado sujeito submete seu dizer, e mais, complementam a constituição do que, na Psicanálise é considerada a parte inconsciente da estrutura psíquica de um sujeito.

Dessa forma, com base na afirmação de Lacan (1964, p.193) de que “se a psicanálise deve se constituir como ciência do inconsciente, convém partir de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem”, é proposta, para este trabalho, uma análise que engloba as teorias componentes da Análise do Discurso de linha francesa, ao mesmo tempo em que considera as manifestações linguísticas a partir de seu vínculo bastante estreito com o inconsciente, e suas manifestações reconhecidas nas construções verbais que aqui se aplicam ao fazer discursivo escrito.

Ainda importa, para esta análise, a verificação das diferenças apresentadas por cada sujeito no que se refere às formulações enunciativas que possibilitam a distinção das suas particularidades, da determinação de sua forma de subjetivar e de se reconhecer a partir dessa subjetivação, assim como sua disposição para convencer os outros também a reconhecê-lo.

Partindo desta perspectiva, será realizada a análise dos escritos que os sujeitos/pacientes produziram em seus processos de psicoterapia, cujo objetivo direcionava-se ao aumento da compreensão sobre si.

Sendo que os escritos produzidos são manifestações discursivas resultantes das experiências que os sujeitos guardaram em sua mente por meio da utilização do esquema linguístico disponível em seu meio social durante seu processo de aprendizado intelectual e de desenvolvimento sócio-cultural, com tudo que nele encontra-se embutido.

Considerando, contudo, que isto confere ao sujeito o aprendizado não apenas do sistema linguístico em vigor, mas dos complementos desenvolvidos para ampliar o alcance que o sentido de uma construção linguística possa obter, como por exemplo, a entonação dada a uma palavra e não a outra.

Portanto, nesse caso, esses complementos se limitam apenas àquilo que pode ser inserido nos textos por meio de símbolos gráficos, como por exemplo, as mudanças na forma convencional de escrever, no acréscimo de outros símbolos como setas, riscos, espaços entre as palavras, etc., ou ainda com a utilização de pontuações que não combinam diretamente com aquele dizer, expressando a tentativa de expor mais do que as palavras conseguem revelar.

Em razão disso, para este trabalho de análise, os textos dos sujeitos/pacientes serão transcritos na íntegra, já que seu valor é ampliado quando incluído todos os detalhes neles realizados pelo sujeito, respeitando a expressão do momento emocional relativo ao do ato discursivo.

Para maior compreensão da análise que será realizada, bem como para exemplificar cada objetivo analítico, será transportado um fragmento do texto, que quando necessário, conterà o acréscimo de um grifo no local específico que se está analisando, é um acréscimo feito pelo analista, visando melhor percepção ao leitor daquilo que se está mostrando com a análise.

A análise se iniciará com os textos do sujeito/paciente 1, que produziu cinco textos durante o período em que foi selecionado o material a ser recolhido para esta análise; posteriormente, passa-se para a análise dos textos do sujeito/paciente 2, que conta com três textos a serem analisados; e por fim o sujeito/paciente 3 que teve uma produção de dezoito textos durante este mesmo período.

Em um primeiro momento os textos serão analisados um a um, mas em seguida será feita uma visualização mais geral deles, considerando o conjunto de texto produzido por cada sujeito/paciente como sendo o seu discurso, buscando assim a ampliação da percepção que se possa ter da formação discursiva de cada um, bem como de possíveis modificações sofridas por esta ao longo de seus escritos.

O primeiro fator a ser analisado é a presença do discurso relatado e sua relevância para a percepção que o Outro sujeito tem na formação e desenvolvimento do sujeito/paciente em questão. Na sequência são analisados os

discursos socialmente consolidados que embasem de alguma forma o discurso do sujeito/paciente Prosseguindo, a análise caminha para a percepção das influências que a formação ideológica tem sobre a formação discursiva apresentada pelos sujeitos em seus discursos, para que a análise siga em direção a compreensão do discurso como um tudo e, então, como este fica disposto quanto à coerência que o sujeito alcança em seu discurso.

Mais uma vez é importante destacar que esta análise se dá no campo da Análise do Discurso de linha francesa e não segundo os pressupostos teóricos da Psicanálise, e de forma alguma tenta substituir a percepção desta ou de alguma forma confrontá-la, mas sim, evidencia-se a busca por caminhos paralelos que possam contribuir com a percepção do analista a cerca de seu paciente.

4.1.1 A participação do Outro relatado no Discurso

A presença do discurso relatado pode ser percebida dentro de uma formação discursiva apresentada por um dado sujeito de diferentes maneiras. Uma delas é identificada quando ocorre a presença, em meio a uma construção discursiva, de discursos diretos e indiretos que explicitam a heterogeneidade da formação discursiva do sujeito enunciador e evidenciam a presença de outros discursos nesta formação.

Na análise do depoimento dos sujeitos que constituem este *corpus*, verifica-se, no que se refere à presença específica de discursos relatados, que sua utilização encontra-se relacionada ao movimento emocional do qual esses indivíduos deixam transparecer com suas enunciações, justamente por estarem envolvidos em um tratamento psicológico.

Nos textos do sujeito/paciente 1 não é verificada a presença do discurso relatado em todos os seus depoimentos, mas apenas se percebe tal presença a partir do terceiro texto, quando, em um dado momento, aparece intercalada a fala deste sujeito com a fala de um Outro sujeito. Sendo que, na primeira participação do discurso relatado em um texto deste paciente, acontece a narrativa da fala de um Outro sujeito, apresentada depois de uma sequência discursiva que construía uma rede específica de sentido, voltada para mostrar sua condição de sujeito deprimido e entristecido.

Dessa forma, observa-se que, antes de se perceber neste relato o

discurso de Outro sujeito, o texto traz a narrativa de acontecimentos passados na vida do sujeito/paciente, que introduzem, contextualizam e, ao mesmo tempo, justificam a condição emocional que está sendo vivenciada por ele. Após esta narrativa, aparece no texto a fala desse Outro sujeito, fala que marca uma mudança no foco do sentido que o texto transparecia e, por isto, possui uma importante função dentro dele: a de apresentar um dado novo ao contexto discursivo, colocando outra perspectiva para os sentimentos que servem como base para a descrição da condição emocional do sujeito.

A construção textual se dá a partir de acontecimentos da vida do sujeito e a relação deste com o sentimento de decepção que o toma, sendo que a introdução da fala de Outro sujeito provoca a admissão de uma narrativa mais positiva, com conteúdos mais agradáveis, tendo como consequência o surgimento do relato de sentimentos igualmente agradáveis, conforme se pode observar na transcrição do trecho em que entra esta forma de expressão discursiva.

O texto do sujeito/paciente 1 foi elaborado deste modo:

E ainda p/ ajudar o meu ex-marido não cumpriu com prometido que é me devolver o dinheiro estou Domingo de Páscoa, eu tive quase que uma surpresa o meu ex-marido ligou em casa e disse que veria visitar as meninas e perguntou se podia, se não teria problemas eu disse que ele seria muito bem vindo em minha casa. E fiquei feliz quando ele chegou, ele veio de ônibus e sozinho e passou a tarde toda com todos nós parecíamos, uma família feliz e reunida ele me Tratou muito bem.

Contudo, é importante a compreensão de que a posição depressiva de seu estado emocional condiciona o olhar deste sujeito, dificultando a percepção de coisas boas relacionadas a ele mesmo ou àquilo que está à sua volta, forçando sua narrativa a representar este olhar. Por isso, a expressão discursiva predominante de um sujeito com depressão é, na maioria das vezes, marcadamente triste e melancólica.

Neste caso, a posição depressiva e seu consequente olhar estão presentes na enunciação, mas também, encontram-se presentes na tentativa do paciente de buscar outros sentimentos vividos por ele em seu dia a dia, sentimentos que o desloque de sua condição depressiva. Contudo, neste momento, as formações discursivas que ocorrem ao sujeito trazem as vivências e seus respectivos sentimentos marcados por resquícios de sua depressão.

Assim, percebe-se que a depressão e a melancolia interferem no resgate que o sujeito faz dos discursos de Outros sujeitos, e como esses se encontram inseridos nos textos. Influenciando assim a retomada de conteúdos da formação discursiva inconsciente, formação essa relacionada ora, à quais vivências serão reportadas para que o texto sustente a condição emocional na qual este sujeito se encontra, dando-lhe corpo na expressão textual, ao mesmo tempo que direciona o olhar do enunciador, ora, dando ao sujeito subsídio para perceber momentos de sua vida que despertaram sentimentos menos depressivos, sentimentos que modifiquem a sua relação com a sua condição emocional.

O texto mostra a citação, ao mesmo tempo que a embute na fala do próprio sujeito, justamente como explica Maingueneau (1993, p. 87) quando diz que: “a citação mostra-se inseparável do próprio conteúdo dos discursos, do qual constitui uma dimensão essencial”.

Neste texto, a “dimensão essencial” é a possibilidade emocional de correlacionar inconscientemente uma trama discursiva que permita ao sujeito narrar coisas boas e agradáveis, fugindo dos conteúdos depressivos. Com o simples enunciado “o meu ex- marido ligou em casa e disse que veria visitar as meninas e perguntou se podia, se não teria problemas”, o texto mostra que o sujeito é capaz de assinalar a presença de coisas que lhe deram algum tipo de prazer, coisas simples, mas que o capacitam a construir um contraponto que amenize a tristeza revelada no início do seu texto.

O discurso relatado fica nítido no material presente, já que é utilizado para separar a fala do Outro sujeito da sua própria fala, o verbo *dicendi* “disse” e, em seguida, ao voltar para uma fala que ele assume como sendo sua, novamente o repete.

Silvia Cardoso (1999, p. 70) comenta esta maneira de colocar o discurso de um Outro sujeito em seu discurso de sujeito enunciador, esclarecendo que desta forma, o discurso fica sem muita dissociação, sendo o contexto o único meio de percepção da ocorrência de uma citação.

Isso é tratado no caso analisado acima, no qual o texto apresenta o fazer enunciativo do Outro de forma que faz junção do dizer do próprio sujeito, misturando-o ao que se encontra ali enunciado, tornando-o parte de suas palavras e, assim, de forma sutil, potencializa a perspectiva contida neste momento da narrativa.

Tal momento da narrativa que se refere a um fragmento do dia, que

inclusive ganha uma nomeação por parte do sujeito, de “família feliz”, ou melhor, como sendo o instante do dia no qual sua família pareceu-se com uma família feliz, simbolizando, assim, a possibilidade de poder narrar coisas boas de sua vida, mesmo que essas tenham relação com a vinda deste ex-marido.

Em outra situação do depoimento escrito pelo mesmo paciente, observa-se novamente a interferência de um Outro sujeito em meio a sua fala, no qual, mais uma vez, encontra-se para anunciar esta presença, o verbo dicendi “disse”.

Contudo, nesta nova construção, o texto traz para encerrar a fala do Outro sujeito, um ponto de exclamação, o que sinaliza uma distinção entre a fala do Outro sujeito e a sua própria fala. Porém, ao voltar para a fala que representa a formação discursiva do próprio sujeito, o texto não apresenta o marcador mais comum usado depois desse sinal de pontuação, que é a letra maiúscula, nem com um “eu disse” já empregado neste tipo de sequência de texto, em outros momentos.

O texto traz o enunciado organizado da seguinte maneira: a fala do outro sujeito está evidenciada, enquanto a fala do próprio sujeito/paciente não está, o que pode ser um indicativo da diferença da importância que confere a uma e a outra fala, ou a um e a outro enunciador. Fato que sugere, então, que o texto que enfatiza a marcação parece obter, naquele momento, um crédito maior, até porque ele corrobora a ideia autodepreciativa que estava sendo apresentada e relacionada à situação emocional do sujeito em tratamento de depressão.

O relato das falas está assim expresso: “o meu ex-marido me disse hoje que quando eu começo a confiar em você e a ter um bom relacionamento de amizade com você, você me decepciona! para mim é tão triste ouvir tudo isso dele”.

No entanto, na sequência discursiva, o texto mobiliza a presença de uma surpresa, apesar de usar a letra minúscula para voltar à fala do sujeito, que por sinal começa por marcar sua tristeza ao ouvir o Outro sujeito criticá-lo, rapidamente pode-se observar a mobilização da formação discursiva para argumentar em sua defesa.

Esse procedimento inaugura uma maneira diferente de apresentar as coisas boas da vida do sujeito, pois ao contrário da maneira anterior na quais coisas boas eram vindas de fora, como no caso da visita do ex-marido, neste texto, as coisas boas estão no próprio comportamento do sujeito e ele pode perceber por si mesmo.

Observa-se que a fala do Outro sujeito serve para facilitar a expressão verbal de experiências positivas da vida desse indivíduo e, além disso, para mostrar a sua condição emocional, condição essa que já permite que o sujeito perceba e narre essas vivências sobre ele próprio.

Ficou assim estruturado o texto construído por esse sujeito/paciente:

o meu ex-marido me disse hoje, quando eu começo a confiar em você a ter um bom relacionamento de amizade com você, você me decepciona! para mim é tão triste ouvir tudo isso dele, eu sei que eu sempre o ajudei, me esqueci pensando só no bem estar dele e das minhas filhas e ele não reconhece nada só faz me criticar me maltratar com palavras pesadas de acusação de humilhação ate quando eu vou ter que ouvir e acreditar em tudo isso, estou triste. muito aborrecida.

Embora reitere com veemência a tristeza que experimenta, é de grande importância o reconhecimento do movimento discursivo facilitador de conteúdos emocionais menos depressivos, apresentados em passagens como a transcrita acima, que apontam os cuidados dispensados ao ex-marido e a suas filhas. Passagens que permitam ao sujeito a percepção de sentimentos diferentes daqueles que fazem parte do quadro depressivo e ajudam a alcançar certo equilíbrio emocional, o que demonstra um enfrentamento da condição depressiva que o invade.

A presença do discurso relatado mobiliza sentidos na discursividade do enunciador. Sentidos que podem ser alcançados e relacionados à possibilidade de diluir a fala do Outro sujeito em meio à própria fala, de modo a confundir o leitor sobre a autoria do discurso e, assim, distanciar o sujeito enunciador da responsabilidade das colocações apresentadas, utilizando uma polifonia mascarada e dificultando a distinção dos limites discursivos de um e de outro enunciador.

Cardoso (1999, p. 69) afirma que:

Muitas vezes é difícil saber no discurso indireto a quem exatamente atribuir as palavras, se ao locutor que cita, se ao citado. Para que o alocutário identifique uma palavra ou outra como sendo do locutor citado, aquele que cita pode marcá-la com aspas ou com um (sic), como é muito comum no discurso da imprensa.

No quinto texto do sujeito/paciente 1, pode-se observar a repetição desse modelo discursivo no momento em que é inserido a fala de um Outro sujeito dentro de seu texto, misturando-a com a dele. Sendo esta repetição marcada da

mesma maneira que já havia sido feita anteriormente, com o verbo dizer posicionado um pouco antes de a fala do Outro sujeito ser inserida, assim, introduzindo sutilmente o discurso indireto livre, sendo que só é possível sua percepção quando se observa o conjunto discursivo que compõe o texto, como pode ser observado:

Este ultimo final de semana ou seja no sabado estive com o meu namorado a tarde toda e quase foi um tarde perfeita não fosse ele ter me dito com todas as letras que não me ama que não sabe que sentimento e esse que o envolve e do qual ele não consegue se separ de mim, as vezes tenho muito medo dessa situação, só penso em coisas maus que podem acontecer, não vejo ele ao meu lado no futuro e Já só com isso.

O texto, nesta estrutura discursiva, apresenta uma sequência que inicio com o relato de coisas boas do sujeito, do fato deste estar melhor e de ter passado uma tarde agradável com seu namorado. Mas, o padrão discursivo é rapidamente retomado como nos discursos anteriores, ou seja, traz para o texto a expressão daquilo que corresponde ao seu estado emocional entristecido, o que se dá, justamente, quando insere o discurso relatado.

Mas, com toda a formação discursiva revelada nos respectivos textos, o sujeito, como sujeito complexo, já se fez bastante conhecido e não precisa se limitar à expressão única de sua depressão. Como se não houvesse outros conteúdos em seu emocional, ou mais, precisamente, como se houvessem mais conteúdos em sua formação discursiva, visto já ter demonstrado ser capaz de buscar as várias outras facetas do si mesmo para apresentá-las em sua enunciação.

Assim sendo, a fala do Outro é colocada em um movimento inconsciente, e, a partir dela, o discurso do sujeito apresenta a sua capacidade de se defender, capacidade adquirida ao longo das múltiplas interpelações sofridas, capacidade que também faz parte de sua formação, e que pode emergir à qualquer momento. Esta constatação é confirmada quando se observa que a fala do Outro sujeito traz um conteúdo que poderia deixá-lo triste, mas ele reage a este sentimento quando percebe a sua presença, e não entra mais no jogo depressivo que antes era tão atuante em sua formação discursiva.

Na verdade, percebe-se a presença forte do tom melancólico nos textos, mas, ao mesmo tempo, é a melancolia que provoca a reação, é ela que permite o jogo intradiscursivo, que ora confirma a fala do Outro sujeito, ora rebate o que ele disse, forçando a elaboração gradativa dos conteúdos expostos. O texto

encontra-se organizado da seguinte maneira:

Este ultimo final de semana ou seja no sabado estive com o meu namorado a tarde toda e quase foi um tarde perfeita não fosse ele ter me dito com todas as letras que não me ama que não sabe que sentimento e esse que o envolve e do qual ele não consegue se separ de mim, as vezes tenho muito medo dessa situação, só penso em coisas maus que podem acontecer, não vejo ele ao meu lado no futuro e Já só com isso; As vezes tenho a nítida certeza que ele se ilude ao dizer que não me ama é muito clara seus sentimentos devido suas atitude, sei que ele já foi rude comigo, mas sinto que o medo dele é muito maior do que a possibilidade em admitir o que sente por mim; como esses homens são covardes, eu que fico sempre com ele sinto e sei o que ele realmente sente por mim só que não quero em nenhum momento

Com este texto, encerra-se a análise referente à presença do discurso relatado na produção discursiva do sujeito/paciente 1, ao longo do qual se verificou uma forte tendência pronunciada a cada construção escrita, relativa à necessidade do sujeito, na condição de paciente, de se perceber mais integrado, apontando uma condição discursiva e emocional cada vez menos depressiva, e, conseqüentemente, com conteúdos mais diversificados. Com isso, expressa uma reação de enfrentamento relativo a seu quadro depressivo e também relativo à formação discursiva que este quadro acaba suscitando, sugerindo a seu analista avanços em seu tratamento.

Este mesmo formato textual, no qual se utiliza o discurso relatado diluído no discurso do sujeito enunciador, pode ser observado na construção dos textos trazidos pelo sujeito/paciente 2. Tais textos apresentam uma estruturação discursiva que forma uma imagem do próprio sujeito, cujo ponto de partida está na demonstração de como a sua vida foi permeada por dificuldades, por sofrimentos relativos às doenças e aos maus-tratos sofridos durante todo à sua infância.

Tal qual o sujeito/paciente 1, este apresenta sua capacidade de percepção, quanto ao que está à sua volta, capacidade condicionada pelo processo depressivo vinculado à sua condição emocional. Só que, neste caso, o texto revela, em meio a isso, uma imagem implícita da inocência e fragilidade do sujeito para, só então, colocar a presença do discurso de Outro sujeito, que surge como um reforço para tudo o que é demonstrado sobre ele.

É importada para o texto a fala do Outro sujeito, disposta em dois momentos, os quais estão relacionados entre si e também relacionados ao mesmo

fato. Um momento é a atitude da irmã mais velha do sujeito/paciente, que foi capaz de colocá-lo na linha do trem para quase ser atropelado e o outro é a capacidade desta mesma irmã de ameaçá-lo de morte caso viesse a contar o ocorrido a alguém. Os dizeres são os seguintes: “e falou para eu esperar, que ali seria o melhor lugar para ver” e “jurou que me mataria de tanto bater de eu contasse”.

Quando é marcada na formulação do texto a posição do sujeito/paciente 2 diante do Outro ameaçador, esta mesma formulação diz respeito a um determinado tempo da vida do sujeito, a infância. Em seguida, contudo, essa posição é transferida para o presente, no qual o sujeito é colocado como uma pessoa inocente, frágil, e suscetível às maldades do mundo. É o que se percebe quando é dito: “Que tipo de idiota fica no dormente da linha acreditando que ali é o melhor lugar para ver o trem? O mesmo tipo que ainda acredita na felicidade, que vive no mundo dos sonhos”.

Com a presença do discurso relatado, ficam claros dois pontos importantes sobre a formação discursiva do sujeito/paciente 2, pois tanto se percebe o sujeito como um indivíduo sofredor, sendo as marcas deste sofrimento expostas em seu discurso, como também se percebe uma fragilidade e uma dificuldade em se defender. O discurso relatado encontra-se fundido com o discurso do próprio sujeito enunciador, numa sequência que se apresenta da seguinte forma:

Um dia eu quase morri atropela pelo trem: eu queria ver o trem; pedi a ela. De raiva ela me colocou no dormente do trem e falou para eu esperar, que ali seria o melhor lugar para ver. Talvez a minha idiotisse, essa que carrego até hoje, seja resultado de muita febre; dos vírus... sei lá. Eu fiquei parada esperando o trem passar, imagina? Quando o maquinista viu que eu não ia sair, soou tão alto o apito, puxou com tanta força o cordão, que as vezes, até hoje ainda ouço o som estridente que me assustou e me fez cair para traz. Ela correu atrás de mim e me jurou que me mataria de tanto bater de eu contasse; eu não contei.

Que tipo de idiota fica no dormente da linha acreditando que ali é o melhor lugar para ver o trem? O mesmo tipo que ainda acredita na felicidade, que vive no mundo dos sonhos.

Outra maneira que se apresenta a discursividade deste sujeito é atrelando-a, ainda, ao discurso relatado, isto quando ele é colocado de uma maneira que possibilite um distanciamento em relação às consequências sociais que a formação discursiva ali empregada possa suscitar, diminuindo a responsabilidade quanto ao conteúdo discursivo, conforme Cardoso (1999, p. 68-69) afirma: “O estilo

direto implica fazer falar um outro, atribuindo-lhe a responsabilidade da fala, o que não implica que sua verdade tenha uma correspondência literal, termo a termo”.

O sujeito/paciente 2 mostra esta formação em seu texto quando existe a presença discursiva de dois outros sujeitos, um dizendo o que um outro teria dito, sendo que a primeira voz é de seu irmão e a segunda é de Deus. Para que esta forma de construção apareça, é separada a fala do primeiro sujeito, com o verbo “disse” como marcador e, depois, para indicar a fala do segundo sujeito, ele coloca um travessão.

Até então o texto seguia um curso bastante melancólico, já que apresentava os momentos de sofrimento pelos quais o sujeito havia passado, mas a partir da colocação da fala do irmão do sujeito/paciente 2, acompanhada da fala de Deus, dá-se início a um outro movimento discursivo, em que ocorre um distanciamento da fragilidade e da inocência anteriormente traçadas, para desvelar uma posição mais defensiva. Para isso, é usado o poder que a referência à figura de Deus pode trazer a um texto, para sugerir outra presença poderosa, que é a de seu oponente: a do diabo ou algo assim, imagem que é enunciada de forma implícita, pois fica apenas subentendida como se pode observar no trecho que se segue:

Um dia meu irmão me disse que eu quando nasci, Deus olhou para terra e disse:-Que besteira que eu fiz.

Mas, como um ser não podia viver na terra sem nenhuma virtude, Deus me deu a generosidade. Mas, como tudo que é demais não é virtude é defeito. Não teve jeito: Pão que nasce torto até a cinza e torta. Sabe, meu irmão, acho que você tem razão sobre tudo. Só errou na presente: Primeiro, não foi generosidade foi persistência; segundo: Talvez o presente não tenha sido necessariamente, de Deus, entende?

O importante neste ponto é que a presença do discurso relatado serve como introdução para que haja o surgimento de outra face da personalidade discursiva, ou seja, da formação discursiva deste sujeito, face que apresenta a intradiscursividade relacionada à capacidade de ameaçar, repetindo o que aprendeu em sua infância. E, da mesma forma, ameaçando os que já foram sujeitos ameaçadores para ele, para poder se livrar da figura fragilizada apresentada anteriormente. Tudo isto viabilizado por poderes tão elevados, como os que são figurativizados pelas imagens de Deus e do seu oponente.

Em outro texto encontra-se a presença, novamente, do discurso relatado em sua construção discursiva, mas a maneira como é disposto esse

recurso, ao mesmo tempo que corrobora a imagem construída do sujeito/paciente, também projeta sobre ele a responsabilidade pelo raciocínio ali desenvolvido.

A discursividade é apresentada de forma dinâmica, a fim de que a ideia ali presente seja inserida discretamente, e que seja criada a impressão de que o sujeito, apesar de ser um sujeito que foi abandonado e, portanto, é um sujeito merecedor de pena, consegue construir coisas boas e positivas, usando para isto, única e exclusivamente, sua capacidade de transformar o que recebe.

A forma de expressão que aparece nesta enunciação indica a capacidade que o sujeito tem de ocupar um lugar que ele próprio reconheça como especial, e que o faça ser reconhecido assim por sua filha, tanto que é ressaltada a importância da fala desta, quando ela diz ao sujeito/paciente que ele é uma pessoa “diferente para melhor”.

A apresentação do discurso da sua filha serve para fortalecer o novo lugar construído com este movimento que o discurso do sujeito/paciente vem apresentando, conquistado mediante o sofrimento imposto pelas elaborações que o processo terapêutico produz, mas, que lhe assegura alguma satisfação neste momento da sua vida, já que seu interdiscurso pode agora mostrar outras formações que o compõe. O discurso do Outro sujeito é marcado com o uso do travessão, como se observa na passagem vista por inteiro: “Com a intenção de entender, perguntei a minha filha o quê a faz pensar que sou louca, mas ela, mesmo eu explicando que isso não me magoaria, não quis responder, dizendo-me apenas que não me acha louca, mas sim diferente e completou:- diferente para melhor”.

Nestes dois textos, o discurso relatado juntamente com o que dele suscita, reafirma a posição de um sujeito capaz de modificar o que quer mostra de sua formação discursiva.

Dessa forma, a fala do Outro em seu discurso, constitui-se em um agente facilitador que reforça o sentido, desvenda a lógica e dá continuidade ao trajeto discursivo, revelador de algo da formação deste sujeito do qual ele aprendeu como sendo qualidade, o que se materializa na exposição da capacidade autodidata, capacidade de aprender e se desenvolver intelectualmente e emocionalmente.

Contudo, estas novas posições não são consolidadas no discurso deste sujeito, já que são relativas às suas qualidades e ao aspecto intradiscursivo que não teve o respaldo afirmativo de Outros sujeitos que fizeram parte da sua formação, sujeitos que participaram dos seus primeiros anos de vida. Assim, até que

esses discursos fiquem mais fortalecidos, a parte discursiva voltada para o autodepreciação, mais reforçada por estes sujeitos cuja relevância é considerada na formação do sujeito/paciente, é bastante recorrente.

Observa-se que o texto mostra que, como parte da formação discursiva do sujeito/paciente, encontra-se a composição de episódios concernentes a sua história de vida, que quando narrados geram ansiedades, episódios nos quais os outros sujeitos que dividem as cenas apresentam comportamentos e posicionamentos sociais que este sujeito não deseja reproduzir, fazendo com que ele se esforce para desenvolver a tal capacidade de transformação, visto ser esta o recurso que lhe parece capaz de amenizar determinados sentimentos que lhes são recorrentes.

Em outras palavras, o texto mostra a crença na capacidade de mudanças e de novos arranjos emocionais para transformar o que o sujeito tem dentro de si. O que compõe a formação discursiva, transformando em coisas que ele considera como boas e, ainda, que possa passar essas coisas boas e novas para sua filha, acabando assim com um círculo vicioso vindo de sua mãe, passando pela irmã e culminando em tudo aquilo que vivenciou em sua infância e adolescência.

O movimento discursivo apresentado nos textos deste sujeito/paciente está voltado para recursos que o sujeito acredita serem dele próprio, e isto lhe garante um desenvolvimento de suas respostas emocionais, que neste ponto da terapia ainda estão em desenvolvimento, mas mesmo assim, pode-se dizer que clinicamente esta condição é bastante promissora.

Passando para a construção discursiva do sujeito/paciente 3, observa-se também a ocorrência do recurso referido anteriormente, sendo que este está mobilizado da mesma maneira que fora observada nos discursos realizados pelos outros dois pacientes, ou seja, o discurso relatado encontra-se diluído no próprio dizer do sujeito enunciatador.

Todavia, especificamente, neste texto, o conteúdo enunciativo que alimenta o relato tem origem em um sonho deste sujeito, que ao ser transcrito encontra-se misturado com o relato da própria realidade. Parece que para o paciente saber que esses determinados conteúdos são relativos a um sonho, não diminui a carga emocional que é depositada neles, até porque os acontecimentos do sonho e os acontecimentos de sua realidade se misturam, contendo os dois, por exemplo, a presença do namorado e o fato de sair para ir à terapia.

Para acentuar esta mistura do conteúdo emocional do sonho com o da realidade, há o fato de que o que se passa no sonho encontra-se relacionado com um acontecimento ocorrido na vida do sujeito, não exatamente da mesma forma, mas, que suscitou sentimentos angustiantes, similares aos que foram despertados com os acontecimentos vivenciados neste sonho.

Em meio a estes conteúdos, encontra-se a inserção do discurso relatado, sendo empregado como marcador para evidenciar a presença da fala de um Outro sujeito, o verbo dizer. Este verbo aparece diluído na frase, procurando dar maior fluidez à narrativa e colocando sequência aos acontecimentos relatados, juntamente com as emoções que o sujeito diz experimentar, por meio de uma construção discursiva escrita que não utiliza a pontuação como meio importante na transmissão da mensagem. Com isso, parece acentuar o valor do fazer discursivo enquanto reproduzidor do dizer oral e não do escrito no qual se inscreve.

O texto do sujeito-paciente 3 fica assim:

Eu nestes últimos dias tenho sonhado sempre, quando durmo com a cabeça cheia de pensamentos eu sonho algumas coisas estranhas, mas principalmente esta ultima noite parecia muito real. Sonhei que estava com muito ciúmes do meu namorado e ele me deu (passou) segurança no meu sonho e disse que eu não precisava me preocupar, sendo que pela manhã estava chovendo eu me despedi de todos em casa e sai para vir à terapia aí me lembrei que não havia me despedido do meu namorado (noivo) e voltei chorando para casa quando cheguei lá ele estava se despedindo de todos e me viu mas não disse nada.

Outro fator importante relacionado a este discurso relatado é que a frase do namorado (noivo), que dizia para o sujeito não se preocupar, não correspondia à verdade, pelo menos não ali no sonho. O texto remonta a um fazer discursivo que traduz as inseguranças deste sujeito em relação a seu namorado, desconfiança que sua discursividade não expressa abertamente, mas que se faz anunciar mediante o relato do sonho.

O texto aponta o temor que move a formação discursiva deste sujeito, oriundo de seu aprendizado social, já que o seu pai abandonara a mãe, portanto, seu aprendizado impulsiona o resgate desta discursividade. Mas, provavelmente por se tratar de uma relação muito desgastante, o sujeito a transfere, emocionalmente, para seu sonho. Contudo este temor se reflete, até mesmo, no formato em que o texto é montado, pois a estrutura do texto apresenta uma mistura

entre a fantasia vivida no sonho e os acontecimentos de sua realidade, de uma forma que acentua sua posição depressiva, pois mobiliza mais angústias.

Nesta forma de construção discursiva, é utilizada a fala desse Outro sujeito, pois ela faz parte da construção do sentido, como forma de expressão e de confirmação do estado emocional no qual ele se encontra. Porém, para Maingueneau (1993, p. 86), isto é bastante ambíguo, já que o Outro sujeito presente por meio da citação, na verdade, não está presente para confirmar sua fala. Em razão disso, Maingueneau afirma que:

Aí reside toda a **ambigüidade** do distanciamento: o locutor citado aparece, ao mesmo tempo, como o não-eu, em relação ao qual o locutor se delimita, e como a “autoridade” que protege a asserção. Pode-se tanto dizer que “o que enuncio é verdade porque não sou eu que o digo”, quanto o contrário. (1993, p.86)

Segundo esta perspectiva, as outras vozes ganham dimensões variadas, até porque, normalmente, são fragmentos de discursos que são trazidos ao texto e se remetem a sujeitos que não deixaram seus discursos registrados por escrito, estando apenas arquivados na memória do sujeito que faz a enunciação.

Agregando tais conhecimentos à análise aqui realizada, quando se olha em mais textos trazidos por este sujeito, pode-se perceber a fala de um Outro sujeito. Esta fala encontra-se separada, já que é escrita depois da colocação de dois pontos, exatamente como manda as regras da linguagem escrita.

Trata-se de uma fala que por duas razões pode ser considerada como relevante: primeiro, por ser esta uma fala que se origina de um enunciador que não costuma realizar verbalizações, pelo menos não por meio de palavras pronunciadas oralmente e, segundo, por se tratar de alguém cujos poderes são, segundo a crença social, ilimitados.

Mas, neste caso, a maneira como a frase é colocada dentro do texto sugere que ela foi realmente ouvida. Portanto, esta expressão do interdiscurso se deu desta forma: “O que Deus disse p/Nadir: Nadir é uma filha querida”, como se realmente fosse uma repetição literal do que se ouviu Deus dizer. Em seguida, aparece uma vírgula que marca o retorno à própria voz do sujeito enunciador.

Retomando o fato de que o paciente traz, por causa da posição depressiva na qual se encontra seu sistema emocional, uma fragilidade bastante intensa, percebe-se que mediante um resgate do interdiscurso religioso e da

consequente proteção divina, a discursividade mantém os sentimentos angustiantes que suscita, amenizados. É como se houvesse uma trégua para a aquisição, por meio da esperança, de mais confiança e energia, para seguir a sua vida.

O sujeito consegue, ao atribuir a Deus a autoria da fala, imprimir um peso maior a ela, já que a credibilidade de Deus é vista socialmente como bastante elevada. O texto apresenta-se desta forma:

O que Deus disse p/Nadir:

“Nadir é uma filha querida, Deus me ama e sempre vai me ajudar, sempre que eu tiver um problema é só pedir ajudar pra Deus que ele vai me ajudar.”

A presença deste recurso discursivo no texto do sujeito/paciente 3 tem seu valor relacionado ao lugar do real e do imaginário, que se misturam e se confundem, já que, o sonho e a realidade despertam os mesmos sentimentos, e que a fala divina parece tão tangível.

Os textos apontam uma discursividade, na qual se pode observar, com clareza, o quanto, para este sujeito, o seu mundo interno esta recheado pelas informações do mundo externo, oriundas de suas relações sociais, de suas trocas discursivas e de sua formação ideológica, permeando o tipo de construção discursiva formulada.

Este paciente encontra-se envolvido a um imaginário capaz de amenizar seus medos e anseios, justamente aqueles que se encontram embutidos em seus conflitos emocionais, reativados na exposição clínica a que esses depoimentos estão vinculados. Isto se configura em uma luta contra a posição depressiva, uma luta acompanhada de perto pelo terapeuta, e que pretende separar o conteúdo discursivo representante de sua condição emocional em dois blocos, os conteúdos reais e àqueles ligados ao imaginário, para que o sujeito/paciente se relacione com eles considerando seus devidos lugares.

A presença do discurso relatado nos três casos analisados mostrou-se submetida a condição emocional vivenciada pelos sujeitos, relativas a depressão, constante que envolvia os sujeitos tornado-os semelhantes, embora tão diferentes.

Para o sujeito/paciente 1, a presença desse recurso discursivo servia para que ele fosse se organizando e procurando gradativamente responder à ideias oriundas de sua condição psicológica depressiva e conseguisse perceber mais e mais suas coisas boas, alegres, e, assim, menos depressivas.

Já para o sujeito/paciente 2, o discurso relatado abria espaço para que ele se mostrasse capaz de reagir e subjetivar aquilo tudo que recebeu das pessoas que cuidaram dele ou que foram responsáveis pela sua educação, e também pudesse se aproximar de coisas boas de sua vida e de si mesmo.

Enquanto que para o sujeito/paciente 3, o discurso relatado encontra-se permeado por seu imaginário, sendo que a confusão entre as coisas que realmente aconteceram e aquelas de seus sonhos ou devaneios acabavam por amenizar suas dificuldades emocionais.

Perceber o uso desse recurso para tais sujeitos em particular, é perceber que dentro de um estado emocional no qual a depressão é condição primordial, a expressão discursiva encontra-se montada para buscar reagir a esta condição, buscando equilibrar seus sentimentos. Sendo que, é justamente na formação discursiva já presente na constituição destes sujeitos que se encontra tanto as representações de suas dificuldades emocionais quanto a maneira para se conseguir atingir a expressão de uma discursividade que lhes assegure uma melhora na organização de suas estruturas emocionais.

4.1.2 Autoridade de Discursos Consolidados

Ao realizar uma construção discursiva, como foi dito, o enunciador traz todos os dizeres assimilados por ele ao longo de seu processo de formação linguística, invocados para responder ao momento e à necessidade comunicativa presentes no contexto da enunciação.

Reorganizados, estes dizeres devem corresponder ao imperativo de seu novo enunciador, que precisa se inscrever, não só como sujeito capaz de se subjetivar em seu discurso, mas deixando sua marca na realidade histórica que está sendo construída.

Para isto, são mobilizados dizeres que contenham o significado já consolidado historicamente que, ao serem adequadamente empregados, reforçam o que está sendo dito, pois invocam a autoridade que adquiriram ao serem repetidos por incontáveis sujeitos.

Em suma, são enunciados oriundos de vozes que conferem autoridade a eles, e, por consequência, ao seu atual enunciador. Os sentidos desses enunciados existem muito aquém da fala do sujeito que o está emitindo, isto porque

já se encontram gravados na memória discursiva social. Cardoso (1999, p.79) afirma que “o enunciador desses enunciados intangíveis é um Locutor Superior que garante a validade da enunciação em que o enunciado fundador é citado”.

Em sua formação discursiva, que é detentora de uma formação sócio- histórico-ideológica, os enunciadores assimilam e, posteriormente, fazem uso dessa forma de construção já validada historicamente, conseguindo mobilizar para o dizer um sentido preexistente, como acontece em alguns dos textos analisados nesta dissertação, e cujas análises serão apresentadas a seguir.

Começando pelo sujeito/paciente 1, em um dos seus textos, observa-se que a presença de recurso discursivo se dá, justamente, com o propósito mencionado acima, ou seja, para alcançar um sentido já consolidado por aquele dizer e, assim, corroborar com os sentidos-chave da própria enunciação. E, além disso, como os textos deste enunciador são pertencentes ao contexto clínico, os sentidos neles contidos são marcados pelos sentimentos relativos ao quadro emocional do sujeito, que neste caso é a depressão.

O texto analisado mostra o descontentamento do sujeito em relação às muitas experiências por ele vivenciadas. É interessante observar que a expressão desse descontentamento se apresenta ancorada nas observações que faz sobre o mundo externo, sobre as pessoas que o habitam e sobre o que elas parecem demonstrar com suas atitudes.

Neste texto, evidenciam-se alguns aspectos relacionados à aparência, juventude e beleza, e sobre a importância adquirida socialmente por estes quesitos, importância que fica clara ter sido percebida pelo sujeito, fato que é apresentado como o desencadeador de sentimentos desconfortáveis.

O texto aponta, auxiliado pela disposição intradiscursiva a que recorre, o sentimento de inferioridade que este vivencia, por sua aparência que não é mais tão jovial, por ter a impressão de que as outras pessoas, principalmente as mais jovens, fazem coisas mais interessantes do que ele conseguiu fazer em toda a sua vida. Contudo, o texto traz ainda a construção da ideia relacionada a uma impressão que o sujeito apresenta, impressão de não ter conseguido, ao longo de toda a sua vida, sentir-se tão feliz como os Outros sujeitos aparentam.

Toda esta formulação é levantada com base em suposições que se organizam em conformidade com sua maneira de olhar a sociedade, de percebê-la. Essa forma de olhar é influenciada por seu quadro de depressão, ao mesmo tempo

que se ancora em uma formação ideológica para sustentar suas percepções a respeito do mundo e de si mesmo.

Para reforçar o anúncio que faz de um estado emocional que seja condizente com o quadro depressivo, o texto apresenta uma expressão popularmente reconhecida, utilizada de diversas maneiras, mas que neste texto é disposta de uma forma que corrobora o discurso até então montado. Assim, a expressão “com os pés no chão” aparece em outro formato, ilustrando a relação do sujeito e sua percepção de realidade.

Que amargura sinto dentro de mim que vontade de chorar todo instante parece que tudo me comove mexe comigo me tira o chão

Esta variação da frase altera o seu sentido original, que deixa de se relacionar com o pé que sai do chão, passando a se dirigir para o chão que sai de seu lugar, possivelmente, como a tal realidade inferida estar sendo vivida por outras pessoas e cujo sentimento é de estar se afastando do sujeito.

O que se pode notar é uma mudança sutil na construção do sentido narrado, em que a formação discursiva utilizada representa o esforço do sujeito para compreender o que está acontecendo em sua vida, compreender a percepção das coisas, acreditando não ter vivenciado e que agora lhe fazem falta.

Além disso, revela a pressão que estas faltas fazem, bem como o vazio que delas surge e que o sujeito entende necessitar preencher, precisando para isto, encontrar coisas agradáveis em sua vida, coisas que possam, de certa forma, servir como apoio para os momentos nos quais a tristeza e a melancolia, sentimentos derivados da depressão e do conseqüente olhar fixado nos aborrecimentos, se fazem muito fortes.

Neste ponto, percebe-se o movimento do mecanismo discurso que corrobora o fortalecimento de uma nova posição para o sujeito, que, ancorado na força desse tipo de discurso, explicita sua condição emocional. É o que Maingueneau prescreve quando diz que a força do dizer está ligada socialmente:

Se não é necessário indicar-lhe a fonte, é justamente porque este nome é o nome do Ausente supremo, aquele sem o qual a coletividade que partilha o discurso não existiria ou não seria o que ela é. É, aliás, uma das características que distinguem as “autoridades” próprias a uma formação discursiva, daquelas a que recorreremos nas trocas cotidianas. (MAINGUENEAU, 1993, p.101).

A presença do enunciado solidificado consegue agregar mais relevância ao que está sendo desenvolvido ao longo do texto. Até mesmo porque a relevância de um enunciado deste tipo se constitui como parte de uma história social. Sua presença precisa estar ancorada em uma noção mínima do contexto no qual se encontra a enunciação e a importância social do enunciado fundador, equilibrando o dizer para que este atinja seu objetivo discursivo.

Maingueneau (1993, p. 101) afirma sobre esta relação estreita que o sujeito equilibra quando afirma:

Mas, para uma formação discursiva dada, X não pode ser qualquer um; existem coerções muito fortes que pesam sobre sua identidade, coerções estas que, como vimos, remetem aos próprios fundamentos desta formação discursiva.

Estas coerções, mencionadas por Maingueneau, impõem ao enunciatário, que almeja ser compreendido, a necessidade de compor sua discursividade, resgatando recursos existentes em sua formação discursiva. São artifícios discursivos que trazem em si autoridade, e que de uma maneira singular, como afirma Cardoso (1999, p. 80), coloca ao enunciatário a ilusão de que ele mesmo é o enunciatário.

O texto que mostra este tipo de recurso mistura os lugares ocupados, primeiro pela força do discurso consolidado, e segundo, justamente, com o lugar que pode ser ocupado pelo atual enunciatário, fazendo com que ele usufrua desta relevância dentro do contexto social, como se pode observar na sequência discursiva.

A construção deste texto mostra o quanto é difícil para o sujeito enfrentar a condição emocional a que se vê atrelado, dificuldade que se manifesta na expressão da possibilidade de o sujeito ter uma crise de choro, que é antecedida pelo sentimento descrito como de “um nó na garganta”. Formulação que ressalta a dificuldade deste sujeito em lidar com os sentimentos que surgem diante de certas experiências de sua vida, experiências que estão sendo revividas no processo terapêutico e agora são remontadas nestes textos.

A expressão, “um nó na garganta”, é reproduzida sem alteração, pois parece retratar exatamente o sentimento que o sujeito encontra aflorado, retrata o descontentamento com a percepção que o sujeito tem com a valorização social

dos aspectos físicos (beleza, juventude, etc.) e relacionados às conquistas sociais (bens, diversão, passeios), das quais o sujeito não viver em conformidade.

A intradiscursividade presente neste texto confirma a apropriação da força desses dizeres consolidados, pois sua expressão é usada sem a necessidade de maiores explicações, reforçando assim a demonstração dos sentimentos presentes na sua vida emocional. Fator de grande auxílio ao processo terapêutico, visto ser este o objetivo prioritário do referido trabalho.

Contudo, o texto permanece recheado de expressões relacionadas a sentimentos de dor e tristeza, que em um estado muito acentuado tende a migrar para manifestações orgânicas, como indica a referência ao tal nó que está na garganta. Ou seja, um aperto nesta região do corpo, ligada a sentimentos de angústia, pode apontar a presença de um distúrbio emocional. Portanto, o texto traz os mecanismos discursivos necessários e disponíveis em sua formação discursiva, para se aproximar o máximo possível da expressão de seus conflitos emocionais, na tentativa de dividir com o enunciatário/analista tudo o que está vivenciando.

O texto fica da seguinte maneira:

As vezes nem quero passear ou sair na rua p/ não ver ninguém e não ter que enfrentar, que o tempo passou p/mim e tantas coisas eu não tive não desfrutei, não conheci. Que amargura sinto dentro de mim que vontade de chorar todo instante parece que tudo me comove mexe comigo me tira o chão, eu sinto um nó na garganta o tempo todo, nesses ultimos dias, que tristeza é essa que tem me consumido me assustado e me deixado apavorada em perder tudo aquilo que já conquistei o meu ex-marido me disse Hoje, quando começo a confiar em você a ter um bom relacionamento de amizade eu com você, você me decepciona!

Mais a frente, em outro trecho do texto, novamente, são reconstruídos momentos da vida do sujeito, momentos nos quais as angústias prevalecem, como se pode observar neste texto, no qual é descrita, entre outras coisa, a relação afetiva do sujeito com seu namorado.

O texto marca como estes aspectos de sua vida encontram-se permeados por incertezas, e que estas incertezas representam um sofrimento, sentimento que conduz a necessidade de saber o que vai acontecer em seu amanhã. Necessidade revelada com o uso de uma expressão, que, pela sua força consolidada socialmente consegue sintetizar o sentimento do sujeito. O texto encontra-se da seguinte maneira: “não dá p/saber se há ou haverá uma luz no fim

do túnel”.

Expressão bastante conhecida, tendo o sentido consolidado relacionado à possibilidade de ter ou não esperança, entretanto lembra também um lugar fechado, com uma direção estipulada; na verdade, estes são dois aspectos que combinam muito bem com o que o sujeito tem dito sobre seus sentimentos angustiantes e que ficaram expostos com a inserção desta expressão.

Fica evidente neste trecho do texto a incerteza emocional pela qual o sujeito passa, incerteza relacionada à durabilidade da relação com seu namorado, e do real sentimento de seu parceiro, o que o faz ficar com pouca esperança de viver momentos agradáveis, como aqueles que têm com as pessoas à sua volta. Fatores que fazem o sujeito sentir-se preso a uma única direção, a de tristezas e infelicidades, como a ideia a que se remete o conceito de túnel, isto é, um caminho ou passagem subterrânea.

Este dizer, quando contém a tal luz em seu final, refere-se à esperança de que algo melhor aconteça. O que modifica o estado emocional do sujeito envolvido, mas, neste caso, mostrando o vazio de esperança que invade a perspectiva de vida desse indivíduo, sua capacidade de experimentar sentimentos melhores ou de encontrar uma saída, uma resposta capaz de orientá-lo e amenizar suas dificuldades emocionais. As construções discursivas possíveis para este sujeito, neste exato momento espelham sua posição de sujeito social.

È mesmo assim estou sofrendo porque é uma relação obscura, sem futuro não dá p/saber se há ou haverá um luz no fundo do túnel

Tal resgate discursivo, referente ao dizer já consolidado, mobiliza uma verdade reconhecida como sendo imemorial, *status* de um dizer que, segundo Cardoso (1999, p. 80), é alcançado, justamente, por já ter sido muito utilizado, fazendo seu sentido ficar irrefutável. É o desenvolvimento de um jogo discursivo que faz com que o sentido original se mantenha, ao passo que permite a inclusão do locutor, do sujeito/paciente.

Além disso, os dizeres já consolidados, para James Obelkevich, exercem também uma função externa na construção discursiva, relativa à função que, quase sempre, está ligada a uma atitude “moral e didática”. Segundo ele, as pessoas usam os dizeres socialmente consolidados para dizer a outras, “o que fazer, que atitude tomar em relação a uma determinada situação”, orientando

procedimentos que estejam de acordo com os valores socialmente pertinentes, e que reflitam o bom senso relativo à concordância social. (BURKE; PORTER, 1997, p. 45).

A concordância social, quando é apontada em um texto por determinado enunciador, transparece sua aceitação em relação àquele dizer, mostrando sua condição de indivíduo assujeitado e reproduzidor eficiente do contexto sócio-histórico e ideológico.

E, com isso, fica evidente que este, como qualquer outro recurso discursivo, é usado em correlação com o contexto discursivo e, embora evoque toda uma gama de significantes latentes relacionados à sua historicidade, precisa ser ratificado pela construção verbal na qual está inserido, e mais, se não o for, deixará espaço para a percepção da contradição, que é uma condição quase que inevitável para um sujeito social.

Em suas duas presenças no discurso do sujeito/paciente 1, a historicidade embutida em sua forma, juntamente com o contexto discursivo, reafirmaram a posição do sujeito como um sujeito que encontra-se em processo terapêutico ou sujeito que encontra-se desejoso de instaurar sua condição emocional conforme lhe foi pedido que fizesse, segundo o método da livre associação.

Confirmando a posição deste sujeito como a de um paciente que convive com um quadro de depressão, o texto abarcou tal tipo de recurso para complementar a montagem discursiva ali construída, em que os sentimentos do sujeito ficavam expostos e sua depressão aparecia como foco principal. E com isso ficava garantido que seu analista pudesse perceber sua movimentação emocional mais de perto.

Percebe-se a presença de dois dizeres reconhecidos socialmente que configuram uma narrativa, a qual aborda um tema específico lançando mão deste recurso ao mesmo tempo em que resgata estes discursos, como foi feito antes, encaixando pertinentemente ao objetivo discurso observado.

Inicialmente, o texto expõe a relação mantida entre o sujeito e Outro sujeito, privilegiando esclarecer quais são os sentimentos ali envolvidos. Depois, é abordado o sentimento do sujeito relativo à suas deficiências que seriam supridas justamente por este sujeito, ele apresenta a tentativa de aproximação feita pelo sujeito/paciente que brinca com as palavras, apresentando um trocadilho que

fortalece o que está sendo transmitido.

O texto apresenta-se da seguinte maneira: “Para que ela tivesse pai. Tivesse pão”, referindo-se ao fato de que a filha deste sujeito precisa do pai para lhe garantir afeto (pai) e sustento (pão), falta real que, pelo histórico do sujeito, percebe-se que este não teve.

Na verdade, tal falta sempre existiu em sua vida, pois seu pai não representou um modelo consistente em que ele pudesse se ancorar emocionalmente ou economicamente, já que este enunciador conta em seu histórico a luta que, desde cedo, foi obrigado a ter para sobreviver.

Detalhes de sua vida que, quando narrados, fazem-no ser visto como um sujeito carente e fragilizado.

A ideia deste sujeito como frágil e carente, que o analista, bem como qualquer outro leitor, formula sobre a personalidade dele, considerando o que ele procurava demonstrar, depara com outro aspecto, outra imagem deste sujeito/paciente, que se sobrepõe à anterior: é uma imagem que vai ao sentido contrário daquela que ficou estabelecida com o relato que construía a ideia de um sujeito carente de afeto e de cuidados.

O texto exibe uma marca que abre uma possibilidade diferente para justificar as ações do sujeito: que é a possibilidade de revidar a tudo o que os outros sujeitos o fizeram passar. Para isto, é retomado um dizer bastante reconhecido e capaz de corroborar uma nova posição para o sujeito, a de sujeito ameaçador: “a batata dele está assando”.

O texto inteiro fica assim:

Eu nem gostava tanto do X, pensando bem. Só passei a sentir amor por ele depois que minha filha nasceu; e acho que mais por ela, Para que ela tivesse pai. Tivesse pão, foi por isso que aguentei tudo o que ele me falou, me humilhou, me ofendeu, me usou; tudo para um dia ver ele engolir sua língua e chama-la de filha. Foi por vingança, para vingar suas palavras. Sei que a vingança é um sentimento vil, mas ela faz parte de mim, está dentro de mim; ela e o ódio me impulsionam. Eu produzo quando os sinto.

É por isso que provavelmente eu vou aguentar o que vier, vou dedicar o que vier, vou decidir os meus dias: para ver o X se rastejar, implorar para me ter, para ter os meus buracos novamente. Ele não perde por esperar, a batata dele está assando. Vou pisar nele como se esmaga uma barata, vou rir e me satisfazer quando o esnoabar. Eu já fiz isso tantas vezes. A X você não perde por esperar!!!

Esse lugar de sujeito ameaçador que o enunciador paciente começa construir é reforçado pelo uso do discurso consolidado socialmente, discurso baseado na imagem de uma batata assando, expressão que representa a capacidade de planejar vinganças e executá-las.

Na sequência é desenvolvida a ideia de que ao mesmo tempo em que o sujeito toma consciência de sua capacidade de realizar maldades, tal qual sempre observou nos sujeitos que se encontravam a sua volta, é demonstrada a existência de uma ânsia por desenvolver esse mesmo comportamento.

Tudo isso que está composto nesse texto, com o auxílio de falas já consolidadas, apoia o que James Obelkevich diz quando aponta o fato de que esses dizeres não são imutáveis como se pensava, mas, na realidade, são os sujeitos que fazem que eles fiquem “longe de ser estáticos” (BURKE; PORTER, 1997, p. 55), pois seu processo de renovação é uma constante e pode ser comprovado historicamente pelo fato de serem capazes de refletir o momento sócio-histórico e ideológico a que se correlacionam.

Em outro texto, constata-se que uma menção à fala do irmão do sujeito, fala em que se remonta a figura de Deus, que teria dito ter se arrependido de ter feito o sujeito, por ter-lhe constituído com muitos defeitos, e que, por isto, Deus teria lhe dado um coisa boa como compensação: deu-lhe a generosidade. Porém, ele teria errado na quantidade de generosidade, que teria vindo em excesso, acabando por se tornar um defeito, e, ao mesmo tempo, mais um alibi para a continuidade dos sentimentos autodepreciativos ligados à depressão.

Então, para reforçar o efeito desse raciocínio, é acrescido ao texto a presença de um discurso socialmente reconhecido, na verdade, o acréscimo se dá por uma subversão deste discurso, apresentando-o alterando. O discurso original é assim: “pau que nasce torto, morre torto” e, com a subversão semântico-formal, é inserido o termo “pão” no lugar de “pau” e é acrescida uma fala sobre cinzas, fazendo uma aproximação com o discurso religioso, o qual usa com frequência metáforas que exploram imagens relacionadas a “pão” e a “cinzas”.

O discurso, nesse caso, tem dupla significação dentro do texto desse sujeito: a primeira é de reforçar a ideia de que é um ser com muitos defeitos, que nasceu dessa forma, que foi feito para ter, inevitavelmente, esses defeitos, e não teria como modificar-se. A segunda é a significação de que sua formação discursivo-ideológica encontra-se respaldada no discurso bíblico, lembrando uma

passagem deste, na qual o destino do homem é de retornar às cinzas.

Depois de projetadas essas duas ideias, o texto transparece a ideia de que o sujeito tem uma relação forte com Deus, pois este lhe parece estar disposto a tratá-lo com certa diferença em comparação com os demais sujeitos, por ter dedicado a ele um tempo maior de atenção. Contudo, em contrapartida, o paciente alude a um poder diferente: ao poder de uma cinza torta, que talvez não seja de Deus, mas, quem sabe, de um oponente Dele, que seria outro ser bastante poderoso que, embora não chegue a ser identificado no texto, fica implícito e, talvez, represente a presença do Demônio, o qual, também, ter-lhe-ia proporcionado algum poder.

Mas como um ser não podia viver na terra sem nenhuma virtude, Deus me deu a generosidade. Mas como tudo que é demais não é virtude é defeito. Não teve jeito: Pão que nasce torto até a cinza É torta.

Sabe, meu irmão, acho que você tem razão sobre tudo. Só errou no presente: Primeiro, não foi generosidade, foi persistência; segundo: Talvez o presente não tenha sido necessariamente de Deus, entende?

O texto quando apresenta a intervenção tanto de Deus quanto de uma outra força, sugere que essas duas forças reconhecidas socialmente prestaram atenção no sujeito, o que para este pode representar a ocupação de um lugar especial, ocupado por um sujeito especial, dotada de dons especiais e diferentes.

Não obstante, o texto demonstra expectativas em poderes sobrenaturais como subsídios para que o sujeito possa se sentir mais valorizado e, ao mesmo tempo, para que possa expor coisas que o deixe mais seguro do seu valor. O que evidencia a profundidade dos conflitos que perpassam a mente deste sujeito, pois abalam sua confiança em si mesmo e a sua relação com seu meio social. Abalo que é percebido quando o texto remonta seu estado emocional, apresentando os medos e as inseguranças do sujeito, que são envoltos em dons vindos de Deus ou de um outro Ser, dons que representam o olhar destes seres para ele, mostrando que ele não está tão só quanto aparenta.

Com a presença, no texto, deste discurso reconhecido socialmente, encerra-se a utilização destes recursos discursivos, marcando a postura do sujeito para quem ler tais textos, postura permeada por uma atividade intensa, de um sujeito que se esforça para ser o ator principal de seu desenvolvimento psicológico,

visto que todo o tempo interage com o que recebe, apontando um posicionamento em relação às suas dificuldades, posicionamento que demonstra certo enfrentamento quanto aos sentimentos que sua trajetória de vida suscita. Mostra isso quando não se deixa sucumbir e apresenta ideias alternativas para que sua auto estima não fique tão rebaixada, também retoma dizeres e deixa emergir toda a sua formação discursiva.

O sujeito/paciente 3 entrega ao analista um texto que contém um discurso socialmente consolidado, que contém uma narrativa relacionada a um momento muito importante de vida do sujeito. É uma narrativa que aborda os preparativos para o casamento deste, preparativos que não estão sendo feitos como o sujeito gostaria, o que gera sentimentos que, para ganhar expressão, ficam atrelados a um discurso bastante reconhecido: “deixando para depois o que se pode fazer hoje”. Com o qual é marcado o fato de que o sujeito poderia e provavelmente gostaria de já estar resolvendo as questões a respeito do seu casamento.

A primeira parte da frase fala da vontade do sujeito, que é justamente a de organizar seu casamento o quanto antes, porém, por alguma razão, não é o que está acontecendo. Assim, o discurso consolidado vem para demonstrar que existe um sentimento de auto-recriminação associado a uma sensação de tristeza, demonstrada pela colocação da palavra “infelizmente”. A construção discursiva ficou assim:

Com relação ao casamento, eu e meu noivo estamos procurando resolver as coisas na próxima semana, infelizmente estou deixando para depois o que posso fazer agora.

O discurso consolidado dentro deste texto marca o sentimento específico deste sujeito que se encontra representado pelo pronome pessoal “eu”. No texto encontra-se a frase: “Com relação ao casamento eu”, como se fosse ser abordada a sua atitude em relação ao casamento, mas, em seguida, esta ideia se dilui, já que ele apresenta o comportamento que é vivido em conjunto com o noivo do sujeito. A sequência textual é a seguinte: “eu e meu noivo”, em que se verifica uma mistura entre a pessoa do sujeito e a do seu noivo, misturando, assim, a responsabilidade sobre o comportamento que não concorda.

A frase continua desta forma: “estamos procurando resolver as coisas na próxima semana”. Em seguida a vírgula é colocada e o texto consegue

expressar o descontentamento do sujeito colocando a palavra “infelizmente”, e também com o verbo na primeira pessoa do singular, “estou”, a quem, então, se segue o discurso consolidado. Assim, quem está deixando para depois o que pode fazer hoje é o próprio sujeito, e a recriminação é para si próprio, e não para o noivo.

Em uma discreta manipulação desse dizer reconhecido socialmente, o texto em questão marca a posição do sujeito em relação a um descontentamento que, a princípio, parece ser consigo mesmo, já que assume a culpa daquilo que não está fazendo, para, ao mesmo tempo, criticar seu noivo por não o estar ajudando.

O sentimento, embora esteja definido, vira um brinquedo, como se assim evitasse angústias ainda maiores. Percebe-se que a presença destes dizeres ajuda a colocação do descontentamento em funcionamento daquilo que está a volta do sujeito, ou seja, com a organização de coisas que são importantes para ele, como seu casamento.

Ao mesmo tempo em que no texto o sujeito parece trazer para si esta culpa de não estar resolvendo as coisas do casamento, ele parece reclamar de algo mais profundo, reclamar por não conseguir desvincular seu comportamento do comportamento de seu noivo.

Ficando evidente sua dependência deste outro sujeito e o seu incômodo, ele não está contente com o outro ao mesmo tempo em que não está contente consigo mesmo.

Desse modo, o texto aponta a mistura de conteúdos discursivos e de sentimentos que o envolvem, cumprindo seu objetivo analítico de exposição de seus conflitos inconscientes, o que coloca o sujeito no lugar de paciente que precisa ser tratado, paciente que por meio da linguagem se expressa e consegue o auxílio que necessita.

O uso de discurso socialmente consolidados nos textos montados por estes três pacientes reforça a condição de sujeitos mobilizados pela depressão, pois o sujeito/paciente 1 tem sua condição emocional exposta, o sujeito/paciente 2 algumas vezes chega a modificá-los para que sirvam a raciocínios que diminuam suas angústias, e, por último, o sujeito/paciente 3 mistura os sentidos para conseguir mostrar aquilo que efetivamente não consegue verbalizar.

São usos diferentes, mas que se apresentam capazes de compor resultados semelhantes aos olhos do enunciatário, resultado relacionado à reação à sua condição emocional de sujeitos acometidos pela depressão.

4.1.3 Sobre a presença da Formação Ideológica

Como foi anteriormente discutido, as formações ideológicas, aqui representadas pela sigla FI, presentes nas múltiplas formações discursivas que se vinculam aos textos trazidos pelos enunciadores pacientes analisados neste estudo, quando estudadas, muito esclarecem sobre o momento social ao qual pertencem, e sobre como estas formações estão incorporadas não só ao discurso, como também às respostas sociais destes sujeitos, mostrando a influência que elas atingem em suas estruturas emocionais.

Começaremos pelo sujeito/paciente 1 que apresenta um texto cuja narrativa aborda acontecimentos vividos em um dia da semana deste sujeito, o domingo. Este texto mostra o quanto o sujeito ficou satisfeito por ver sua família reunida, e como ele deixa as divergências de lado para experimentar, juntamente com suas filhas e o pai delas, momentos que define como felizes.

É um pequeno intervalo do dia narrado neste texto, em que, aparentemente, alguns detalhes deste momento coincidem com uma idealização que permeia o imaginário deste sujeito a respeito da dinâmica familiar, segundo a qual uma família deve se reunir aos domingos, principalmente em dias comemorativos, como de Páscoa, e que, além da aproximação física, deve ter um tratamento amigável e com respeito entre seus membros, da mesma maneira como aconteceu nesse domingo.

São acontecimentos simples, mas que induzem o sujeito a uma dinâmica psíquica capaz de fazê-lo ignorar fatos não condizentes com tal idealização, e que, conseqüentemente, o impediriam de se sentir bem, fatos como o pagamento que não foi feito por seu ex-marido, ou as discussões e ofensas comuns entre eles.

O texto deixa transparecer o quanto este sujeito demonstra estar interpelado por uma FI ligada a este modelo familiar que, na verdade, sua família não se encaixa mais, por isso, nesse momento, se contenta com o parecer e o fazer de conta, mecanismos de defesa usados por sua estrutura psicológica para assegurar a presença de sentimentos agradáveis, mecanismos que podem ser constatados no texto, como por exemplo, com a presença do verbo “parecer”.

Dessa maneira, somente de forma velada é que fica revelada a realidade que o sujeito vivencia, realidade com na qual as relações mantidas não

são agradáveis. É como se a verdade não pudesse ficar fora do texto, mas, ao mesmo tempo, não fosse atribuída a ela importância discursiva suficiente que a fizesse interferir nos sentimentos agradáveis que experimenta quando a narrativa se dá abordando com ênfase o lado feliz que aquele dia transparece, e quando relaciona os fatos selecionados deste dia com a FI que se percebe que há concordância entre os dois.

O texto traz a presença desta FI e com isso demonstra o que ocorre com o sujeito, apontando a relação do cumprimento desta com o depósito de uma carga de sentimentos importantes, e, ainda, o surgimento de uma organização de reações e posicionamentos para este sujeito que se embasem nesta satisfação, ou pelo contrário, no não cumprimento dela. Deste modo, supõe-se que o não cumprimento deste modelo idealizado, por sua vez, pode desencadear outra gama de sentimentos que dependendo da força desta FI no aprendizado do sujeito, pode suscitar um entristecimento, sentimento associado ao quadro depressivo, que embora não seja, necessariamente, uma confirmação deste quadro, pode ser considerado um de seus aspectos.

Outro detalhe que deve ser considerado para confirmar o valor atribuído ao cumprimento desta FI, é o detalhe relacionado ao modo como a vinda e a chegada do ex-marido do sujeito é visto como algo singular, diferente do habitual. O texto traz os acontecimentos seguintes: vir de ônibus, sozinho e ainda passar uma tarde com elas (o sujeito e suas filhas), em que a conjunção aditiva “e” ressalta a importância de cada uma das coisas acrescentada no texto. Na sequência aparece um risco na folha, risco que promove um distanciamento entre as palavras que são escritas, entre uma frase e outra.

É uma distância que marca um tempo que aconteceu entre um pensamento e outro, ou até mesmo um tempo entre um sentimento e outro, mas, de qualquer maneira, um tempo para negociar com a realidade. Isto se conclui porque no texto vê-se em seguida o emprego do verbo “parecer”, cujo sentido, ressalte-se, não é o mesmo que “ser”, mas, naquele momento, é suficiente para, ao mesmo tempo, denunciar a percepção por parte do sujeito do fato de que ele sabe que sua família não se encaixa no modelo idealizado de FI e para se enganar e sentir-se feliz por mais algum tempo, o que o faz escrever: parecíamos, uma família feliz”.

Mais adiante, no mesmo texto, é abordado o tratamento dispensado por seu ex-marido ao sujeito, sendo que o verbo “tratar” aparece grafado com a

primeira letra em maiúscula, como se este tratamento tivesse que ser registrado e ressaltado, justamente por não ser comum na relação que eles estabelecem. Assim, ao mesmo tempo em que o texto revela sentidos e sentimentos deste sujeito, ele os esconde, na verdade, ele joga com os implícitos desta narrativa.

E, por último, o texto apresenta um fechamento para estas questões com uma frase empregada para demonstrar que a consciência que o sujeito tem a respeito da realidade que ele vive é diferente do que ocorreu naquele domingo. Consciência que permite a demonstração da falta que o ex-marido faz ao sujeito, confirmando o que já tinha sido apontado com o verbo “parecer” empregado no pretérito imperfeito, para falar de uma família feliz que, de fato, não era completamente como a FI idealizada.

O texto ficou assim:

E ainda p/ ajudar o meu ex-marido não cumpriu com prometido que é me devolver o dinheiro estou Domingo de Páscoa, eu tive quase que uma surpresa o meu ex-marido ligou em casa e disse que veria visitar as meninas e perguntou se podia, se não teria problemas eu disse que ele seria muito bem vindo em minha casa. E fiquei feliz quando ele chegou, ele veio de ônibus e sozinho e passou a tarde toda com todos nós. parecíamos, uma família feliz e reunida ele me Tratou muito bem.

Na hora que ele quis ir embora já era noite, então eu o acompanhei até quase o ponto de ônibus e conversamos muito sobre as meninas e fiquei contente, acha que é a 1ª. Vez que nos entendemos e não ofendemos ou brigamos que bom Engraçado como as vezes eu sinto falta dele na minha família com meu convívio

Quando se observa esse texto, percebe-se que dentro do processo que permite a construção do sentido que envolve as palavras ali empregadas encontra-se, de um lado, a situação, fato ou coisa etc. que precisa ganhar representação linguística e, de outro, a possibilidade simbólica que pode ser associada àquela construção. É um grande exercício textual esta transposição feita para representar o sentir até chegar ao ato de relatar, mobilizando o resgate de recursos diversificados que na conjunção linguística traduzem seu movimento emocional e o resgate da formação discursiva deste sujeito.

Existe, porém, um espaço entre o que se quer dizer e a possibilidade linguístico-discursiva que se pode desenvolver como enunciação, e é justamente neste espaço que fica possível a variação de sentidos e de consequentes interpretações. Isso ocorre, justamente, porque o sentido encontra-se

neste entremeio, e segue permeando a linguagem e o discurso que o sujeito desenvolve a cada instante que interage linguisticamente com outros sujeitos de sua rede social.

Constatação ilustrada no texto do sujeito/paciente 1, pois ao explicitar o que podemos considerar como sendo a assimilação do sujeito acerca de uma visão social bastante marcada por uma FI relacionada ao envelhecimento e à juventude, é feita uma associação da primeira, o envelhecimento, às perdas e à desvalorização, e a segunda, a juventude, ao respeito e à valorização social.

O que o texto demonstra é a observação por parte do sujeito de que os benefícios conferidos a pessoas que têm mais idade têm diminuído, e que, inversamente, os benefícios aos jovens têm aumentado. Sendo que, de um modo geral, as vantagens sociais dos jovens, principalmente aqueles com uma aparência que satisfaça os padrões sociais de beleza, têm sido progressivamente ampliadas.

Assim, o texto deixa transparecer a presença de uma FI, transparecendo ainda, ser esta parte da formação ideológica assimilada pelo sujeito, condição que se relaciona com o norteamamento da percepção que o sujeito possa ter de si mesmo e de seu meio social capaz de fazê-lo vivenciar uma posição no contexto sócio-histórico.

Assimilação bastante perigosa, visto que este paciente já se encontra em uma idade na qual ele não é mais reconhecido como jovem, e que segundo essa perspectiva apresentada acima, trata-se de uma idade que o coloca na posição menos favorecida no que tange ao reconhecimento social.

O sujeito diz:

As vezes quando eu saice, na rua no calçadão em Londrina fico olhando aquelas meninas com 18 ate mais de 20 anos e me sinto envelhecida, diminuída, feia e etc...

O texto mostra a observação do sujeito quanto a sua idade que já não se encaixa nos padrões percebidos como mais recompensados, visto que sua juventude não é mais reconhecida no contexto social, é como se ele a tivesse perdido e, com isso, perdido uma série de coisas boas, como o reconhecimento social, tratamento diferenciado relacionados à amabilidade, e por último, tivesse perdido oportunidades de empregos, passeios, diversão etc. que aparecem mais para os jovens.

Essas percepções fazem surgir angústias que transparecem neste texto da seguinte maneira: “Que amargura sinto dentro de mim que vontade de chorar todo instante”, para demonstrar isso.

As mesmas angústias que marcam a depressão servem para relacionarem, inconscientemente, as conquistas deste sujeito, que é demonstrado no texto da seguinte forma: “que tristeza é essa que tem me consumido me assustado e me deixado apavorada em perder tudo aquilo que já conquistei”, e com isso, fica demonstrado o reconhecimento de que na vida do sujeito também pode ocorrer histórias de conquistas, tal e quais aquelas que os jovens parecem ter.

A partir deste ponto do enunciado, o significado torna-se dúbio, passando a apresentar uma nova perspectiva para a discursividade evocada, perspectiva relacionada ao reconhecimento de coisas e momentos bons em sua vida, ao ponto de surgir no texto frases como esta: “tudo aquilo que conquistei”.

Diferentemente do texto anterior, este texto, do mesmo sujeito, mostra o quanto ele é capaz de assumir a existência de coisas boas e com peso suficiente para que surja um temor por uma possível perda. O texto encontra-se montado da seguinte maneira:

As vezes quando eu saice, na rua no calçadão em Londrina fico olhando aquelas meninas com 18 ate mais de 20 anos e me sinto envelhecida, diminuída, feia e etc... porque me sinto assim? As vezes nem quero passear ou sair na rua p/ não ver ninguém e não ter que enfrentar, que o tempo passou p/mim e tantas coisas eu não tive não desfrutei, não conheci.

Que amargura sinto dentro de mim que vontade de chorar todo instante parece que tudo me comove mexe comigo me tira o chão, eu sinto um nó na garganta o tempo todo, nesses ultimos dias, que tristeza é essa que tem me consumido me assustado e me deixado apavorada em perder tudo aquilo que já conquistei o meu ex-marido me disse Hoje, quando eu começo a confiar em você a ter um bom relacionamento de amizade com você, você me decepçiona! para mim é tão triste ouvir tudo isso dele, eu sei que eu sempre a ajudei, me esqueci pensando só no bem estar dele e das minhas filhas e ele não reconhece nada só faz me criticar me maltratar com palavras pesadas de acusação de humilhação ate quando eu vou ter que ouvir e acreditar em tudo isso, estou triste. muito aborrecida.

Para finalizar o texto, no último parágrafo, surge uma resposta ao sentimento frustrante de não corresponder a esta FI, e ao seu medo de que suas conquistas possam se perder, mostrando a força que pode alcançar uma frustração como esta, bem como revelando o desejo de colocar para fora os seus diversos sentimentos.

Sentimentos que resultam em expressões como: “fazer um barraco”, que mostra a tentativa do enunciador de se rebelar, confrontar as causas que o levam a sentir amarguras tão intensas. Amarguras que agora o faz ter vontade de humilhar e desprezar, como é apontado no trecho do texto que se segue:

Não é Justo tudo isso. A vontade que eu tenho e tamanha é minha ira que tenho vontade de acabar com os dois com o meu ex-marido fazer um barraco e humilha-lo, com meu namorado despreza-lo principalmente no local de trabalho.

Nesses dois textos, fica demonstrado a existência do entrelaçamento da FI e da estrutura emocional deste sujeito, e o quanto esta condição é revelada quando ocorre a vazão da discursividade deste. Assim, o texto traz FI incorporadas, ao mesmo tempo em que deixa transparecer como o sujeito se sente em relação à percepção delas.

No texto aparece primeiro a FI religiosa e depois da FI relativa à valorização do sujeito com base em sua idade. Com as duas, fica clara a interferência na percepção que o sujeito tem de si mesmo, e de tudo o que ele já experimentou em sua vida, alterando sua conduta frente aos outros sujeitos com os quais precisa se relacionar.

Orlandi (2002, p. 45) afirma que o “fato mesmo da interpretação, ou melhor, o fato de que não há sentido sem interpretação, atesta a presença da ideologia.”, presença que relacionando ao esquema de construção de sentidos linguísticos, permite uma maior compreensão da dinâmica inconsciente levantada pela formação discursiva do sujeito.

Em outro texto é evidente a ideia criada sobre o sujeito/paciente 1, que parte da composição de algumas FI, que permeiam seu discurso ao mesmo tempo que garantem a ampliação da sua percepção, tanto sobre si mesmo quanto sobre os Outros.

Logo no primeiro parágrafo ao abordar um tratamento alopático que havia lhe feito mal, o sujeito demonstra-se agradecido a Deus por se manter com

seu raciocínio em atividade, e, assim, coloca em seu dizer sua relação com sua FI religiosa e o quanto esta não lhe permite ficar muito triste com um acontecimento como este, que não foi nada bom para o organismo do sujeito.

Ao que parece, essa formação discursivo-ideológica alivia seus sentimentos, confortando-os, já que o faz lembrar um aspecto positivo de sua vida. Assim, pode-se presumir que esta formação, neste momento, minimiza a intensidade das angústias sentidas pelo paciente.

Eu nesse momento me encontro bem isto é psiquicamente bem, fisicamente sentindo ainda os efeitos colaterais do novo medicamento que iniciei e já parei. Mesmo assim graças a Deus permaneço com meu raciocínio ativo.

O texto segue abordando o relacionamento do sujeito e de seu namorado, mais especificamente, para falar da maneira como percebe que este namorado lida com os próprios sentimentos. Tal Percepção está recheada por concepções ideológicas sobre como os homens lidam com seus sentimentos, mais objetivamente, como seu namorado lida com o sentimento que tem pelo enunciador, passando a responder a este homem segundo sua FI.

É uma FI que mobiliza a ideia de que os homens não dizem o que sentem porque não foram treinados para isso, encontram dificuldades em fazer isso não porque não gostam de suas companheiras ou porque não querem ser mais afetivos, mas porque não aprenderam fazer isso.

Nota-se que a direção que o texto toma permite que os sentimentos mais angustiantes do sujeito sejam reduzidos, pois seguindo este raciocínio, ele vê-se impedido de pensar na possibilidade de não ser gostado por seu namorado.

As vezes tenho a nítida certeza que ele se ilude ao dizer que não me ama é muito clara seus sentimentos devido suas atitute, sei que ele já foi rude comigo, mas sinto que o medo dele é muito maior do que a possibilidade em admitir o que sente por mim; como esses homens são covardes, eu que fico sempre com ele sinto e sei o que ele realmente sente por mim só que não quero em nenhum momento.

O texto narra o sofrimento do sujeito, sofrimento que deriva desta suposta maneira masculina de se relacionar com suas companheiras, e acrescenta outra característica a este padrão de comportamento masculino, a de humilhar e de maltratar suas mulheres, pois vê essa possibilidade como possível para o

comportamento de seu próprio namorado, o sujeito diz: “e a qualquer momento ele pode me deixar, me agredir, me maltratar como já fez antes”.

O texto, ainda, revela que o sujeito se vê como pouco paquerado por homens solteiros, e que isso o faz aceitar a perspectiva ideológica mencionada no parágrafo anterior, já que este homem, com o qual o sujeito se relaciona, parece, a seu ver, ser um dos poucos a se interessar por ele, o que se torna mais uma razão para que ele continue a pensar que a não expressão de afeto está ligada à formação cultural dos homens, e não a uma falta real de sentimento por parte dos homens.

O texto está redigido da seguinte maneira:

È mesmo assim estou sofrendo porque é uma relação obscura, sem futuro não dá p/saber se há ou haverá um luz no fundo do túnel, e a qualquer momento ele pode me deixar, me agredir, me maltratar como já fez antes; hoje por exemplo estou me sentindo bem longe dele, mas com saudade dele e tantas vezes me pergunto o que sinto por ele, tenho quase certeza que é uma paixão, tenho medo que seja outro sentimento, tenho tanto medo que procuro não pensar muito e fico brava comigo mesma, por ter me envolvido nisso e de saber que vou sofrer muito com isso. Eu me sinto Estranha percebo que outros homens, livres, solteiras não se interessam por mim, isso me deixa muito triste, sem ânimo Durante muito tempo me sinto saciada, satisfeita é estranho falar nisso, é como se fosse uma traça ao mesmo tempo que ele tirou minha energia, também me devolveu, quero ter mais tranqüilidade e sangue frio p/ lidar com tudo isso, porque? Os homens não se envolvem: ou fingem que não se envolvem?

O discurso desse sujeito aponta para duas realidades, uma é aquela que ele sente não poder enfrentar, relativa às condições desagradáveis; e a outra que, respaldada pela FI, garante-lhe amenizar suas angústias.

O texto revela uma transparência discursivo-ideológica capaz de acomodar os sentimentos do sujeito, mas isso ocorre porque a partir do momento em que as coisas podem ser representadas por palavras, o sentido passa a ser adquirido no campo da interpretação, e esta, por sua vez, pode variar por inúmeras razões.

Em um dos seus textos, Orlandi (2002, p. 46) diz sobre tal questão:

A evidência do sentido - a que faz com que uma palavra designe uma coisa - apaga o seu caráter material, isto é, faz ver como transparente aquilo que se constitui pela remissão a um conjunto de formações discursivas que funcionam com uma dominante.

Passando agora para o sujeito/paciente 2, percebe-se a influência da FI corroborando com a afirmação acima mencionada, à medida que esta se mostra impregnada ao discurso do sujeito e a toda sua percepção do que lhe aconteceu ao longo de sua vida, compondo sentidos que o sujeito parece não conseguir controlar.

O texto mostra uma FI associada ao papel que deve exercer os pais na vida de seus filhos, estando estes sempre presentes e dispostos para cuidar e orientar. O texto aborda a relação estabelecida entre o sujeito e um Outro sujeito, por sinal não menciona o nome deste Outro sujeito, mas parece se tratar de sua mãe, já que ele cobra dessa pessoa presença e disposição.

O texto fica elaborado assim:

Sinto a dor do seu abandono; que ela nunca esteve presente nos momentos que eu precisei; que eu passei meu sei lá, 18 aniversário numa cama de hospital, por causa de uma cirurgia de estomago (nasci com tantos defeitos) e ela não foi me ver.

Em toda a narrativa, concernente aos problemas físicos do sujeito, sua gravidez e sobre o fato de não ter recebido afeto, percebe-se a realização de um paralelo entre estes acontecimentos e algumas ideias que pertencem a uma FI, apontando para uma distância entre o que está presente em sua vida e este modelo aprendido com esta FI.

O texto traz uma revisão da história de vida do sujeito para tentar chegar à conclusão relativa à existência de um déficit afetivo, visto que o sujeito não recebeu o carinho e o acompanhamento de seus pais, principalmente aquele que se espera ter de uma mãe. Aponta, também, que o sujeito foi desprezado e abandonado, fato que o faz ficar desejoso de alcançar em suas relações sentimentos que substituam essas faltas.

O texto se apresenta desta forma:

Hoje, eu posso entender os motivos dela, mas não posso aceitar. Posso acreditar que, de alguma forma, ela um dia possa ter gostado de mim, mas não posso sentir. A única coisa que posso sentir é o seu despreso e o seu abandono. Sinto a dor do seu abandono; que ela nunca esteve presente nos momentos que eu precisei; que eu passei meu sei lá, 18 aniversário numa cama de hospital, por causa de uma cirurgia de estomago (nasci com tantos defeitos) e ela não foi me ver (eu estaria completamente só), que eu 15 anos, mais tarde fiquei 8 dias no hospital entre a vida e a morte; quase perdi uma das pernas, e ela não vê visitou, que eu fiquei 15 dias sem por os 2 pés no chão e ela não me visitou, não me ajudou, sinto que eu

pulei como sasi para lavar os pratos, porque ela, nem ninguém, não lavou um único prato para mim, sinto o olhar dela qdo eu fiquei grávida, sua vergonha, sinto que ela me soltou na vida: um cordeiro entre os leões e não me ensinou nada; não me falou sobre os perigos e a maldade do mundo; sinto que me trocou por tudo e por todos.

Talvez ela não tenha aprendido a amar. Não. Ela sabia. Ela amou, cuidou, protegeu os filhos do meu irmão mais velho; ela cuidou, beijou, abraçou, se sacrificou para cria-los. Ela sabia amar sim. Ela só não amou a mim e a acho que ao meu irmão. Ela tinha preferência: os dois mais velhos. Tudo era para eles, os reconhecimentos, os elogios. Pensar que hoje eles praticamente a abandonaram.

E, pensar que mesmo depois de tantos anos eu ainda fiz tudo, sacrifiquei meus finais de semana para estar perto dela.

No mesmo texto, outra narrativa que também fala de abandono e frustração, só que, desta vez, relacionado ao pai da filha do sujeito/paciente, visto que o texto foi organizado com a mesma base fornecida pela FI, é a que mostra que o sujeito insiste em manter um relacionamento com o pai de sua filha por saber que sua filha precisa do afeto e do carinho vindo de um pai, remetendo-se à FI anterior, como se pode verificar neste fragmento: “Para que ela tivesse pai”, provavelmente referindo-se à figura de pai idealizada que apreendeu e desejou para si mesmo. Contudo, pode-se perceber que outras identificações encontram-se presentes no psiquismo deste sujeito, que até podem ser observadas, mas para este trabalho elas não serão estudadas.

A textualidade revela que o sujeito organiza alguns de seus sentimentos em função desta FI, tenta, também, o máximo que pode, manter a proximidade com este Outro sujeito, aparentemente para garantir esse direito à sua filha e a si mesmo como sujeito que também não recebeu atenção de seu pai.

O texto ficou desta forma:

Não, o problema não no X, ela tanto faz existiram outros muitos melhores que ele. Outros em quem eu procurei pelo que sempre me faltou, mas que como não era deles que eu queria, eu os repudiei.

Eu nem gostava tanto do X, pensando bem. Só passei a sentir amor por ele depois que minha filha nasceu; e acho que mais por ela. Para que ela tivesse pai.

Tivesse pão, foi por isso que agüentei tudo o que ele me falou, me humilhou, me ofendeu, me usou; tudo para um dia ver ele engolir sua língua e chama-la de filha.

Em outro texto encontra-se uma construção discursiva que se refere

a uma história de dificuldades físicas e emocionais, fala da mãe e da irmã do sujeito fazendo alusão aos maus tratos, abandonos e frustrações que ele experimentou, e com isso o texto aproxima-se da FI ligada a determinadas posturas a serem assumidas por tais lugares sociais (mãe e irmã), que ao serem comparadas com as ações dessas pessoas, faz o sujeito perceber o quão inadequadas elas são. O texto apresenta uma fala atribuída ao sujeito que mostra bem o sentimento decorrente desta percepção: “jamais irei aceitar”.

Logo à frente, surge uma FI religiosa para narrar duas conversas que o sujeito teve com Deus, nas quais Deus é visto como onipotente e onipresente, e o único capaz de ajudá-lo a encontrar, em sua vida, momentos agradáveis.

Meu Deus;

E, em seguida:

Às vezes pergunto a Deus em que lugar do passado perdi as coisas boas, porque eu devo ter tido alguma, algum sentimento bom.

O texto mostra o pedido de ajuda que o sujeito faz a este ser divino, pedido que parte de sua necessidade emocional de encontrar coisas boas em sua vida, já que com base nestes tais acontecimentos, ele poderá amenizar seus sentimentos angustiantes, poderá também se fortalecer e acreditar que, mesmo sem ter tido muito afeto vindo de seus pais, ele consegue viver coisas boas.

Encontra-se ainda uma mostra da condição vivenciada pelo mesmo sujeito, em que é relatado aptidão deste para utilizar a mão esquerda e não a direita, condição motora conhecida pelo nome de sinistra (canhoto), aptidão que lhe causou inúmeros problemas em seu aprendizado escolar, já que, como foi abordado no texto, era uma condição vista como negativa, que se acreditava contrariar a vontade de Deus.

Segundo a narrativa, as pessoas que cuidavam da educação escolar do sujeito, como professoras, orientadoras etc., comungavam de uma mesma FI e esta determinava um preconceito em relação aos portadores de tal diferença motora. Esses profissionais o obrigavam, por meio de castigos, a negarem esta fisiologia, o que, no caso deste sujeito, significou a construção de outra condição, a de ambidestra, na qual o sujeito desenvolve a capacidade de escrever com as duas mãos. Trajetória narrada da seguinte maneira:

Eu nasci sinistra (canhota); que sempre foi me passado como um grande defeito. Pessoas contra Deus, desajeitada, que não sabe fazer as coisas direitas. Na escola apanhei para me tornar destra, ao invés de destra me tornei ambidestra e fiquei + desajeitada e incompetente ainda. Ambidestros são + raros ainda. Diferentes, assustam, são excluídos.

O texto mostra o quanto, em várias instâncias da vida deste sujeito, ele percebe ter sido tratado de maneira inadequada, por isso suas ideias a respeito de si mesmo foram forjadas por tal inadequação, fato que resulta na ocorrência de sentimentos de diferença em relação a seu meio e, com isso, estabelece-se o sentimento de ser anormal e não adaptado.

Sentimentos que até certo ponto do discurso parecem conter uma conotação ruim, mas depois se percebe que eles trazem uma reviravolta na percepção do sujeito sobre si mesmo, pois passam para a condição de qualidades que o sujeito possui e que o diferenciam. Isso acontece quando a percepção do sujeito é narrada a partir daquilo que as pessoas acham de Deus. Feito isso, aparece uma comparação entre as duas percepções, aquela sobre si e a outra sobre Deus, é quando aparece no texto a seguinte conclusão: “Deus também era diferente”, ou seja, ser diferente, segundo o que as pessoas dizem, pode significar uma proximidade com Deus.

Esta aproximação com o discurso cuja base ideológica é crença em Deus e em sua magnitude, permite a esse sujeito a manutenção de alguns sentimentos positivos sobre si mesmo, dando-lhe uma percepção mais confortável de suas diferenças, tal e qual acontece com as diferenças que são atribuídas a Deus.

Ser sinistra e ser o sinistrismo uma característica não aceita como normal, daí a sensação de ser diferente. Pensar que Deus era diferente dos demais, ou seja, ter uma opinião formada sobre Deus aos sete anos de idade era algo diferente na opinião dos demais e isso também os assustou.

Ao sujeito, parece que algumas de suas ideias são óbvias, como a de sua semelhança com Deus, porque, para ele, essa ideia pode ajudá-lo a sentir-se mais valorizado, ao passo que outras, como de ser visto como portador de defeitos, precisa ser rebatida. Para ele, é bastante importante conseguir reagir diante das ideias que lhe foram impostas sobre si mesmo, e que lhe fazem tanto mal.

O texto mostra as interpelações que acometem a percepção que o

sujeito apreendeu sobre o mundo e sobre si mesmo, e o desenvolvimento dentro da formação discursiva deste, das FI, de uma maneira capaz de propiciar a diminuição de suas tensões emocionais. Acontece, como afirma Orlandi (2002, p. 46), que para se posicionar como sujeito, ocorre inevitavelmente interpelações, e é com base nestas interpelações que ele procura algum sentido para seu discurso. O texto de Orlandi encontra-se a seguir:

Por sua vez, a evidência do sujeito – a de que somos sempre já sujeitos – apaga o fato de que o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia. Esse é o paradoxo pelo qual o seu sujeito é chamado à existência: sua interpelação pela ideologia. (ORLANDI, 2002, p. 46).

Percebe-se, claramente, que o texto que traduz as percepções deste sujeito, navega nas interpelações sofridas por ele, pois as usando para poder ocupar um lugar que lhe faça romper com o imperativo de desvalorização, que o sentimento de não ter recebido afeto vindo de seus familiares lhe causa.

O texto mostra como o sujeito incorporou o preconceito de seus professores, no que se refere ao fato de ser canhoto, ao passo que também incorporou o discurso religioso, sobre as diferenças entre os homens e Deus, é posteriormente ao confrontar as ideias que ele encontrou uma maneira de se sentir bem.

O texto mostra como o sujeito chega à ideia de que simbolicamente suas condições são superiores àquelas que os responsáveis por sua educação quiseram lhe dar, ou, talvez, superiores a própria posição que percebe ocupar esses tais educadores, que pareciam tão grandes quando o próprio sujeito era criança, mas que, usando sua capacidade de associação, aproxima-se de Deus e pode perceber que as ideias deles (educadores) e eles mesmos não parecem tão importantes agora.

Este sujeito precisa do simbólico contido nas ideias de intervenções divinas para suportar sua realidade, confirmando Orlandi que afirma a respeito da necessidade do simbólico presente na constituição do sujeito, diz:

Ele é assim determinado, pois se não sofrer os efeitos do simbólico, ou seja, se ele não se submeter à língua e à história ele não se constitui, ele não fala, não produz sentidos. ORLANDI (2002, p. 49).

Os textos do sujeito/paciente 2 mostra o quanto as FI, por ele incorporadas, condicionam seus sentimentos, mas ao mesmo tempo fazem-no sentir-se fragilizado por deparar com o conteúdo destas formações que tenta manipulá-los e acaba por subvertê-las, usando-as a seu favor. Apresenta-se como um sujeito ardiloso, pois consegue amenizar seu estado de depressão com a confrontação entre as diferentes formações, enfocando os aspectos que lhe são convenientes, como fez com sua identificação com a superioridade Divina, visto que a partir de suas diferenças, tanto de Deus quanto dele mesmo, em relação aos demais homens.

Partindo agora para a análise dos textos recolhidos do discurso do sujeito/paciente 3, quando a FI religiosa é diretamente mencionada, o texto mostra uma narrativa relacionada a um diálogo, em que a frase inicial está direcionada a ele mesmo: “seja sincera”.

Em seguida, a construção discursiva parece-se com o anúncio de um pedido, para isso usa expressões que são muito empregadas no discurso de FI religioso, como “cura interior”, “cura do meu ser”, “senhor me perdoa” e “não me abandone”, e assim demonstra estar se dirigindo a Deus.

Deste modo, o “ser sincero” da primeira frase tem a função de induzir a construção subsequente, para que, ao falar com Deus, o sujeito o faça dentro dos padrões que a formação religiosa pede e para que, ainda, considere a onipotência deste Ser que o ensina o que realmente está se passando com o sujeito, sabendo, assim, se o sujeito reconheceu seus erros e merece ajuda, ou seja, saber se este foi sincero.

O texto encontra-se da seguinte maneira:

Seja sincera, quero cura interior, a cura do meu ser para renovar meu caráter, senhor me perdoa, não me abandone agora.

Para a FI religiosa católica, a qual se encontra presente neste texto, o pecado tem um papel muito importante, visto que, para ela, todos os sujeitos nascem pecadores e precisam se redimir. Assim, quando compõe um discurso associado a esta FI, é comum a utilização de alguns jargões próprios desse contexto, por isso aparece a busca pela sinceridade capaz de garantir credibilidade, busca da cura interior e cura de seu caráter, ligados a sentimentos e desejos que percebe dentro de si e que não condizem com essa formação. Mostrando que

interpelado pelos marcadores ideológicos desta formação, o sujeito busca estar de acordo com ela, e para isso, na prática busca o perdão.

Os enunciados deste paciente revelam, novamente, a FI religiosa quando é feito no texto uma breve menção a Deus relacionando-o às coisas boas que acontecem em sua vida.

O sujeito diz:

Graças a Deus que desta vez que me deu depressão, na verdade uma recaída, eu consegui perceber que estava caminhando p/uma nova confusão na minha cabeça que não estava me deixando fazer minhas tarefas rotineiras por exemplo, não estava conseguindo nem conversar com as pessoas, pensava 3 x antes de sair de casa.

O texto apresenta um agradecimento a Deus, que conseguiu perceber a confusão mental do sujeito. Em seguida, começa a abordar a confusão a que se refere, lista os problemas e dificuldades e se lamenta por eles estarem presentes em sua vida. Faz uma separação bem nítida entre o que vêm de Deus, as coisas boas e suas dificuldades, cuja origem não é mencionada.

Apresenta dois enfoques neste discurso, o primeiro é de sua relação com a FI religiosa, e o segundo é com sua condição de paciente com um quadro de depressão, em que precisa falar de suas dificuldades para conseguir elaborá-las, pois as duas de certa maneira se confrontam e o enunciador deixa implícita sua percepção sobre isto, quando mostra que Deus o ajudou em alguns aspectos de sua vida, mas e quanto aos outros aspectos?

Na sequência do depoimento, o texto mostra uma dificuldade que o sujeito percebe ter, que é a dificuldade de falar, o que dificulta o seu fazer discursivo, dificultando também a socialização enquanto sujeito, enquanto habilitado a subjetivar discursivamente. É uma capacidade que embora esteja relacionada a um processo cognitivo de aprendizado da língua, vai além, pois é um processo que coloca o sujeito operando no contexto social, equilibrando sua condição de interpelado, ao passo que interpele outros sujeitos a todo instante.

O não cumprimento desse papel, que conta com as capacidades de subjetivar e de interpelar como foi interpelado, transparece como um desacordo em relação à FI que determina que o “estar bem”, para um sujeito social, significa estar falando.

Não conseguia conversar com as pessoas, pois quando alguém

falava comigo meu pensamento estava muito lento na hora de me comunicar, mas na hora de pensar o que o outro estava pensando aí eu conseguia, mas ao perceber isto, hoje eu vejo o quanto eu me perdi.

No mesmo discurso, quando já consegue cumprir com a determinação que esta FI lhe faz, aparece no texto o seguinte dizer: “bem melhor”. E o texto segue mostrando a adesão a valores ligados a duas FI: a religiosa, que se apresenta no momento em que a missa e a palavra de Deus são mencionadas, e a FI comentada acima, ligada à condição de produzir discursos.

Como se percebe no texto a baixo:

Agora estou bem melhor, no domingo por que foi o dia mais tranqüilo: fui a missa de manha consegui me concentrar na palavra de Deus, voltei para casa consegui conversar normalmente com minha mãe, com meu namorado, depois chegou meu primo em casa, também consegui conversa, com minha irmã e noivo dela novamente conversei conversar.

No próximo texto é abordada uma FI que pela exposição textual transparece que o sujeito não sente estar correspondendo de forma adequada, formação ligada a uma idéia de produtividade, em que dar sempre o melhor de si é o grande objetivo, seja este melhor relacionado ao trabalho ou às amizades. Sendo então evocada uma FI que induz a uma avaliação sobre as relações estabelecidas por ele e as demais pessoas, mais precisamente, suas relações de amizade.

O texto mostra as relações de amizade do sujeito como se tivesse mostrando um sistema de produtividade, no qual dar o melhor de si é muito importante para a manutenção desta rede, sendo necessário, então, o alcance de bons resultados na ajuda que se propõe a dar a seus amigos.

Em seguida, ocorre uma mudança no assunto desenvolvido, pelo menos aparentemente, dando a impressão de que esta mudança transparece um desencaixe na sequência discursiva. O assunto inicial é sobre o esforço para melhorar suas relações de amizade e o outro é o de não se forçar a fazer o que não se gosta. O enunciatório é levado a pensar que não houve conexão entre os dois assuntos, mas, na verdade, é o contrário disso.

O texto apresenta, com muita sutileza, uma discordância do sujeito, discordância disfarçada, discordância a respeito do assunto comentado anteriormente. Mostra que o sujeito não concorda que deva se forçar a fazer coisas que não queira só para manter suas amizades. Demonstra que discorda usando o

artifício de mudar de assunto.

Para omitir esse funcionamento do sujeito, o texto apresenta uma formulação que aparenta confusão, aborda um assunto, a produtividade nas suas amizades, e sem finalizá-lo entra em outro, o de não gostar e permitir-se não estudar a matemática. Com isso, disfarçadamente, parece apresentar a ideia de que o sujeito não deve ficar se forçando em coisas que não quer, ou mais, se forçando em amizades que não deseja.

O texto mostra que a confusão discursiva tem um papel importante, pois revela as demandas inconscientes do sujeito, como esta de que ele não é tão bonzinho assim, mostrando como este sujeito é desejoso de escolher com quem e como quer manter suas relações de amizade.

O trecho aqui analisado segue transcrito a seguir:

Comigo esta assim eu, não to fazendo o melhor que eu posso eu acho que as vezes eu poderia fazer mais por exemplo, se tem alguém precisando de mim eu dou o meu melhor para que se resolvam os problemas ou amenise as coisas, se eu tô vendo que minha área não é por exemplo matemática pra que vou ficar tentando fazer matemática.

Em outra passagem, mais adiante no texto, é apresentada a expectativa do sujeito de que tudo se resolva “de uma hora para outra”, e com o enunciado que aponta para uma FI de espera, resignação e resolução mágica. Contudo, em seguida aparece o seguinte dizer: “não é assim”, demonstrando um conflito entre a FI e outra ideia que ocorre ao sujeito, ideia que por alguma razão, ainda não mencionada, formulou-se na sua mente. No texto, esse conflito se estabelece da seguinte maneira:

E acho que tudo vai se resolver de uma hora pra outra. E não é bem quero dizer não é assim.

O texto mostra a assimilação do sujeito da FI relativa à passividade, mas, ao mesmo tempo, mostra a presença de outra FI, provavelmente ligada ao ato de realizar por si mesmo suas coisas, donde resulta a ideia de que as coisas não se resolvem sem esforço. Contradições comumente geram angustias, e angustias para o sujeito acometido de depressão lembra tratamento, por isso a próxima coisa a ser mencionada no texto é relativa à sua ida ao CAPS (Centro de Atenção Psicossocial), para procurar ajuda psicológica, ou seja, o texto mostra um sujeito que não está

parado, esperando seu problema se resolver magicamente.

Em seguida, o texto aborda a vergonha que o sujeito sente por apresentar o estado emocional ao qual se encontra acometido, apontando uma FI que já havia mencionado anteriormente, FI ligada à discursividade e ao fato desta ser de grande importância para o sujeito. E este, como se encontra com depressão, e que um dos sintomas deste quadro psicológico é a confusão mental acompanhado da dificuldade em estruturar o raciocínio, ao deparar com os sintomas sente-se envergonhado, como pode ser observado neste fragmento de texto:

Estou no ponto de ônibus esperando para ir ao CAPS sai de casa pensando pensamento positivo mas estou muito ansiosa ainda não sei como relevar o que estou passando. Acho que é vergonha de ser o que eu sou quando eu não tinha que sentir isto só sei que realmente estou confusa e não sei o que eu faço.

Quando este enunciador tenta acreditar que magicamente terá seus problemas resolvidos, ele tenta, ao mesmo tempo, se livrar da vergonha de estar com depressão e todos os efeitos desta em seu funcionamento emocional e discursivo. O sujeito tenta evitar estes sentimentos pensando que tudo ficará, contudo, em seguida, esta crença não parece ser suficiente para que ele fique mais tranquilo, pois ele percebe que as dificuldades sentidas por ele não serão resolvidas magicamente, o que o faz se mobilizar e ir atrás de ajuda, ajuda real.

Esse momento, narrado no texto desse sujeito, no consultório em que ele era paciente, foi de grande importância clínica, pois marcou uma capacidade fundamental que este sujeito nem sempre consegue mostrar, relacionada a reagir aos imperativos apreendidos socialmente por ele, neste caso, reagir a esse sintoma específico, relacionado à confusão e à apatia de sua doença e se dispor a procurar ajuda em uma unidade de saúde mental.

Mais à frente é apresentada uma FI religiosa, quando narra o fato de que o sujeito espera dividir com Deus a tarefa de encontrar as soluções para seus problemas. Divisão que provavelmente lhe garante companhia em seus momentos difíceis. Segue-se a transcrição dessa passagem:

Um exemplo disso é quando eu estou assim tão ruim eu começo a perceber, de tanto as pessoas me falarem, que só eu é claro junto de Deus e somente nós iremos achar respostas para tudo isso que me incomoda, fazendo isto ficar mais claro:

Esta FI relacionada a uma perspectiva da crença Divina mostra que para o sujeito, quando ele deseja realizar alguma coisa, ele sabe que é preciso lembrar, que estas coisas, só serão viáveis se houver a presença de Deus. O que significa uma dependência que, quando relacionada à ideia já tratada anteriormente de pecado, ou pecados, faz com que o sujeito tenha que rever a todo o momento sua conduta, para garantir esta companhia.

Saber que só com Deus conseguirá uma determinada coisa pode ser algo muito angustiante para um sujeito que percebe em si muitos sentimentos que a FI religiosa não aprova. Desta forma, percebe-se o quanto essas ideias desenvolvidas nesse texto são profundas e importantes para este sujeito, já que são desenvolvidas de forma bastante veladas, mas já podem ser percebidas por ele.

Já em outro texto encontra-se uma divisão de três partes, todas relacionadas às determinações impostas por FI, determinações separadas por assuntos, que na verdade, misturam-se, e complementam-se.

Na primeira parte, o texto tem início com a palavra “Espírito”, depois prossegue fazendo menção à necessidade de evangelizar a família do sujeito, ato que está associado à espiritualidade como anunciou a primeira palavra. Em seguida, o texto aborda a possibilidade de o sujeito conseguir ter tudo, sem dizer à que tudo está se referindo. Ocorre um retorno ao discurso religioso com o seguinte dizer: “sem Deus o tudo não é nada”, sugerindo que o tudo à que tinha se referido são coisas materiais que perdem o sentido sem a presença da espiritualidade.

Essa ideia sobre o material só ter valor se estiver vinculado a Deus é um dos pontos fortes da ideologia religiosa, juntamente com seu oposto, que é sobre o pouco se for acompanhado da presença de Deus, significar muito para um cristão, ideia que também se encontra presente no texto.

Na sequência do texto é acrescentado o seguinte dizer: “mas com Deus o tudo pouco é muito”, completando a ideia vinculada à FI que já estava sendo apresentada, para então, transparecer uma discordância em relação a ela. A primeira coloca que com Deus tudo é muito, ou seja, quer deus e que tudo que Este possa lhe dar, justamente porque dá importância a este tudo, mas repara seu engano e coloca o termo “pouco” para retornar à FI a que estava vinculado, para a qual com Deus o pouco vira muito, satisfazendo o sujeito que tiver este pouco.

Nessa passagem do texto, ao mesmo tempo em que é abordado o tema espírito, é abordado a necessidade de se “ter”, se referindo às posses. Talvez

porque, dentro do discurso ideológico religioso, aprende-se que a fé, o apego religioso, causa uma aproximação de Deus, e que isso pode ajudar o sujeito a ter recompensas materiais.

O texto mostra a aproximação que o sujeito faz dessa FI quando apresenta a existência da necessidade material disfarçada em meio ao discurso religioso, mostra ainda, que este posicionamento dá-se de forma velada, pois é rapidamente corrigido, provavelmente devido à força que possui a FI religiosa para este sujeito.

O texto está montado da seguinte forma:

Espírito
 → Evangelizar minha família:
Podemos ter tudo, mas sem Deus o tudo não é nada, mas com Deus
o tudo
pouco é muito.

-----X-----

Na segunda parte, o texto faz menção a três aspectos de uma mesma ideia: mente, cabeça e cérebro, que podem representar seu estado emocional, já que são palavras com significados semelhantes. E segue com o enunciado de que o sujeito pretende ir até o fim, mas não diz sobre o que está falando, mostrando a dificuldade deste sujeito para verbalizar assuntos que mobilizem algum tipo de conflito.

O texto apresenta uma construção discursiva que se baseia em simbolismos implícitos para mostrar as ideias e seus sentimentos deste sujeito, mostrar sua determinação em vencer as dificuldades emocionais que se manifestam. Considerando que o sujeito em questão encontra-se em tratamento psicológico, e já demonstrou que nem sempre aborda os assuntos diretamente, muitas vezes falando uma coisa para dizer outra, manifestando seu movimento emocional através da estrutura do próprio texto para, por exemplo, a fala de arrumar seu quarto, provavelmente se remete a seu emocional e seus conflitos que precisam ser arrumados, já que quarto pode ser entendido como possível representante da mente do sujeito.

O texto aborda a necessidade do sujeito de ir até o fim em alguma coisa, depois, passa a necessidade, do mesmo, de arrumar o quarto, dando a entender que este quarto está realmente muito bagunçado e que lhe dará trabalho para ser arrumado. A mudança de foco discursivo apresentado, talvez seja uma

maneira de apresentar, de uma maneira simbólica, o estado emocional do sujeito, que se apresenta em dificuldades, até porque no a menção ao “meu quarto” é retificada para: “este quarto”, como se quisesse apontar para um lugar específico, sua “mente, cabeça e cérebro”.

O paciente organiza estrategicamente seu texto:

mente – cabeça – cérebro)

se depender de mim eu vou até o fim

1º → Organizar a bagunça: do meu quarto/este quarto

Na terceira parte desse texto, dá-se com o emprego do termo físico, que é colocado entre parênteses, em seguida vem escrito o endereço eletrônico de uma rádio, e, depois, é feito um pedido dirigido a um padre, é pedido a ele orações e bênçãos para o próprio sujeito e para mais algumas pessoas, posteriormente o sujeito expressa seu desejo de que Deus ilumine ao padre também. Com isso o texto continua forjando a impressão de que esta ocorrendo uma conversa entre o sujeito e o padre, pois a frase seguinte se refere a um pedido concreto, o sujeito pede que seja tocada uma música chamada: Um abraço do pai.

É interessante observar que, justamente neste subtítulo cujo início se dá com o termo físico, lembrando um aspecto material, a FI religiosa fica bem marcada com as referências que são reconhecidas como pertencentes ao contexto discursivo religioso.

Esse paciente, em seu histórico, como se sabe, passou pelo processo de separação de seus pais, ficando depois disso distante deste pai, assim, quando o texto traz o pedido e o nome da música, provavelmente traz o pedido latente relativo à presença real desse pai. Anunciando a necessidade desse sujeito de conversar com um padre, representante da vontade divina, conversar como se este estivesse ali presente, pois essa magia poderia suscitar outra magia, a magia de ter seu pai presente para, realmente, dar-lhe um abraço.

O texto fica desta forma:

(Físico)

www.priquerfm.com.br

Padre: eu, mãe, irmã, namorado, cunhado pedimos oração, para você nos abençoar e que DEUS sempre te ilumine na sua caminhada nós acompanhamos seu programa todos os sábados, gostaria de ouvir a música:

Um abraço do pai.

Em outro texto surgem indicativos de uma FI que traz uma orientação de que sempre se deve estar bem, ou aparentar estar bem, independentemente do que realmente se esteja sentindo: “estou procurando ficar bem estou sorrindo”. Ao passo que se evidencia um esforço, por parte do sujeito para tentar burlar o mal-estar, sentimento que no próprio texto se sugere ser deixado para ser resolvido ao longo do tratamento psicológico.

O texto mostra o esforço do sujeito para aparentar sentimentos que na verdade não estão fortalecidos neste momento, fugindo assim, de suas angústias, pois estas parecem ser consideradas socialmente como condenáveis, como se vê neste trecho do texto:

quando acordei estava com mau astral fisicamente e psicologicamente estava e estou procurando ficar bem estou sorrindo mais não estou só falando de coisas ruins ate isto estou somente deixando para tratar em casa e aqui no consultório, em casa com minha mãe tenho falado quando eu não estou muito legal e procuro logo expressar o quanto melhorei.

O texto remete-se a lembranças do sujeito a respeito de coisas que trazem o sentimento de tristeza, e, novamente, traz o fato de contar com o processo de terapia para trabalhar esses sentimentos. Com os seus dizeres mobiliza sinais que remetem a uma FI religiosa, que nesse caso confirma a tentativa do sujeito, já vista em outros textos, de encontrar coisas mais agradáveis em sua vida.

Este uso da formação ideológica

Sirley muitas vezes eu começo a pensar coisas e colocar estas coisas que não existem eu também combinei comigo mesma que estas sobre este assunto eu quero tratar somente com você para juntas descobriremos porque nas horas boas, ou que pelo menos eu falo que estou bem eu começo a chorar a tremer desesperadamente, e não é só por causa do frio, outra coisa que me deixou muito feliz e me deixa sempre é sobre minha família, claro cada um tem seus defeitos, mas em alguns momentos ou todos eu começo a reconhecer a maravilha que Deus fez em minha vida.

Mais à frente encontra-se um esquema gráfico que revela alguns componentes da FI com a qual o sujeito está comprometido. Essa formação mostra-se bem internalizada, porém é apresentada como uma conquista a ser alcançada pelo sujeito.

Mostra a presença da FI que supervaloriza sinais externos de

sucesso como os objetivos que ele menciona que precisa “procurar buscar”.

O texto se apresenta da seguinte maneira:

Recomendações da Nadir:

- aproveitar o tempo (todo), procurar buscar objetivos, quando encontrar

↳ Ex: minha mãe voltou a estudar
Ajudar a ela e a mim

Ex: - pretendo ter um bom emprego

- me casar com meu

namorado.

↳ Família

↳ Casa

↳ Estudo

- ajudar que precisa da

minha ajuda, e que eu ver

que eu posso ajudar

- estudar

Percebe-se, nesse texto, uma montagem que sugere que o sujeito ao apresentar as recomendações, se distancia delas, como se elas não fossem para ele. Mas no desenrolar do texto, quando a conjugação verbal volta para a primeira pessoa, entende-se que elas se dirigem a ele mesmo.

Outro texto do mesmo sujeito demonstra, inicialmente, as dúvidas que perpassam o imaginário do sujeito, dúvidas acerca de sua vontade de ficar bem, sendo que em seguida, ele procura dar uma resposta a essa situação desconfortável na qual se encontra. Nessa resposta, percebe-se a relação com a FI religiosa a que está associado, pois é mobilizada a presença de Deus, presença que surge como capaz de garantir-lhe o respaldo para encarar as dificuldades pessoais. Sendo assim, aparece no texto a fala de Deus sobre o sujeito, sobre ser este uma filha e também ser querida.

A FI presente nesse texto acontece juntamente com a construção de uma impressão que emerge, impressão de que o sujeito está realmente conversando com outro sujeito, contudo dessa vez é observado a utilização de um nome diferente do seu verdadeiro nome, como se fosse ali inserido uma outra

pessoa, Nadir. Com isso, o texto mostra a distância discursiva que se forma, pois embora o texto esteja se referindo ao sujeito, parece nada ter a ver com ele.

A construção discursiva se organiza desta forma:

Nadir tem que ver se vai ficar bem

Conselho:

que

Eu a F

O que Deus disse p/Nadir:

“Nadir é uma filha querida, Deus me ama e sempre vai me ajudar, sempre que eu tiver um problema é só pedir ajudar pra Deus que ele vai me ajudar.”

Nesse texto o sujeito flutua entre a representação de pessoas diferentes, mas mantém ideias apresentadas anteriormente, ideias sobre sua aproximação de Deus e a possibilidade de ser ajudado por Ele, conseguindo conforto para os seus medos e inseguranças.

Observa-se que as marcas discursivas presentes nos textos que revelam formações ideológicas, também revelam, nos três discursos estudados, conflitos emocionais, e ainda, observa-se que essas formações parecem marcar fortemente o desenvolvimento construtivo de tais discursos, como partes da sustentação das estruturas, tanto discursivas quanto emocionais, que dão corpo ao discurso dos três sujeitos. Ao mesmo tempo em que a maneira como tais marcas são dispostas ao longo dos textos, elas mostram a luta dos sujeitos pelo desenvolvimento de processos que os levem à subjetivação e que lhes possibilitem a percepção da formação de uma identidade.

4.1.4 Em Busca da Coerência

O encadeamento das ideias e a própria sequência que as envolvem e mobilizam seus sentidos dentro de um discurso, acontece em conformidade com a formação discursiva do sujeito enunciator daquele discurso, pois é essa formação que é evocada em uma interação e é nela que está contida a formação sócio-histórica-ideológica agregada à formação psicológica, donde emergem associações que serão manifestadas na interação discursiva de cada sujeito social.

E assim também ocorre com os discursos analisados nesse trabalho, que partem do sujeito e sua formação, para, então, na interação social, construírem sentidos dando contornos à mensagem neles contida. Contudo, nesse caso, o entendimento mais imediato revelador de uma mensagem fica como um objetivo secundário, visto que a prioridade dessa construção encontra-se focada na exposição da dinâmica do aparelho psíquico, como resposta à interpelação realizada pelo próprio contexto analítico, contexto no qual se encontram esses sujeitos. Isso confirma a afirmação de Cervoni, que diz que esse: “*ritual sociolinguístico* ou contrato de fala, segundo os termos propostos por P. Charaudeau em *Langage et discours*, reduz consideravelmente a extensão do dizível” (1989, p. 17). Tal ritual é considerado capaz de promover uma determinada sequência discursiva com que se pretende transmitir uma mensagem, contando-se, para isso, com vários fatores a serem percebidos dentro do discurso, eles estariam ligados a um conjunto de práticas que participam dessa composição linguística e permitem a observação de sua ordem, dos ciclos discursivos e dos elementos que circulam dentro desse conjunto, isso tudo, sem dúvida, em conformidade com uma coerência discursiva.

A partir da análise da coerência presente nos discursos de nosso corpus de análise, procurando destacar, o encadeamento segundo o qual as ideias são apresentadas, bem como a maneira como esse encadeamento participa da transmissão da mensagem ao longo dos parágrafos ou dos capítulos. Como afirmam Charaudeau e Maingueneau:

Sendo a coerência, ao contrário, da ordem das práticas discursivas, ela tem mais a ver com uma análise do discurso atenta ao gênero de discurso, ao objetivo do texto, aos saberes recíprocos dos co-enunciadores no contexto de uma dada interação. Essa redefinição pragmática da coerência, contudo, situa essa noção no cruzamento da linguística textual e da análise do discurso. (2006, p. 99)

Trata-se de um limite estreito, mas que precisa ser observado nessa análise, já que os textos são oriundos do depoimento de sujeitos em tratamento psicoterapêutico, são a expressão discursiva de pacientes que, de acordo com a Psicanálise, reflete o funcionamento do aparelho psíquico deles. Fato que configura o momento em que os sujeitos são sujeitos enunciadore de discurso e, ao mesmo tempo, são pacientes em tratamento, momento em que o sentido que emerge desse lugar de paciente fica exposto, pois estão estes desejosos de se mostrar o mais claramente possível e, assim, poder desvendar seus próprios movimentos inconscientes, que, nesse caso, encontram-se registrados por escrito, fugindo ao costume da clínica psicanalítica, em que os relatos são apenas falados.

Desta maneira como afirma Barros (2002, p.131):

Reconhece-se aqui a importância da coesão textual para a coerência do texto, mas não se aceita considerá-la como sua única ou principal garantia. A organização discursiva e a narrativa, subjacentes ao nível superficial das relações interfrásicas, têm também muito a dizer sobre a questão.

Assim, para a compreensão da análise da coerência discursiva dos textos apresentados por esses sujeitos, o olhar do analista precisa considerar o conjunto do dizer discursivo, sendo que, para o qual, os textos, em conjunto, fazem parte de um único discurso, e esse abarca o seu contexto. Ou seja, um discurso maior e mais completo, que conta com a sutileza do inconsciente destes sujeitos/pacientes, para trabalhar seus conteúdos de acordo a sua condição, como acontece no discurso oral do sujeito dentro do contexto clínico convencional.

No discurso do sujeito/paciente 1, logo em seu primeiro texto, vê-se um discurso associado ao aspecto psicológico, abordando alguns tópicos que pertencem ao quadro de sintomas associados à depressão, condição emocional que, por sinal, motivou o tratamento desse sujeito, e fez abordar assuntos com sua vontade de chorar, os sentimentos tanto de tristeza quanto de solidão, que está presente mesmo quando o sujeito encontra-se em meio a outras pessoas e, ainda, a necessidade de ter um companheiro. Como pode ser observado no próprio texto:

Estou triste, com vontade de chorar o tempo todo, me sinto completamente sozinha que ironia, moro numa casa tão cheia de gente. Porque será que tenho tanta necessidade de ter alguém porque não posso continuar só, sei que não estou preparada p/ ter alguém, tenho medo, gosto tanto do meu namorado, mas este não sente o mesmo.

Essa construção, a princípio, está organizada de uma maneira que permite que as angústias e as faltas sentidas por este sujeito sejam percebidas e, ao mesmo tempo, possam ser reveladoras de uma disposição para agir, tomar alguma iniciativa para superar o estado interior. A própria sequência mostra como isso ocorre, pois são apresentadas duas situações positivas: uma sobre um amigo e outra sobre uma pessoa que demonstra querer se aproximar afetivamente do sujeito.

Embora essas menções sejam pequenas, elas indicam que o resgate da formação discursiva não acontece somente com os aspectos negativos da vida do sujeito, e, mesmo estando com uma forte depressão, o que, como já foi dito, impõe uma percepção da realidade focada em pontos cujos sentimentos suscitados são associados a tristezas, o sujeito dá mostras que observa pequenos indícios de acontecimentos que podem ser vistos como mais agradáveis. Este trecho do texto encontra-se da seguinte maneira:

e o P que se tornou meu amigo esse foi bom, e o V que brinca
comigo todos os dia num tom muito sutil de paquera

A sequência de ideias desenvolvidas nesse texto cumpre um movimento discursivo claro: mostram a parte triste presente no sentir deste sujeito, bem como a força que essa tristeza tem para ele, já que é esse estado de ânimo que é narrado na maior parte do texto.

Só depois se propõe a mostrar a parte que se refere às coisas agradáveis, sendo que elas fazem parte de atitudes atribuídas a outros sujeitos, como à amizade de um amigo ou ao flerte do outro.

No segundo texto, ainda abordando os textos do sujeito/paciente 1, encontra-se presente uma revisão das tristezas deste sujeito e são mencionadas as tristezas de outros sujeitos com os quais ele mantém contato. O texto, embora repita o modelo anterior, no qual é abordado primeiro um acontecimento que gere tristeza e, depois, é abordado algo que desperte sentimentos mais agradáveis, percebendo-se que essa sequência discursiva mostra-se um pouco diferente, pois na apresentação dos aspectos agradáveis da vida do sujeito, eles agora dizem respeito ao próprio sujeito.

O texto apresenta as dificuldades emocionais relacionadas aos problemas enfrentados pelo sujeito, segundo o olhar instaurado pela depressão,

mas também consegue mostrar que, em relação aos problemas dos Outros sujeitos, a capacidade do sujeito de vislumbrar soluções encontra-se presente. Porém, logo em seguida, na sequência enunciativa, são retomados aspectos melancólicos da vida do sujeito, pois aparece um questionamento a respeito do sentido que tem o viver e o ter sonhos.

uma amiga me ligou mas só p/ contar problemas que p/ mim também seriam difíceis mas que eu tentaria resolver ela pede minha opinião, mas não acata nada será que sempre estarei redeada de Tristeza é problemas? Se for assim a vida toda nem tem sentido viver ou ter sonhos planos...

O texto obedece ao mesmo modelo observado no primeiro, no qual as coisas tristes são seguidas de algum fato agradável, mas pode-se dizer que houve um progresso, já que a parte agradável da narrativa mostrou-se voltada para conteúdos que são relacionados com o próprio sujeito, embora ainda não estejam relacionados à sua própria vida, mas sim, relacionados à vida de uma amiga. Contudo, ele consegue pensar em conselhos justamente por existir alguma identificação entre o fato ocorrido e algo presente em sua formação discursiva.

No terceiro texto do sujeito/paciente 1, são narrados, novamente, acontecimentos recheados por tristezas e decepções, tanto no que diz respeito ao relacionamento do sujeito com o seu namorado, quanto no relacionamento com seu ex-marido, o que faz que o texto percorra, mais uma vez, a sequência dos textos anteriores, até mesmo com a presença de um fato agradável que dê alento para sua condição emocional. Nele, o fato agradável está relacionado ao próprio sujeito e, para chegar a esse conteúdo, é relatado o domingo de Páscoa vivido pelo sujeito que, por várias razões, deu-lhe a sensação de felicidade, foi um dia vivido por ele e por outras pessoas, como seu ex-marido e suas filhas.

Este pedaço do texto encontra-se assim:

E ainda p/ ajudar o meu ex-marido não cumpriu com prometido que é me devolver o dinheiro estou Domingo de Páscoa, eu tive quase que uma surpresa o meu ex-marido ligou em casa e disse que veria visitar as meninas e perguntou se podia, se não teria problemas eu disse que ele seria muito bem vindo em minha casa. E fiquei feliz quando ele chegou, ele veio de ônibus e sozinho e passou a tarde toda com todos nós. _____parecíamos, uma família feliz e reunida ele me Tratou muito bem.

Para finalizar o texto, é retomado o discurso melancólico e mostra a falta que o ex-marido faz para si, revelando não estar tão distante da dinâmica psíquica na qual predominantemente eram narradas as situações que envolviam angústias e sofrimentos.

O texto se apresenta da seguinte maneira:

Engraçado como as vezes eu sinto falta dele na minha família com meu convívio

Assim, apesar do texto estruturar-se segundo um esquema parecido com aquele observado anteriormente, alternando percepções tristes com as expressões agradáveis, a alusão às coisas boas avança. O olhar para elas já pode ser visto por um trecho maior do texto, em que se percebe uma narrativa mais ampla, detalhada, como acontece quando é focado o que o sujeito vivenciou em seu domingo de Páscoa. Ao se reportar aos sentimentos melancólicos que experimenta, o sujeito se expressa de forma mais leve, embora ainda faça referência aos mesmos. Contudo, é preciso considerar que, até esse momento, a tristeza tinha sido a grande marca da expressão dessa formação discursiva, e que a mudança emocional, expressa nesta discursividade, ocorre lentamente.

O texto do sujeito expressa um esforço de mobilização para escapar da condição depressiva de manifestação discursiva e, responde, também, a formações ideológicas ligadas a ideias como de casamento feliz ou união familiar e, quando o anti-discurso se manifesta e os temas ligados à separação e à infelicidade são apresentados, ocorre uma desestabilização no quadro emocional e o sujeito volta a apresentar sua condição emocional em conformidade com seu estado depressivo.

No quarto texto, pode-se observar um percurso discursivo que se inicia, como de hábito, com a transcrição dos sentimentos depressivos do sujeito e, a partir deles, o texto apresenta as amarguras em relação ao passado do sujeito, em que ele já viveu e às coisas que sente não ter conseguido realizar na vida, bem como as cobranças de seu ex-marido acompanhadas do medo de perder suas conquistas.

Ele diz:

As vezes quando eu saice, na rua no calçadão em Londrina fico olhando aquelas meninas com 18 ate mais de 20 anos e me sinto envelhecida, diminuída, feia e etc... porque me sinto assim? As

vezes nem quero passear ou sair na rua p/ não ver ninguém e não ter que enfrentar, que o tempo passou p/mim e tantas coisas eu não tive não desfrutei, não ----- conheci. Que amargura sinto dentro de mim que vontade de chorar todo instante parece que tudo me comove mexe comigo me tira o chão, eu sinto um nó na garganta o tempo todo, nesses ultimos dias, que tristeza é essa que tem me consumido me assustado e me deixado apavorada em perder tudo aquilo que já conquistei o meu ex-marido me disse Hoje, quando eu começo a confiar em você a ter um bom relacionamento de amizade com você, você me decepciona!

O relato do medo de perder o que conquistou, na verdade, serve para que o texto consiga mostrar ao interlocutor a existência de mais uma remessa de coisas boas do sujeito, coisas já conquistadas por ele e que até esse momento não tinham sido mencionada. Como nos textos anteriores, esse segue um roteiro no qual as tristezas são seguidas de coisas boas, coisas que agora são colocadas diluídas à noção de medo, o que só aumenta seu valor, já que é comum que aquilo que tememos perder é porque sabemos ter valor, se não para os outros, ao menos para nós mesmos. Nesse ponto ocorre uma coisa inédita, é modificado o itinerário discursivo que vinha sendo seguido, pois são mencionados fatos ocorridos ao longo da vida do sujeito para que os mesmos sejam usados como defesa das acusações que o ex- marido do sujeito lhe faz, bem como para a defesa que precisa ser instaurada no que concerne aos sentimentos difíceis que experimenta e que lhe causam tanta tristeza.

Em seguida, o texto aborda a injustiça e revela a vontade do sujeito de revidar e fazer as duas pessoas que lhe causam sofrimento sofrerem também.

Não é Justo tudo isso. A vontade que eu tenho e tamanha é minha ira que tenho vontade de acabar com os dois com o meu ex-marido fazer um barraco e humilha-lo, com meu namorado despreza-lo principalmente no local de trabalho.

Com essa nova construção, o texto permite a apresentação da tristeza do sujeito ao mesmo tempo em que exhibe a sua capacidade de reconhecer em sua vida lembranças agradáveis. Não é mais uma questão de buscá-las fora do sujeito, seja em seus amigos, em seu ex-marido ou em qualquer outro lugar, mas sim de tê-las em sua história de vida.

No próximo texto, ainda do sujeito/paciente 1, observa-se a narrativa do fato de uma medicação não ter feito bem ao sujeito em questão, mas que ao mesmo tempo este sente que seu raciocínio está ativo. Depois é narrado o fato de

que o sujeito teve um sábado quase perfeito. Esta sequência mostra a percepção do sujeito a respeito dos acontecimentos de sua vida, sendo eles agradáveis ou aprazíveis. A sequência desvenda como o sujeito desliza entre um aspecto e outro de seus sentimentos, mostrando que, para este ele, permanecer narrando fatos com carga emocional mais depressiva já não é mais prioridade em seu discurso e, por isso, observa-se essa oscilação de conteúdos.

O texto fica assim:

As vezes tenho a nítida certeza que ele se ilude ao dizer que não me ama é muito clara seus sentimentos devido suas atitude, sei que ele já foi rude comigo, mas sinto que o medo dele é muito maior do que a possibilidade em admitir o que sente por mim; como esses homens são covardes, eu que fico sempre com ele sinto e sei o que ele realmente sente por mim só que não quero em nenhum momento Em nenhum momento me iludir, quero sim me afastar dele o quanto antes. É muito interessante o que tem acontecido entre nos quando ficamos junto me sinto izaurida sugada é como se ele me tomasse toda as energias, mas me sinto também realizada, só tenho tristeza quando temos que nos separar mas isso passa logo.

Dessa forma, o texto mostra como o sujeito, ao aponta suas percepções, mobiliza sua formação discursiva para lhe garantir o resgate de formações ideológicas, como a apresentada por ele sobre os homens terem dificuldade em mostrar seus sentimentos, as quais, neste caso, justificam o comportamento de seu companheiro, e, assim, não permitem que suas angústias fiquem fortes demais. Como foi dito, o texto cumpre sua função relacionada ao contexto terapêutico, expondo o percurso traçado pela condição emocional do sujeito, e, ao mesmo tempo, mostra-se coerente com o objetivo de responder à necessidade de diminuir as angústias. Ao passo que transparece sua formação, discursiva e emocional, como representação de sua condição no tempo e espaço social no qual se encontra insere.

Um pouco mais adiante, o texto traz a voz de Outro sujeito para fazer elogios ao sujeito, para lhe assegurar que ele tem coisas boas, contudo, esses elogios são seguidos de uma narrativa que mostra seus medos e suas incertezas. Como se percebe com a colocação da palavra “estranha”, que, embora esteja no meio do texto, se apresenta com a primeira letra em maiúsculo marcando a singularidade desse sentimento para o sujeito. Ou talvez para marcar a singularidade desse texto que contém mais narrativas de coisas boas do que de coisas depressivas.

O texto do sujeito se apresenta da seguinte maneira:

E ele também se entrega totalmente, me faz elogios o tempo todo, mais com muita cautela, com receio e até timidez e a gente se entende perfeitamente, tem até os mesmos gostos p/ música, ela dança etc... embora ele não admita, e eu como sempre falo muito, acho que tenho que aprender a ficar mais calada. Eu me sinto Estranha percebo que outros homens, livres, solteiras não se interessam por mim, isso me deixa muito triste, sem ânimo

O texto apresenta uma sequência e uma forma para a exposição das ideias e dos sentimentos, diferente daquela construída nos textos anteriores, nos quais a expressão da tristeza apresentava um enfoque maior, e depois era apontado algum acontecimento mais agradável da vida do sujeito. Mas nesse momento da expressão da formação discursiva, o texto vai mais longe com a exposição dos aspectos emocionais, apresentando um pouco das angústias, mas trazendo também algumas de suas qualidades.

Quando se observa o discurso, pode-se perceber que ele vem se modificando ao longo dos textos apresentados, ele caminha do muito entristecido, no início, para o só um pouco entristecido nos últimos textos, é claro que para apresentar este “só um pouco entristecido” o discurso fica preso em um vai e vem de conteúdos, mas, ainda assim, observa-se um aumento nessa expressão. Os textos dão pistas do avanço da condição emocional desse sujeito, condição que parece apresentar uma crescente expansão no que diz respeito à possibilidade, nada depressiva, de apontar sentimentos mais agradáveis, ao passo que a exposição de coisas tristes vai diminuindo.

Os textos que compõem esse discurso seguem um percurso discursivo, que gradativamente apresenta a necessidade desse sujeito/paciente de encontrar em si mesmo instrumentos que permitam que sua posição de sujeito depressivo seja quebrada e subvertida e que, nesse ponto, ele consiga ter uma nova perspectiva para olhar sobre a sua vida. O texto mostra a composição da formação discursiva desse sujeito em contato próximo com sua formação psíquica e a forma como estas estão estabelecidas dentro de seu aparelho psíquico.

Agora será analisado o discurso do sujeito/paciente 2, trata-se de um texto que narra um vai e vem de sentimentos, que parece representar o resgate dos sentimentos experimentados no passado pelo sujeito, como se estivesse ocorrendo uma reorganização disso. Encontra-se relatado no texto um

comportamento que Outro sujeito teve e que trouxe prejuízo ao sujeito/paciente, mas em seguida aparece uma justifica para o comportamento deste Outro sujeito. Na sequência, surge um argumento que mostra que esse sujeito foi maldoso com o sujeito/paciente. Com isso, instaura-se o jogo de exposição/justificativa/acusação, configurando a incerteza quanto aos sentimentos que compõem a estrutura deste Outro sujeito, e, conseqüentemente, uma incerteza em relação aos sentimentos vividos pelo próprio sujeito na relação com ele, até porque este sujeito se relacionou com o sujeito/paciente em seus primeiros anos de vida, período no qual ocorre a estruturação emocional.

Esta construção pode ser resumida neste fragmento de texto:

Talvez ela não tenha aprendido a amar. Não. Ela sabia. Ela amou, cuidou, protegeu os filhos do meu irmão mais velho; ela cuidou, beijou, abraçou, se sacrificou para cria-los.

Na continuação, aparece no texto como tem sido o tratamento que este sujeito, envolvido na dualidade presente no discurso do sujeito, está recebendo dele e dos outros sujeitos envolvidos no mesmo contexto social. O texto mostra ainda que, apesar de ter recebido pouco carinho e afeto, o sujeito é capaz de dar essas duas coisas, pois consegue, mesmo com a presença de mágoas, sacrificar-se passando finais de semana envolvido nos cuidados com o tal sujeito, conseguindo, com isso, mostrar ser diferente do que recebeu como legado de sua família.

Nesse ponto do texto é introduzido, sem qualquer anúncio prévio, um outro assunto, que aparentemente não é coerente com esse até aqui abordado, mas, posteriormente, percebe-se que estão interligados. Inclusive, estes assuntos mantêm a mesma linha de raciocínio que estava sendo seguida, na qual é exposta a capacidade do sujeito de superar sentimentos difíceis, principalmente não os repetindo. O texto apresenta a relação mantida entre o sujeito e um Outro sujeito, aqui chamado de X, dizendo não ser esta uma relação muito importante, e afirma que outros sujeitos, “até mais importantes já haviam aparecido”, mas acrescenta que, nesse tipo de relações, não era possível encontrar o que ele estava procurando. Contudo, não esclarece a qual o tipo de relação que está se referindo e o que realmente estaria procurando nestas relações.

Esta parte do texto encontra-se da seguinte maneira:

Não, o problema não no X, ela tanto faz existiram outros muitos melhores que ele. Outros em quem eu procurei pelo que sempre me faltou, mas que como não era deles que eu queria, eu os repudiei.

Considerando-se que a mudança de assunto foi brusca, e ainda que esse sujeito encontra-se interpelado pelo fazer discursivo do método psicanalítico da livre associação, presume-se que, mesmo trocando de assunto, esse sujeito não trocou de conteúdo emocional e está tentando mostrar que suas faltas afetivas mencionadas acima estão, ainda, sendo abordadas. E que aquilo que procura nestes relacionamentos ou mesmo no relacionamento com o sujeito X diz respeito à mesmas necessidades, que aparentemente, dizem respeito ao déficit causado pelos relacionamentos vividos com os sujeitos de sua família. Nesse ponto do texto, observa-se um parágrafo que pode ser considerado intermediário, já que se constitui uma sutil transição entre um assunto e outro, permitindo a introdução do discurso que aprofunda a narrativa concernente ao seu relacionamento com o sujeito X, pai de sua filha. Relacionamento conturbado, capaz de gerar um enorme desgaste emocional e que, da mesma forma como aconteceu com o relacionamento entre o paciente e sua mãe, resultou em um sentimento desagradável.

Todo esse quadro apresentado nesse texto configura-se na apresentação de um fator de extrema importância para esse sujeito, fator relacionado à percepção deste sobre suas próprias demandas emocionais e o quanto elas fazem-no sofrer, forçando-o a organizar uma estratégia emocional para conseguir lidar com sentimentos tão fortes. Essa estratégia encontra-se revelada nesse texto, pois ela consiste em um esforço desse sujeito por não repetir em suas relações o que recebeu como base de sua formação, mostrando-se capaz de cuidar de sua mãe e de desenvolver um gostar pelo pai de sua filha. Revelando-se a tentativa desse sujeito de desenvolver uma maneira de alterar os sentimentos que observa ter recebido, ou ao menos de sentir-se capacitado a fazer esta transformação, podendo dar uma resposta afetiva diferente daquela que recebeu de sua mãe, e que, depois, segundo o texto, ele recebe do na relação com o sujeito X, visto que esta constituiu-se em mais uma frustração, suscitando, também, uma alteração dos sentimentos envolvidos, variando da necessidade de amar para a conversão deste sentimento em um ódio.

Sentimento de ódio que, segundo o texto, deu ao sujeito a possibilidade de assumir uma postura ameaçadora diante deste Outro sujeito, a

mesma que aprendeu com sua mãe enérgica, mas que ainda não havia expressado. Talvez porque somente naquele momento o sujeito deixa a condição de filha que socialmente deve amar e cuidar bem de seus pais, formação ideológica bastante difundida neste meio social, para justamente ser mãe e fazer o que for preciso por sua filha, e até mesmo poder odiar o pai dela, e assim dar vazão ao seu aprendizado.

O sujeito diz:

È por isso que provavelmente eu vou aguentar o que vier, vou dedicar o que vier, vou decidir os meus dias: para ver o X se rastejar, implorar para me ter, para ter os meus buracos novamente. Ele não perde por esperar a batata dele está assando. Vou pisar nele como se esmaga uma barata, vou rir e me satisfazer quando o esnober. Eu já fiz isso tantas vezes. A X você não perde por esperar!!!

No próximo texto esse sujeito apresenta uma série de informações sobre os problemas orgânicos do sujeito, problemas que segundo a narrativa existem desde o nascimento deste. Contudo, o relato desenvolvido leva à configuração de um personagem no imaginário do interlocutor, personagem que configura a mãe do sujeito, que, novamente, fica implícita, já que, de novo, não lhe é dado um nome, ou ao menos referida sua posição familiar: apenas subentende-se que esteja se referindo à sua mãe.

O texto constrói o que parece ser uma justificativa, ou uma tentativa de amenizar suas angústias causadas por tudo o que vivenciou nesta relação.

Também, não é muito difícil imaginar e entender que qualquer pessoa teria seus motivos para odiar uma criança que tinha e dava tantos problemas com doenças. Já tinha sido difícil o nascimento. A dificuldade para os outros filhos justificaria um sentimento negativo a cada gravidez. Depois essa criança é atingida por todas as doenças infantis e todas com complicações.

Na continuação, o texto mostra que o sujeito se autodenomina “idiota”, termo que é repetido algumas vezes durante o relato de situações da vida do sujeito/paciente, deixando, em vários momentos, a impressão de que para ele esta não é só uma denominação, mas sim uma condição, que, inclusive, julga permanente em si mesmo. Mais à frente, associa essa sua possível “idiotice” à carência afetiva que o acometeu e, com isso, abre espaço para uma nova sequência respaldada não mais pelo pejorativo da idiotice, mas sim pela particularidade de sua

condição emocional. O texto encontra-se da seguinte maneira:

Que tipo de idiota fica no dormente da linha acreditando que ali é o melhor lugar para ver o trem? O mesmo tipo que ainda acredita na felicidade, que vive no mundo dos sonhos.

Na continuidade do texto é narrado o envolvimento do sujeito com o sujeito X, em que o sujeito mostrou suas fragilidades, fato que fez este Outro sujeito usá-las contra ele em outro momento da relação. O texto aborda o desenrolar dessa relação dando a entender que o erro cometido teria sido do próprio sujeito, como se ter mostrado seus sentimentos tenha sido uma atitude precipitada.

Meu Deus, quanta gente já me enganou mas, ninguém sabe. Eu não conto, principalmente, para eles o esforço que faço para parecer normal aos olhos de todos, para parecer inteligente, segura, forte...Para que ninguém perceba as minhas carências, minhas falhas, minhas...

Mas, acho que acabei mostrando pro X e, por isso, e tripudia sobre mim. Esse foi um erro. Jamais deveria ter deixado ele me ver como realmente sou. Jamais deveria ter deixado ninguém ver, especialmente ele que tem motivo de sobra.

Depois o texto traz a procura do sujeito por coisas boas em sua história de vida e o seu pedido de ajuda a Deus para encontrá-las, ao mesmo tempo em que ele questiona os conceitos sociais a respeito da felicidade. Transparecendo a procura do sujeito por coisas que supram as suas demandas sociais e as suas necessidades emocionais, permitindo a ele que se aproxime de um sentimento reconhecido socialmente: o de felicidade. É o que se pode perceber no trecho do texto transcrito a seguir:

Às vezes pergunto a Deus em que lugar do passado perdi as coisa boas, porque eu devo ter tido alguma, algum sentimento bom. Eu não acredito que nasci para ser assim, para ser infeliz. Mas, o que é a felicidade, ser amada? Ter dinheiro? Sucesso? Inteligência? Reconhecimento? Saúde? Fortuna? Talvez todos? Talvez nada?

Em seguida vem a narrativa do discurso do irmão do sujeito, depois o lugar pejorativo que o sujeito confere a si próprio, que é ilustrado com uma alternância de sentimentos narrados sobre ele mesmo. Ainda, na sequência, percebe-se a procura, em suas próprias observações, de alguma coisa que o ajude a rebater as afirmações de seu irmão, porém não encontra e acaba por concordar

com tais afirmações. Deixa de lado a negação e só reverte a situação quando as críticas sobre si passam a servir para a construção de outra idéia de si mesmo, a ideia de que é poderoso e capaz de ser ameaçador.

Essa passagem apresenta-se da seguinte forma:

Alguém disse que o segredo do sucesso não é ter talento, e sim, ser persistente.

Bom, acho que foi a persistência e só ela a que trouxe até aqui.

Um dia meu irmão me disse que eu quando nasci, Deus olhou para terra e disse:-Que besteira que eu fiz.

Mas, como um ser não podia viver na terra sem nenhuma virtude, Deus me deu a generosidade. Mas, como tudo que é demais não é virtude é defeito. Não teve jeito: Pão que nasce torto até a cinza e torta.

Sabe, meu irmão, acho que você tem razão sobre tudo. Só errou na presente: Primeiro, não foi generosidade foi persistência; segundo:

Talvez o presente

não tenha sido necessariamente, de Deus, entende?

A passagem que se encontra transcrita tem início com as lembranças do sujeito, sobre sua infância e sobre o sofrimento vivido nesse tempo, marcando um conteúdo bastante angustiante. É quando ocorre uma mudança no assunto abordado, passando o texto a mostrar as qualidades e capacidades do sujeito. Qualidades que trazem lembranças de outros acontecimentos que trazem sentimentos desagradáveis.

O texto mostra como este sujeito se vê novamente às voltas com sentimentos próprios de sua condição depressiva, condição que o sujeito demonstra, com a expressão de sua procura por outros assuntos, que deseja deixar de lado, mas que parece não conseguir se desvencilhar. É uma busca do sujeito por situações de sua vida que favoreçam o alívio de sua tensão emocional, alívio que não acontece, mas que suscita outro movimento, o movimento de reversão, de transformação do sofrimento vivido em qualidades, transformação das acusações feitas pelo seu irmão em pontos positivos de sua personalidade. Todo esse jogo de transformação apresentado no texto, jogo que dá a impressão de que o sujeito está tão seguro sobre suas qualidades, mas depois se revela frágil diante da pergunta que é feita pelo sujeito à sua filha sobre a possibilidade de ele ser louco. Sua filha responde que não, mas ao mesmo tempo diz que o achava diferente, confirmando a construção discursiva presente anteriormente sobre suas qualidades.

Esse episódio mostra a fragilidade desse sujeito, porque mostra sua

necessidade de confirmar sua capacidade de transformar seus sentimentos de revolta e mágoa e ser capaz de amar, de cuidar e de dar aquilo que não recebeu dos responsáveis por seus cuidados. O texto foi montado desta forma:

Com a intenção de entender, perguntei a minha filha o quê a faz pensar que sou louca, mas ela, mesmo eu explicando que isso não me magoaria, não quis responder, dizendo-me apenas que não me acha louca, mas sim diferente e completou:- diferente para melhor.

Ao longo da narrativa o sujeito/paciente 2 demonstra que a coerência discursiva de seu dizer reside na possibilidade de serem abordados aspectos da condição emocional do sujeito, em resposta à interpelação do contexto terapêutico. É apontada a trajetória emocional desse sujeito para amenizar os sentimentos angustiantes que muitos dos acontecimentos de sua vida o fazem sentir, mobiliza a sua formação discursiva, resgatando acontecimentos e formações ideológicas capazes de trazerem sentidos diversificados para o uso em um processo de superação.

Os três textos do sujeito 2 são bastante volumosos, o que pode caracterizar uma necessidade de esclarecer mais detalhadamente sua proposta discursiva. Proposta que se organiza segundo um padrão, um roteiro que implica no reconhecimento dos acontecimentos que geraram sofrimentos ao sujeito no decorrer de sua vida, e, na sequência, aponta o seu posicionamento diante desse sofrimento.

Desde seu primeiro texto percebe-se que esse sujeito enfrentou muitas dificuldades, sentindo-se sozinho e sem apoio, mas, ao mesmo tempo, foram justamente essas faltas que aparecem no texto como causadoras de uma reação de subversão quanto aos sentimentos resultantes, subversão que o capacita a viver coisas boas e a proporcionar isso a sua filha.

A narrativa principal está vinculada à sua relação com dois sujeitos singularmente importantes na vida do sujeito: sua mãe e o pai de sua filha. Trata-se de dois sujeitos diferentes que mantiveram relações similares com o sujeito/paciente, contudo, os dois, segundo o texto, não estabeleceram uma relação afetiva que permitisse o desenvolvimento de segurança emocional, por isso, a relação com eles encontra-se presente ao longo dos textos de uma maneira complementar, no que concerne à exposição da ideia relacionada à capacidade que o texto apresenta como sendo o grande trunfo do sujeito, a capacidade de vivenciar sentimentos que não recebeu das outras pessoas e ser, aos seus próprios olhos,

diferente do que vê que eles são.

Com o término da análise da coerência discursiva no depoimento do sujeito/paciente 2, passa-se à análise dos textos do sujeito/paciente 3, em que é apresentado o que seria um diálogo dirigido ao próprio sujeito e, ao mesmo tempo, dirigido a Deus.

Esse texto tem início com um tipo de conselho direcionado ao próprio sujeito, “seja sincera” e, logo embaixo, aparece uma resposta envolta na descrição de algumas necessidades do sujeito, como suas faltas, desejo de perdão e medo do abandono, o que, de forma indireta, parece ser dito pelo sujeito para ser ouvido por Deus. É uma construção discursiva que deixa transparecer culpa, sem que esta seja colocada no texto, ficando implícita.

O sujeito diz:

Seja sincera

→ quero cura interior, a cura do meu ser para renovar meu caráter, senhor me perdoa, não me abandone agora.

Logo no início de outro texto do mesmo sujeito é exposto um diálogo do sujeito com o terapeuta, fato que se justifica por sua declarada assimilação da interpelação feita pelo terapeuta, convocando o sujeito a transcrever seus pensamentos e sentimentos como se estivesse na sessão, transferindo para o texto escrito coisas, que nesse caso, quer esquecer, usando o texto como substituto imediato do seu processo terapêutico, bem como da presença do próprio terapeuta.

Oi, Sirley, tudo bem.

O que eu estou escrevendo é o que eu quero esquecer, pretendo deixar tudo, somente no papel, aquilo que de ruim aconteceu e ainda está acontecendo comigo.

O texto inicia-se com uma saudação ao terapeuta, passando para uma narrativa sobre as dificuldades, conflitos, e a necessidade de dialogar, de conseguir transformar os sentimentos em linguagem, sentimento que vivencia o sujeito em questão. Revelando como é para ele não conseguir interagir e apenas observar as pessoas em seu redor, sem, contudo, compreender muito bem o que dizem, o faz achar que tudo o que estas pessoas falam estava ligado a ele. É o que se pode perceber nessa passagem:

Isto que aconteceu foi que tudo o que as pessoas falavam eu pensava que era para mim, por exemplo, se minha mãe estivesse conversando com o namorado dela sobre o filho dele, eu escutando e pensando que isto era p/ mim.

O texto deixa transparecer como, para este sujeito, é difícil conversar com Outros sujeitos, e mais, que ele percebe que sua dificuldade discursiva tem sido notada, fato que parece aumentar o constrangimento. Mostra, ainda, a busca desse sujeito por uma mudança em sua forma de expressão, mudança que o deixe mais tranquilo. Fato que, segundo o texto, só acontece quando o sujeito identifica-se com o que diz e transforma os seus sentimentos em linguagem.

A coerência discursiva, nesse texto, encontra-se vinculada à vulnerabilidade dos sentimentos vivenciados pelo sujeito, seja quando sua formação discursiva não consegue alcançar uma vazão que lhe satisfaça já que, para esse sujeito, estar bem se encontra relacionado a conseguir dialogar. O texto mostra que ele procura uma maneira para compreender seus sentimentos oriundos da dinâmica emocional depressiva.

O texto mostra essas ideias da seguinte maneira:

Agora estou bem melhor, no domingo por que foi o dia mais tranqüilo: fui a missa de manha consegui me concentrar na palavra de Deus, voltei para casa consegui conversar normalmente com minha mãe, com meu namorado, depois chegou meu primo em casa, também consegui conversa, com minha irmã e noivo dela novamente conversei conversar.

Dessa forma, observa-se a ênfase do texto à possibilidade de conversar, mostrando que, para esse sujeito, esse ato constitui-se como uma maneira de se tornar social, de se tornar parte de seu meio e de perceber a aceitação por parte dos demais membros de seu convívio familiar. Necessidades que fazem parte de uma formação ideológica ligada à pertença a um grupo, e que, mais uma vez, ao longo dos textos deste sujeito, fica claro o fato de que para esse sujeito estar em conformidade com determinadas formações ideológicas torna-se altamente necessário, com pena pelo não cumprimento de ver suscitado sentimentos angustiantes.

Em outro texto o início dá-se, novamente, com uma referência ao terapeuta, o sujeito pergunta como ele está, estabelecendo a identificação com o

contexto clínico e com a demanda que esse contexto impõe, para, em seguida, já mobilizado pelo desenrolar de uma sessão, começar a falar de si próprio, como se, naquele momento, tivesse sido questionado pelo terapeuta. Aborda o estado emocional do sujeito, apontando os sentimentos de culpa e de inadequação que ele vivencia.

Olá, Sirley, tudo bem? Comigo esta assim eu, não to fazendo o melhor que eu posso eu acho que as vezes eu poderia fazer mais por exemplo, se tem alguém precisando de mim eu dou o meu melhor para que se resolvam os problemas ou amenise as coisas, se eu tô vendo que minha área não é por exemplo matemática pra que vou ficar tentando fazer matemática,

A autorecriminação se apropria do fazer discursivo, seguida de uma demonstração de esperança em uma resolução mágica para suas dificuldades, ideia que logo é deixada de lado. O texto narra o concreto, com a experiência no ônibus e a ida ao CAPS (Centro de Atenção Psicossocial), mas este parece não lhe garantir a segurança que conseguirá manter sua discursividade intacta. Por isso, atesta a confusão em que se encontra esse sujeito.

O texto apresenta-se assim:

Mas o que realmente me machuca é não os outros me criticarem mas eu ficar me criticando muito eu não agüento mais eu ter esse jeito quer fazer o bem mas acaba dando errado porque quando era pra fazer não fiz. E acho que tudo vai se resolver de uma hora pra outra. E não é bem quero dizer não é assim.
Estou no ponto de ônibus esperando para ir ao CAPS sai de casa pensando pensamento positivo mas estou muito ansiosa ainda não sei como relevar o que estou passando. Acho que é vergonha de ser o que eu sou quando eu não tinha que sentir isto só sei que realmente estou confusa e não sei o que eu faço.

Nesse trecho são apresentados os conflitos psíquicos e os conflitos relativos à dificuldade discursiva do sujeito. O texto estrutura-se na possibilidade que o contexto clínico, instituído com o cumprimento ao terapeuta observado em seu início, permita-lhe demonstrar a confusão que o absorve e que só nessa relação poderia ser vivida integralmente, pois só ali ela pode ser compreendida e talvez alterada. Isso constitui uma atitude que aponta

ao estabelecimento da coerência discursiva presente nesse texto, já que ele responde à demanda clínica e, ao mesmo tempo, dá vazão à discursividade desse sujeito. Fato que ocorre independentemente da dificuldade em apresentá-la

de forma corrente, dificuldade que o deixa confuso e amedrontado, mas que, nesse contexto, pode ser observada, pois somente dessa forma o sujeito verá um pouco de sua capacidade de expressão, de sua capacidade de ser social e, ao mesmo tempo, poderá receber ajuda.

No próximo texto, o início é a partir do relato da presença de Outros sujeitos na vida do sujeito/paciente, influenciando suas ideias e dando-lhe esperança, já que esses sujeitos o fazem ver respostas para as dificuldades que vivencia. Respostas que vêm em forma de conselhos, o que é seguido por uma aproximação à formação ideológica religiosa, quando é evocada a presença de Deus.

No texto, essas ideias se organizam da seguinte maneira:

Por isso é que conversar é bom, se abrir com as pessoas certas também é.

Um exemplo disso é quando eu estou assim tão ruim eu começo a perceber, de tanto as pessoas me falarem, que só eu é claro junto de Deus e somente nós iremos achar respostas para tudo isso que me incomoda, fazendo isto ficar mais claro:

O texto mostra a maneira com que este sujeito articula suas ideias e como consegue dialogar a partir delas, fato que, em vários momentos, é descrito como de grande importância para esse sujeito.

Já o texto seguinte tem início, novamente, com uma saudação ao terapeuta, para, em seguida, ser abordado o estado emocional do sujeito, que é descrito como sendo de uma pessoa pensativa, confusa e triste e, ainda, com vontade de chorar. Sendo mencionado, também, o medo e a falta de concentração presentes na condição desse sujeito. Posteriormente, anuncia um dizer diante do qual coloca dois pontos, pula uma linha e monta uma frase que deixa inacabada.

A composição citada acima encontra-se presente neste texto considerando-se o aspecto discursivo presente nele e, também, considerando-se a própria estrutura a que ele se apoia, estrutura que pode ser vista como uma pista capaz de confirmar o que se encontra verbalizado, já que confirma a presença de dificuldades, sejam estas em organizar os sentimentos, sejam as ideias e o próprio formato do discurso.

Oi, Sirley !

Eu estou agora em casa, estou mais tranqüila, porem estou ainda pensativa, confusa com tudo isso não entendo porque, mas me deu uma tristeza muito grande por dentro, na convivencia com as pessoas de fora, por exemplo não estou conseguindo me abrir, desabafar,

Conversan estou aborrecida, estou assim porque se alguém me perguntar porque estou assim tenho medo de começar a chorar. Desesperar..

Já não sei fazer mais nada, a única coisa que eu consigo fazer e bem é chorar e chorar, estou super com medo, não consigo me concentrar o único: tudo que eu quero

O texto seguinte traz uma divisão em sua constituição, divisão que o deixa em três partes, fato que divide a maneira de abordar as experiências desse sujeito, colocando-as em etapas. Etapa que se inicia com o aspecto que diz ser relacionado ao espírito, depois vem o que chama de mente-cabeça-cérebro, e, por último, o físico.

O primeiro aspecto abordado, espírito, em um primeiro momento, parece relacionado com significado do próprio nome, já que, no texto, em vários outros momentos, observam-se menções a termos ligados à condição espiritual, como evangelização e Deus. Mas, neste caso, o que se vê é uma ênfase aos conteúdos materiais representados pelo termo “ter”, sugerindo que o sujeito mistura a espiritualidade e os desejos materiais.

O texto se alça na mistura existente entre as necessidades materiais vividas por este sujeito, que principalmente depois que seus pais se separaram, enfrentou, junto com sua mãe e irmã, dificuldades econômicas, dificuldades que agora aparecem na contradição desta fala, que evoca o primado religioso do desprendimento material, para o qual o ter não é importante, mas ao mesmo tempo faz parte das necessidades da vida dentro de uma sociedade capitalista, para a qual o consumo faz parte de sua instauração.

Espírito

→ Evangelizar minha família:

Podemos ter tudo, mas sem Deus o tudo não é nada, mas com Deus o tudo pouco é muito.

O outro ponto abordado no texto é chamado de mente-cabeça-cérebro e parece ter uma relação com a situação concreta da “bagunça”, expressão usada no texto para se referir ao quarto do sujeito. Contudo, o texto traz embutido uma ideia relacionada à disposição do sujeito para organizar-se mentalmente,

inclusive marcando o quanto o aspecto emocional, bem como o discursivo, encontram-se fundidos e em comunhão com as dificuldades desse sujeito.

(mente – cabeça – cérebro)
 se depender de mim eu vou até o fim
 1º → Organizar a bagunça: do meu quarto/este quarto

Já no último ponto do texto, chamado de físico, encontra-se a citação de um endereço eletrônico para, depois, aparecer uma referencia a outras pessoas do convívio do sujeito. Pessoas que são incluídas ao pedido de oração feito por ele. Por último, aparece no texto um pedido musical, que é, na verdade, uma menção indireta ao pai do sujeito, fala que pode ser entendida na configuração de mais um pedido do sujeito voltado para Deus.

(Físico)
www.priquerefm.com.br
 Padre: eu, mãe, irmã, namorado, cunhado pedimos oração, para você nos abençoar e que DEUS sempre te ilumine na sai caminhada nós acompanhamos seu programa todos os sábados, gostaria de ouvir a musica: Um abraço do pai.

Nesse texto, o sujeito mostra sua formação discursiva, porém não o faz de forma direta, como se observa com a colocação sobre ter tudo ou não ter nada. Incide no texto uma sobreposição de palavras, como a colocação dos termos: tudo e pouco, sobreposição que mostra a dúbia formação presente nesse momento na discursividade do sujeito. Fator que pode ser indicativo da presença de formações ideológicas atuando nesse embate discursivo, por isso não fica claro a sua posição em relação ao ter ou não bens materiais.

E quando está presente no texto palavras como “bagunça”, que parece ser do quarto do sujeito, mas, ao mesmo tempo, pode estar relacionada aos seus conteúdos emocionais, já que se trata de um texto que, a principio, trata primordialmente das questões emocionais do sujeito, também se pode entender como indício de conflito discursivo e concomitantemente emocional.

Outro fator presente nesse texto é a incorporação do interdiscurso de um programa de rádio na formação discursiva do sujeito, incluindo em sua forma de expressão a sua usual linguagem, que se mistura ao discurso religioso e o faz, ainda, aproximar-se do discurso referente à formação familiar idealizada, que conta

com a presença do pai, que aparece em forma do pedido de uma música. Contudo, o uso do implícito é, evidentemente, um artifício empregado para não se ter que falar profundamente de determinados assuntos, que, nesse caso, geram conflitos ao sujeito, mexem em sua relação com as formações ideológicas assimiladas ao longo de sua vida, e que agora parecem instaurar conflitos capazes de fazer que o sujeito tenha que, ao menos, mencioná-los no texto, como foi feito, mesmo que seja de uma forma que não lhe permita uma aproximação aprofundada.

O texto consegue esconder ao mesmo tempo que revela esses conflitos, sua coerência reside nessa busca empreendida pelo sujeito, busca de uma maneira de dizer algo sem se comprometer integralmente, busca por mostrar ao seu terapeuta quais são os conflitos que precisam ser tratados, mas, ao mesmo tempo, sem admiti-los claramente. Conduta que o faz ocupar um lugar de sujeito confuso, que não deve ser confrontado, justamente por parecer tão instável e inseguro. Tudo isso estabelece um distanciamento do objetivo da análise, afastando o sujeito da coerência concernente à intenção analítica.

O texto novamente tem seu início com uma saudação ao terapeuta, depois, relata um sonho que se mistura com o relato da realidade vivida na casa dos avós do sujeito. Porém, quando fica claro que o sujeito acordou, os sentimentos gerados com o sonho são mantidos e a confusão entre este e a realidade fica evidente com a fala que o texto contém: “mal astral fisicamente e psicologicamente”.

O sujeito diz:

Olá, Sirley, nesta noite sonhei que estava em outra cidade, casa dos meus avós, estava tentando me divertir com as crianças mas não consegui, sonhei bem o que eu vivi lá, quando acordei estava com mau astral fisicamente e psicologicamente estava e estou procurando ficar bem estou sorrindo mais não estou só falando de coisas ruins até isto estou somente deixando para tratar em casa e aqui no consultório, em casa com minha mãe tenho falado quando eu não estou muito legal e procuro logo expressar o quanto melhorei.

Quando o texto expressa o esforço que o sujeito faz para ficar bem ou, ao menos, parecer que está bem, percebe-se a presença de alguns artifícios, o sujeito passa a falar pouco sobre seus sentimentos que não são bons, tenta voltar logo para as coisas boas e procura mostrar avanços no controle de seu estado emocional. É um esforço para se afastar dos sentimentos gerados pelo sonho e retomar os sentimentos de sua vida real, mas, como estes não são tão agradáveis, o

sujeito apresenta dificuldade em separá-los.

Com esse comportamento do sujeito apontado nos textos, evidencia-se que, para o sujeito, parecer estar bem é de suma importância, isso porque esse esforço o faz se aproximar de outras formações discursivas presentes em sua formação e também porque, para esse sujeito, a impressão que os Outros sujeitos desenvolvem a seu respeito, parece ajudá-lo a organizar-se discursivamente, isso fica claro quando ele atribui grande valor aos conselhos ouvidos, mesmo quando estes não são tão pertinentes à sua situação.

O texto retoma a enunciação das motivações emocionais do sujeito quando é demonstrado que este se confunde ao falar de seu empenho em ficar bem, fato que estava tentando afirmar, e, por fim, aparece no texto o reconhecimento do sujeito da existência de uma confusão. Como o texto mostra:

O que tem me deixado de pé ou seja, conseguir dormir, levantar e viver o dia é a minha consciência. quando eu percebo que as coisas estão bem eu procuro vive-las já quando eu percebo que não estão boas eu procuro ficar ruim porque então não consigo dar conta dos meus pensamentos e pior ainda atitudes ruins.

A peculiar rede de sentidos que esse texto apresenta, relaciona-se ao conflito psicológico vivido por esse sujeito, inclusive sua coerência não é focada na estrutura discursiva, e sim na expressão emocional, tanto que se vê apontada a dificuldade do sujeito em conseguir separar os sentimentos que vivencia, como no exemplo da diferenciação difícil entre o que pertence ao sonho e o que pertence à realidade concreta.

Quando o texto expressa esse vai e vem, o sujeito consegue mostrar ao terapeuta como se dá esta dificuldade, consegue mostrar como sua capacidade de discriminar a origem dos acontecimentos e de seus respectivos sentimentos está abalada pela depressão, indicando, assim, qual a direção que deve tomar o tratamento psicanalítico.

Em outro texto, do mesmo sujeito, o começo dá-se com um questionamento, depois se remete ao terapeuta, ato interlocutivo que funciona como pedido de autorização para, como no ambiente do consultório, postar as suas coisas. Coisas que o sujeito diz preferir deixar para falar com o terapeuta. Contudo, o texto mostra um questionamento feito pelo sujeito a respeito de sua vontade de chorar em horas que aparenta estar bem, o que o faz lembrar sentimentos felizes

que se manifestam quando pensa em sua família. Porém, quando o texto aborda a felicidade sentida pelo sujeito, ele, ao mesmo tempo, menciona a presença do choro que ocorre nesses mesmos momentos, choro que talvez esteja revelando que esses momentos não sejam tão bons assim, e talvez, ainda, esteja revelando que mesmo que diga que sua família é motivo de felicidade para ele, de alguma forma esta traga também sentimentos tristes, até porque o texto apresenta uma frase que pode denunciar este conflito implícito: “claro que cada um tem seus defeitos”.

Nesse ponto, o texto se volta para a formação ideológica religiosa do sujeito, que é manifestada e acaba direcionando a discursividade ali exposta para uma construção que lhe traga menos angústias, por isso é citado o fato de que o sujeito começa “reconhecer a maravilha que Deus fez” em sua vida.

Como se pode ver no próprio texto:

O que é bom?

Sirley muitas vezes eu começo a pensar coisas e colocar estas coisas que não existem eu também combinei comigo mesma que estas sobre este assunto eu quero tratar somente com você para juntas descobirmos porque nas horas boas, ou que pelo menos eu falo que estou bem eu começo a chorar a tremer desesperadamente, e não é só por causa do frio, outra coisa que me deixou muito feliz e me deixa sempre é sobre minha família, claro cada um tem seus defeitos, mas em alguns momentos ou todos eu começo a reconhecer a maravilha que Deus fez em minha vida.

Nesse texto é possível perceber que a relação terapêutica, a relação familiar e a formação ideológica religiosa estão interligadas de uma forma que faz uma se sobrepor à outra, dando suporte para a construção discursiva do sujeito, de uma maneira que permite a exposição da estrutura emocional do sujeito quando ele vaga entre a relação familiar e a formação discursiva. Que por sinal, novamente, é apresentada no texto como alvo de enormes dificuldades vivenciadas pelo sujeito, e também ponto de grande importância para este, que parece querer omitir, até mesmo do terapeuta, fato que mostra a incoerência com o contexto em que este texto está inserido. Exposição emocional necessária para o contexto clínico ao qual o texto pertence, mostrando o quanto as marcas de conflitos ali deixadas cumprem a um objetivo concreto, o objetivo de expor as dificuldades emocionais para que sejam tratadas, mostrando-se coerente com o contexto discursivo para o qual foi constituído.

No texto seguinte apresenta-se, novamente, um sonho do sujeito,

depois, aparece seu medo de que ele aconteça em sua vida real. O sonho desperta o sentimento de ciúmes, sentimento que também foi vivenciado pelo sujeito em um momento da vida real, por isso, o sentimento de temor despertado no sonho é potencializado e se expande até a realidade, fato que se configura em um jogo entre o real, ligado ao plano consciente da memória do sujeito, e do sonho, que é o inconsciente mostrando o quanto a situação real foi angustiante, o quanto ela suscitou medo de perder o objeto amado, que nesse caso é seu noivo.

O sujeito, provavelmente, quando se lembra do fato ou quando conversa com seu noivo sobre isso, não vê motivo para temer uma possível perda, mas seu inconsciente parece não concordar e o faz retomar esse sentimento, o faz retomar em um escrito dirigido ao terapeuta, em uma tentativa de mostrar a este como as inseguranças e temores se abrigam e vão além da racionalização que o sujeito possa fazer.

Este fragmento do texto está transcrito a seguir:

Mudando de assunto: fiz o teste de emprego na AREL mas quando cheguei lá eram 15 pessoas disputando 1 vaga, destes 15 ela iria tirar 4 pessoas e se não ligar até hoje eu posso desistir da vaga.

Na sequência, o texto muda de foco e o assunto é alterado interrompendo, assim, o fluxo de sentimentos desagradáveis surgidos com os pensamentos relacionados ao sonho. Aparece um terceiro assunto, que não precisa ser tratado profundamente, já que é apresentado e não discutido, sendo assim, apenas se configura em uma forma de desviar sua própria atenção, e com isso se afastando dos sentimentos angustiantes, como se pode ver no trecho do texto que segue: “Estou pensando em viajar”. Colocação que destoa do restante do texto, mas é pertinente quando vista da forma citada acima, relacionada à necessidade emocional de abrandar as angústias que os demais assuntos promovem no sujeito. Assim, fica claro que é uma colocação coerente com a situação emocional na qual o sujeito se encontra vinculado, que é a depressão e ainda de acordo com seu lugar de sujeito/paciente em tratamento psicoterapêutico.

O que se constata é que o assunto que surge no texto estabelece o sentido necessário para a mudança no núcleo que angustia o sujeito, visto que a possibilidade de viajar, quase sempre, remete a outra possibilidade, a de vivências agradáveis, e isso é o que o sujeito precisa resgatar para o seu estado emocional,

sentimentos mais prazerosos. O assunto é deixado solto no texto para que não tenha sua pertinência verificada, e, assim, não seja quebrado o fluxo de sentimentos positivos que ele pôde trazer com a menção a essa ideia.

No texto que se apresenta a seguir aparecem temas já abordados pelo sujeito, que são sobre o terapeuta e sobre os seus sonhos. Contudo, nesse sonho, a tia do sujeito está com depressão, depois acontece uma troca entre o sujeito e sua tia, dando a entender que ele é quem fica com depressão, acontecimento configurado de uma forma diferente daquela na qual o sujeito é o “dono” da doença, já que, nesse caso, a depressão é de sua tia e não sua, ele poderia sair dela com mais facilidade, coisa que não acontece fora do sonho.

Olá Sirley, sexta-feira eu tive um sonho muito ruim, sonhei que minha tia estava com depressão profunda por estar infeliz no casamento. O mais estranho disso é que eu me colocava no lugar dela, achando que isto poderia acontecer comigo também.

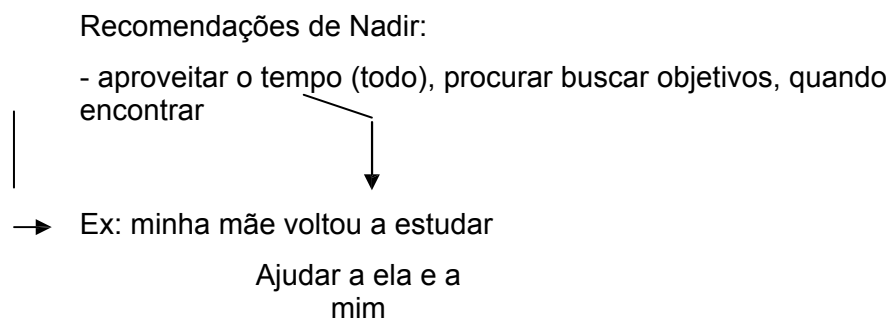
Na continuação, o texto volta a focar o tema realidade e, com ela, o sujeito assume, outra vez, sua depressão, constatando que, nesse momento, os sintomas estão brandos, ao ponto de ele poder dizer que está “mais feliz, mais comunicativa”. Porém, na frase seguinte, quando o assunto é trabalho, ocorre uma nova confusão, o sujeito diz não estar trabalhando ao mesmo tempo em que dá a impressão de que está. E mesmo não tendo falado diretamente, deixa incerta a existência de sua vontade de trabalhar, parece que faz isso por perceber a necessidade de ajudar sua família, o fato é que esse assunto não fica claro nesse texto. Como pode ser visto no enunciado:

Atualmente estou recuperada, estou mais feliz, mais comunicativa, só estou triste de não estar trabalhando e está é uma realidade que eu não gostaria de voltar a viver, mas estou passando por ela, ontem ate chorei um pouco, por não conseguir emprego estável, pois quero ajudar minha família e fico mal quando tenho que depender deles.

O texto mostra que a estrutura emocional do sujeito oscila, já que sua discursividade expressa um vai e vem de ideias, fazendo parecer que o sujeito está negando e assumindo os sentimentos que percebe em si. Com isso, o texto apresenta-se truncado, condicionado ao movimento percorrido pela tristeza do sujeito, o que é apresentado ao seu terapeuta, provavelmente, como um pedido de

ajuda.

O fragmento de texto que pode ser visto a seguir, apresenta recursos diversificados para a exposição das demandas do sujeito, nos quais se pode observar setas e riscos. Aparecem, ainda, recomendações feitas a uma pessoa, cujo nome dado é Nadir, no entanto percebe-se que se trata do próprio sujeito.



O texto mostra como o sujeito assinala que Outros sujeitos o alertam para questões importantes de sua vida, contudo nem sempre estas vozes são efetivamente trazidas aos seus textos. Nesse texto, aparece uma voz que a princípio parece ser de outro sujeito, porém percebe-se que se trata de sua própria voz.

É instaurado um jogo discursivo, onde o sujeito se indaga a respeito do que sente, se permitindo, com isto, uma aproximação maior com aqueles sentimentos que povoam sua mente e o perturbam. O distanciamento alcançado, com esta maneira de estruturar sua construção discursiva, permite ao sujeito tal aproximação, sem que, ao mesmo tempo, sinta-se tão pressionado pelos sentimentos que as respostas provocam dentro dele.

Ex: - pretendo ter um bom emprego

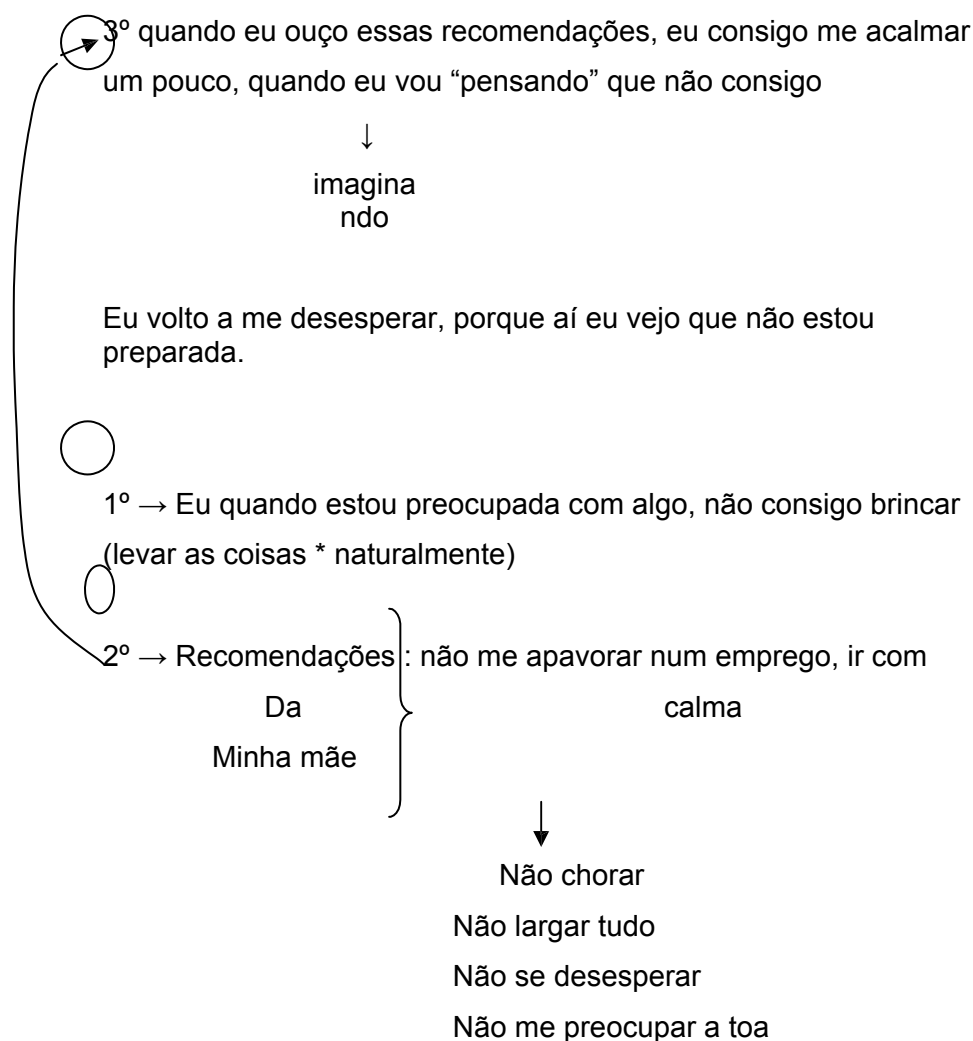
- me casar com meu
namorado. Família
- Casa
- Estudo
- ajudar que precisa da minha
ajuda, e que eu ver que eu
posso ajudar
- estudar

Embora o texto tenha uma aparência peculiar, ele apresenta a lógica das demandas emocionais e da necessidade de satisfazê-las vividas pelo sujeito,

apontando sua coerência com a condição de sua construção, condição de texto que responde ao contexto analítico. Mostrando o quanto é forte nesse sujeito a necessidade de resolver os conflitos emocionais para que o fluxo da expressão discursiva também se modifique.

No texto que segue esta sequência apresentada pelo sujeito/paciente 3, parece ser construído uma ordem numérica invertida, o que representaria uma ordem discursiva também invertida, já que o texto começa abordando algo que não foi mencionado ainda, algo que só é apresentado no final do mesmo. Tal inversão gera a impressão de que o texto sai como o sentir do sujeito, por isso, ele busca recomendações, mas percebe que estas estão em seu imaginário, não foram reveladas ainda, fala de como fica seu comportamento em meio a isso e, por último, retoma as recomendações que demonstrou querer.

A alteração da ordem escrita no texto possibilita que se perceba a subversão que está ocorrendo internamente, na qual o sujeito revela que a ordem discursiva que possibilita a compressão do texto é diferente de sua organização emocional, e que, nesse caso, é esta a organização emocional que comandou o texto: por isso, tenta retomar este outro perfil discursivo e, assim, se adequar às normas discursivas sociais. Coloca uma numeração, usa setas e deixa claro que conhece sua condição interior confusa, mas ao mesmo tempo demonstra querer organizar este estado, o que é um indicativo de que existe um incomodo.



O texto que se segue, mostra uma fala do sujeito que parece ser para ele mesmo, ao mesmo tempo em que aparenta ser outra pessoa falando para ele, contudo seu nome não é o mesmo nome mencionado no texto. Na sequência, apresenta um anúncio de um conselho, aparecem dois pontos, mas o conselho não é escrito. O que aparece é um questionamento que não é especificado e nem respondido. Todo esse emaranhado de escritos faz parte da introdução ao discurso principal desse texto, pois é na sequência que se vê aquilo que o sujeito quer realmente comunicar. Comunicação relacionada à sua proximidade com o discurso religioso, proximidade a Deus. Ou seja, mostrando que o sujeito se sente amado por Deus e, portanto, pode obter ajuda Deste quando não estiver bem.

Nadir tem que ver se vai ficar bem

Conselho:

O que

Eu a F

O que Deus disse p/Nadir:

“Nadir é uma filha querida, Deus me ama e sempre vai me ajudar, sempre que eu tiver um problema é só pedir ajudar pra Deus que ele vai me ajudar.”

O texto mostra como o sujeito busca segurança na relação que estabelece com Deus, e que ao tentar assumir uma outra identidade ele, provavelmente, se distancia de suas demandas e recebe com mais segurança o que vem de Deus. A demanda imposta pela formação ideológica interfere diretamente na estruturação do texto, e vincula-se à coerência emocional e com a exposição desta para o contexto terapêutico, embora o discurso em si possa parecer fragmentado.

No texto seguinte o início dá-se com uma narrativa impessoal, vinculada à descrição de uma recomendação. Em seguida, aparece a fala do sujeito com o terapeuta, fala que aborda um assunto que gera conflitos emocionais a este. Conflitos recorrentes e relacionados à possibilidade de separar o que é imaginação e o que é realidade, confusão que parece estar preocupando-o. O texto está da seguinte maneira:

Cuidar do mais importante:

→ eu Sirley tive imaginação e realidade agora vamos separar.

Minha irmã quando estava aqui ela também passou por dificuldade e eu preocupada comigo “esqueci” de cuidar do mais importante.

quando eu falo esqueci → estou dizendo que tenho consciência disto separar o que é imaginação e que realidade

Contudo, antes de ocorrer no texto um aprofundamento relativo à tentativa de realizar tal separação, percebe-se uma mudança no foco discursivo, aparecendo a relação do sujeito com sua irmã, na qual o sujeito diz ter esquecido de cuidar de sua irmã e destaca a importância disso. Na sequência, ocorre o retorno ao conflito causado pela dificuldade na separação necessária entre o real e o imaginário, abordado com duas frases, uma para cada um desses aspectos:

Imaginação	Realidade
quando eu tive a primeira depressão eu era uma “criança”	eu vivi isto e isto não vai sair da memória

As relações pessoais descritas no texto apontam para uma conexão mais

inconsciente, novamente ligada ao formato emocional das representações vivenciadas por esse sujeito, e ao mesmo tempo responde a uma demanda social, relacionada à distinção do concreto, representado pela palavra “realidade”, e pelo fantasioso, representado pelo termo empregado por ele “imaginação”, mas que correspondem ao próprio desenvolvimento da sociedade, quando esta deixa a perspectiva imaginária e passa a buscar respostas aos questionamentos de forma científica, concreta. Perspectiva que não tem um curso homogêneo, mas que é tendência predominante nos dias de hoje, e é percebida e desejada por este sujeito.

O próximo texto tem início com uma narrativa se referindo a um assunto, depois, muda de rumo sem aparente lógica. Mas quando se acompanha esta mudança, percebe-se que sua incoerência mostra sua coerência, e que esta é buscada a partir das necessidades de apaziguamento emocional.

A seguir, o começo do texto seguinte, apresenta uma observação feita pelo sujeito sobre si mesmo, ele diz ser mal interpretado, e em seguida tenta compreender isso. Apresenta uma pergunta sem colocar o sinal gráfico de interrogação, depois, aparece a palavra “Resposta”, dando a impressão de que vai responder a pergunta. Mas, o que se tem é uma nova pergunta, que marca o encerramento do discurso, embora esta não venha seguida do ponto final.

O texto está redigido no formato apresentado a seguir:

Má interpretada, muitas vezes eu ouço, não sabendo de nada, ou seja, realmente a informação verdadeira, acabo passando o que não deveria, e pior não corrijo o erro, o que eu devo fazer, Resposta deixar como está ou corrigir o erro que eu fiz.

Nessa sequência, o texto apresenta a angústia do sujeito a respeito da imagem que consegue transmitir para os Outros sujeitos, pois percebe que suas fragilidades transparecem quando ele relaciona-se socialmente, e aponta um fato

interessante, o fato de não corrigir o que diz, mesmo quando percebe que houve um erro. Porém, não diz se esse erro está relacionado a alguma diferença existente entre a sua vontade enquanto sujeito e a resposta social mais acertada, ou se está relacionado à sua depressão, como agente produtor

de sintomas capazes de afetar a capacidade de expressão.

No texto que segue é apresentado um diálogo que o sujeito estabelece com

ele mesmo, é uma sequência de questionamentos que parecem querer esclarecer o sujeito sobre o que está acontecendo com ele mesmo, sugerindo como o movimento discursivo de nomear os sentimentos é percebido por este sujeito como necessário, visto, ser este movimento recorrente em seu discurso.

O texto vem assim:

- como é que eu me sinto agora?
- só eu mesmo é que sei como lidar com isso?
- Eu abaixo a cabeça muitas vezes
- quando eu falo com alguém minha voz começa a ficar tremula
- Eu começo a tremer e isso porque eu estou nervosa.

O texto aborda a maneira como o sujeito sente e como ele lida com seus sentimentos e com as outras pessoas, mostra que o sujeito sabe como fazer isso, mas a alusão a isto aparece acompanhado por um sinal de interrogação, mostrando que existem incertezas quanto à sua capacidade. A procura e as constatações do sujeito surgem alternadas nesses textos e é abordada a busca por enfrentar sua condição de paciente condicionado pela depressão.

No próximo texto é feita uma saudação ao terapeuta inserindo-o no contexto discursivo, com o que o sujeito procura assegurar um contrato de cumplicidade com esse. Depois, tem início a narrativa sobre certas experiências da vida e da relação que essas experiências têm com a realidade atual e também com um sonho do sujeito. No mesmo texto aparece um comentário sobre o período no qual os sentimentos do sujeito respondiam diretamente aos acontecimentos ocorridos em seus sonhos, o sujeito se contradiz e afirma que não ligava para o que vivenciava no sonho, sendo que, em seguida, diz que era uma fase ruim que queria que acabasse logo.

Mas quando o texto traz a percepção do sujeito em relação à

realidade, ele traz também o comentário sobre as dificuldades sentidas pelo sujeito para lidar com ela, constatação que é expressa como causadora do sentimento de vergonha. Porém, ocorre a tentativa do sujeito de preservar uma parte de sua integridade emocional, alegando que seu aspecto tímido já existia, ou seja, que nem tudo que se revela em seus comportamentos é fruto de dificuldades psicológicas.

Oi Sirley eu passei por uma experiência muito marcante na minha vida tem a minha imaginação e a minha realidade só que a diferença é que na imaginação eu não ligava muito achava isto uma coisa ruim e que iria passar, enfim passou só que chegou a realidade e eu já com consciência não consegui infelizmente eu estou muito envergonhada e o jeito tímida isto é meu jeito mesmo.

Nesse fragmento de texto, percebe-se a dificuldade do sujeito para distinguir o que aconteceu em sua realidade e em seus sonhos, e confirma o quanto sua condição psíquica está comprometida. Mas o fato de, mesmo em meio a esta confusão, o sujeito ter se sentido envergonhado, mostra sua capacidade de perceber o que está acontecendo com ele, apontando uma noção de realidade presente, que se encontra abalada com o vai-e-vem dos sentimentos produzidos pelos sintomas da depressão, mas pode ser resgatada com o tratamento psicoterápico.

Na sequência de textos, é apresentada uma pergunta, pergunta que vem escrita sem o ponto de interrogação, mas que conta com a presença do sinal de dois pontos, parecendo que pretende abrir seu discurso para receber possíveis sugestões. Sugestões que realmente aparecem no formato de três conselhos oferecidos pelo sujeito a si mesmo, conselhos para direcionar possíveis condutas, estabelecendo a forma mais segura para a sua realização.

O texto, novamente, parece estar obedecendo à lógica interna vivenciada pelo sujeito e não externa ou gramatical, já que repete o primeiro lugar em duas posições do texto, e pula um lugar que possivelmente poderia ser numerado.

(quarta-feira/horário 14:30 as 15:00)

Como eu posso cuidar da minha depressão:

→ 1º confiar mais em mim, acreditar que eu sou capaz.

→ 2º Expor a minha idéia: mesmo que seja certo ou errado, pois se não, eu não vou. OBJETIVOS: p/ eu começar a me desenvolver.

→ saber realmente, o que está acontecendo, para eu poder resolver o problema

1º seja neutra, depois de ouvir veja quem está certa p/apóia-la, e quem estiver errada fale o que essa pessoa deve ouvir, isso quando eu ouvir e entender o caso).

Na análise realizada com os textos do sujeito/paciente 3, percebe-se o atrelamento do estado emocional dos sujeitos com a expressão discursiva do mesmo, tanto em relação ao conteúdo discursivo empregado, quanto a disposição destes nos textos. Outro ponto importante é a relação que o sujeito estabelece entre seus sonhos e seus conteúdos inconscientes, que, embora tente separar da realidade vem bastante misturado a esta, mobilizando o seu sentimento da mesma maneira, consciente e inconsciente vivenciados com pouca distinção.

O ponto principal destes três discursos vincula-se à interpelação sofrida por esses sujeitos, quando em suas sessões de análises foram chamados a escrever segundo o método da livre associação, passaram a buscar uma desvinculação das restrições que imperam no campo enunciativo, ao mesmo tempo em que passaram a perseguir a tradução de uma lógica emocional para apresentarem em suas transcrições. Culminando em sequências discursivas que em vários momentos deixavam de lado a coerência relacionada à sequência linguística e estabeleciam uma coerência associativa vinculada à capacidade de seu interlocutor de compreender a mensagem emocional.

Dentro desse ponto de vista, pode-se dizer que os textos que compõem os discursos estudados ao longo dessa dissertação de mestrado, mantêm coerência com o pedido da analista e, portanto mantêm coerência discursiva. Embora essa coerência, muitas vezes, não possa ser entendida fora do contexto, já que se trata de uma coerência vinculada a um objetivo específico, que é o objetivo de revelar justamente o movimento psicológico desses sujeitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho, os dizeres contidos nos discursos de sujeitos em tratamento psicoterapêutico e acometidos pela síndrome psicopatológica chamada depressão, foram analisados com base na noção de formação discursiva e outras propostas teóricas da Análise do Discurso de linha francesa.

Como já relatado, os sujeitos foram impelidos a narrarem pensamentos que lhes ocorressem, da mesma forma como faziam verbalmente durante o tempo destinado a suas sessões de tratamento psicoterápico, esta orientação tinha como intuito ampliar a percepção do terapeuta sobre a movimentação psíquica dos sujeitos em outros momentos de suas vidas.

Porém, pode-se perceber que essa exposição alcançada com as narrações fez transparecer, com bastante nitidez, as fragilidades emocionais dos sujeitos, levando-os à confrontação mais intensa com suas demandas, confrontação parecida com aquela que eles alcançariam se pudessem fazer sessões diárias ou ao menos em maior número, coisa que por diversas razões não ocorrem. Tal fator potencializa as fragilidades psíquicas dos sujeitos, ao mesmo tempo que possibilita a reorganização delas, pois os sujeitos se deparam com descobertas e elaborações que forçam modificações nas percepções relativas aos conteúdos armazenados, conteúdos que podem ser conscientes ou inconscientes, e que abarcam as experiências vivenciadas pelo sujeito.

Nesse trabalho, quando se fala em constituição, faz-se referência à posição sujeito, cunhada dentro de uma perspectiva linguística, em que a linguagem é usada como facilitador para a transmissão de aprendizados e sinal indicativo da formação discursiva a que estão associados esses sujeitos. Trata-se de um processo interativo que culmina na construção de posturas sociais, posturas que por vezes marcam este sujeito, podendo inclusive, servir como disparo para algumas doenças psíquicas.

Estas posturas advêm de uma multiplicidade de formações ideológicas impregnadas pelos sujeitos ao longo de um extenso processo de interpelação, contudo, por ser vasto, pode acontecer o surgimento de contradições e diferença nas interpretações. As contradições e as variadas interpretações existentes a respeito das diferentes formações ideológicas abrem brechas para variadas associações provocando no sujeito, a cada nova interpelação, a

necessidade de adaptar sua discursividade mostrando a qual formação discursiva encontra-se associado naquele dado momento.

Dessa forma, o sujeito, ao se expressar, navega pelas possibilidades discursivas ditadas pelas formações ideológicas que fazem parte de sua constituição, no entanto, ao se deparar com a multiplicidade delas internalizadas, ocorre um ajuste interno, como se, em primeiro lugar, acontecesse um diálogo no campo que talvez possa ser chamado de “campo do inconsciente discursivo de um sujeito”, e promove uma construção discursiva, quase sempre, coerente e coesa para ser suficientemente compreensível.

A explicitação desse diálogo, travado inconscientemente pelo sujeito ao construir um discurso, fica, quase sempre, escondida atrás da eloquência dos dizeres, que, na demanda das interações sociais, perpetuam o jogo da interpelação-diálogo inconsciente- apresentação do discurso.

Entretanto, em alguns momentos, vestígios desse diálogo escapam e, então, pode-se perceber esse movimento inconsciente. Uma situação que potencializa estes momentos citados acontece quando a mente precisa lidar com uma condição de adoecimento, que é fruto de conflitos e reações capazes de tirar o sujeito de seu curso discursivo (interpelação-diálogo inconsciente-apresentação do discurso), como é o caso das passagens expostas nos discursos analisados.

Desta forma, como foi visto, o corpus textual analisado nessa dissertação constitui-se por discursos elaborados para auxiliar a prática clínica, desnudando a fragilidade emocional causada pela depressão que assola seus autores, os quais, interpelados pelo método da livre associação, tentam, veementemente, mostrar a intensidade de seus conflitos e confrontos emocionais, expostos por uma formação discursiva que abriga a mobilização de todo um fazer social, como se pode notar com as constatações que procuramos resumir.

Assim, na análise dos textos escritos dos sujeitos/pacientes, percebe-se o retrato de um jogo discursivo que, por meio das marcas linguísticas, mostra vários aspectos da formação discursiva desses sujeitos. Isso é constatado quando a análise dos recursos da expressão linguística se estende ao conjunto da atividade discursiva resultante.

O fenômeno do discurso relatado, por exemplo, quando analisado no quadro discursivo do sujeito paciente 1, mostra uma mudança no desenvolvimento emocional desse sujeito, pois em cada ocorrência desse recurso, o

discurso mostra sentidos menos depressivos. Isso porque nele são narrados fragmentos da vida do sujeito que primeiro trazem uma carga emocional bastante triste, para progressivamente passarem para narrações de momentos de sua vida, em que os conteúdos emocionais percebidos soam mais brandos apontando uma percepção mais ampla de suas vivências.

O discurso relatado aparece como um recurso para a apresentação de situações que despertam sentimentos mais prazerosos, diferentes daquelas condicionadas pelo quadro depressivo. Essas colocações vão lentamente se modificando e sua percepção fica melhor quando o olhar do analista recai sobre o conjunto de textos entendendo-os como formadores de um discurso, ampliando a percepção do trajeto emocional percorrido por ele, trajeto que é uma resposta à interpelação realizada no processo terapêutico.

Na análise do discurso relatado nos textos do sujeito paciente 2, constata-se, ao se observar o conjunto discursivo, que ele apresenta uma exposição discursiva distinta daquela usada pelo sujeito 1, mas que abriga semelhanças.

Seu discurso mostra que a percepção mobilizada pelo emocional desse sujeito encontra-se relacionada às improbidades que conta ter sofrido ao longo de sua vida. Sendo que o relato de tais acontecimentos serve para demonstrar a capacidade que o sujeito acredita ter de transformar o que teria aprendido ou transformar a raiva originada por essas pessoas. Assim, percebe-se que o sujeito se esforça para, cada vez mais, parecer capaz de se identificar com comportamentos diferentes daqueles que algumas pessoas tiveram na relação estabelecida com ele. Tais diferenças comportamentais, na sequência, são usadas para provar a capacidade de desenvolver sentimentos, discursos e ações também diferentes daquelas que aprendeu.

Como suporte para demonstrar esse tipo de capacidade, o discurso apresenta a fala de outros sujeitos, justamente por estas permitirem a construção da ideia mencionada acima, construindo, com isso, uma imagem de si mesmo com a qual ele tenha menos conflitos. Ou seja, uma imagem que o afasta do condicionamento imposto pelo aprendizado recebido, e que, no caso dele, fá-lo-ia sentir-se alguém parecido de alguma maneira com as pessoas que o influenciaram.

Já no discurso do sujeito 3, quando aparece esse mecanismo discursivo, o discurso relatado vem envolto em um aflorar de simbolismos gravados no inconsciente do sujeito, simbolismos que ele recorre para tentar expressar

verbalmente sua condição emocional. Por isso traz diálogos com Deus e com pessoas com as quais ele não está em contato real, misturando o sonho e a realidade. Esse sujeito parece, antes de qualquer coisa, querer mostrar os seus vários sentimentos, formalizando um pedido de ajuda, buscando auxílio para essa inundação que o está envolvendo, diferente dos demais sujeitos que já apresentam o conflito específico que os deixa angustiados. Não que o sujeito 3 não faça isso, ele faz, mas em um segundo plano.

Outro recurso discursivo empregado nos discursos analisados é o apelo a discursos consolidados socialmente, e que associam autoridade à formação discursiva apresentada, podendo agregar uma aparente autoridade ao seu enunciador. Mesmo quando este aparece alterado em sua forma mais comum, como se pode ver no discurso do sujeito 1, que pôde ora, deliberadamente, modificar o dizer, ora retomá-lo na íntegra.

Contudo, essas formações dão mostras de corresponderem à explicitação da estrutura emocional do sujeito, pois servem para marcar a expressão de demandas depressivas de um sujeito que se vê impelido a deixar demonstrado ao analista seus conflitos e suas emoções mais latentes, por ser esta a maneira que o fará lidar com elas e quem sabe sair da condição de depressivo.

Apesar de também transitar entre a possibilidade de trazer estes discursos consolidados na íntegra e a de modificá-los, o sujeito 2 transparece sua busca por argumentos que fortaleçam alguns aspectos de sua personalidade, aspectos que sejam capazes de diferenciá-lo das pessoas que marcaram sua vida, que, como foi dito por ele, o maltrataram por meio de agressões e de dizeres pejorativos. Mas, em meio a essas posturas, emergiram conflitos e contradições, os quais quando confrontados possibilitaram ao sujeito 2 vislumbrar a possibilidade de inscrever-se subjetivamente, adquirir, assim, uma identidade. E com isso, esse sujeito aproxima-se de sentimentos mais prazerosos, e, assim, reorganiza aspectos conflitantes mobilizados em sua psique e que se encaixam em seu estado depressivo.

Nota-se, no entanto, que a construção dessa inscrição subjetivadora, nesse caso, parece acontecer quase no plano consciente, como um esforço feito pela estrutura emocional do sujeito, facilmente observável na sua expressão discursiva.

Também se observa esse recurso no discurso do sujeito 3, um

recurso que mobiliza sentidos, como é previsto, mas sentidos que contribuem com a impressão de que a responsabilidade sobre o veiculado no discurso não é do sujeito enunciativo. É um efeito que permite a apresentação, em meio a um vai e vem de dizeres, de sua demanda emocional. Demanda que ele nem consegue perceber como sua, pois provavelmente, ele ainda não está preparado para elaborá-la, embora seja forçado a comunicar sua existência ao terapeuta.

Outro ponto analisado no corpus vincula-se às formações ideológicas que perpassam o “inconsciente discursivo” como partes de suas formações discursivas, apontando conflitos ao mesmo tempo que é marcado seu tempo sócio-histórico. É o que se percebe no discurso do sujeito 1, que narra formações ideológicas capazes de orientar a sua percepção sobre o mundo e sobre os sentimentos por si mesmo. São perspectivas discursivas denunciadas pelas marcas das formações ideológicas que encontram pertinência na interação com o corpo do discurso, confirmando sentidos construídos.

Tais formações, que correspondem a um conjunto de ideias recorrentes na sociedade, abrem perspectivas de valores religiosos, relacionados à posição do homem e da mulher na sociedade, entre tantos outros. Mas eles, conjuntamente ao aprendizado discursivo, fazem parte da formação emocional do sujeito, caindo no interesse que transita ao longo do trabalho clínico desenvolvido, ou seja, o esforço para se trazer a demanda que levou o sujeito a procurar a análise.

Já no discurso do sujeito 2, alternam-se momentos em que a formação ideológica que ele apresenta passa a ser sua necessidade, condição exemplificada na tentativa de manter parte da resposta social mais comum, por isso mantêm as visitas à sua mãe ou cuidando dela, ou com a tentativa de gostar do pai de sua filha, ou ainda, em momentos em que parece tentar modificar sua compreensão dessas formações, reagrupando suas diretrizes, o que fica à mostra quando o sujeito se percebe como privilegiado por Deus, o semelhante a este.

As formações ideológicas que ficam marcadas no discurso desse sujeito 2 encontram-se confrontadas por suas próprias contradições, forjando o despertar de sentimentos mais agradáveis, como é o caso das marcas de seu compromisso com uma formação ideológica religiosa capaz de assegurar a presença de Deus e assegurar alguma proteção para momentos difíceis.

Observe-se que essas confrontações permitem ao sujeito apaziguar seus sentimentos mais angustiantes, burlando a depressão que lhe assola e, ainda,

permitem que suas relações afetivas, como é o caso de sua relação com sua filha, possam suscitar sentimentos e comportamentos diferentes daqueles aprendidos.

No discurso do sujeito 3, as formações ideológicas são abordadas quando ocorrem apontamentos de necessidades, como a de fazer suas ações se adaptarem às propostas dessas formações e, ainda, como se a não adequação a elas, causassem-lhe alguns conflitos emocionais, visto que ele verbaliza o descontentamento quando percebe que seu comportamento está diferente daquele previsto dentro da formação ideológica que ele mesmo cita.

Contudo, nesse discurso, o sujeito deixa transparecer que nem sempre concorda com o que percebe de uma dada formação ideológica, mas não alonga seu discurso quando aborda o descontentamento, o sujeito retoma o discurso aceito dentro da formação ideológica que acabou de citar e, assim, evita conflitos emocionais.

Outro recurso de expressão analisado é o da construção da coerência discursiva, pensando-se nela como mais uma maneira de expressar o estado emocional dos sujeitos. Lembrando que os discursos analisados abrigam as demandas de sujeitos em tratamento psicológico, que se encontram vinculados à interpelação realizada pelo analista.

Novamente começando pelo sujeito 1, percebe-se que, ao longo de seu discurso, gradativamente, instaura-se uma reação frente à sua condição de depressão. Observa-se que as narrativas, aos poucos, se tornam mais agradáveis, como resultado da ampliação da percepção dos sentidos que são, também, mais agradáveis e que já se faziam presentes nas experiências desse sujeito, mas que não eram percebidos por ele.

É um movimento progressivo de projeção de uma visão subjetiva da ordem emocional mais imediata, condicionada por sua condição depressiva. Trata-se de um processo que é trabalhado com a utilização de temas diversos, mas que, ao mesmo tempo, convergem para a denúncia do caminhar emocional do paciente. Isso porque, mesmo quando aparenta estar fazendo apenas um relato de acontecimentos corriqueiros, segue com o retrato de vivências que, progressivamente, ficam mais e mais positivas.

No texto do sujeito 2, também transparece a relação da estrutura discursiva interligada à estrutura emocional, contudo a lógica expressa nesses textos resulta no discurso de alguém que quer se colocar como capaz de provocar

alterações profundas em suas assimilações, as quais o sujeito/paciente demonstra serem decorrentes de interpelações traumatizantes ocorridas ao longo de sua formação. Nesse caso, percebe-se que são mobilizadas, como no discurso do sujeito 1, lembranças de momentos agradáveis para serem narrados, mas que estas não são a base de sua reação ao quadro depressivo que o maltrata, como o foi para o sujeito 1. Esse papel, aqui, é atribuído à capacidade de alterar os sentimentos e os conflitos internos.

Esse movimento que o sujeito 2 realiza para se afastar de comportamentos aprendidos em sua infância e adolescência não deixa de ser parte também de sua formação ideológica apreendida por ele, formação que mostra um padrão maior do que aquele vivenciado anteriormente, formação que o faz querer ser diferente de seus familiares e educadores, ao mesmo tempo que o faz querer alcançar o que tantas outras famílias tem, ligado a companheirismo, apoio, afeto, etc.

E, finalmente, tem-se o discurso do sujeito 3 que, alternando enunciados que narraram a realidade, os sonhos e os devaneios, para, com esse recurso de linguagem, procurar traduzir suas emoções conflitantes, fazendo seu analista aproximar-se dos conteúdos que circulavam em sua mente, não somente por aquilo que estava sendo dito, mas também pela maneira como estava sendo dito. Com isso, parecia querer fazer que suas emoções conflitantes fossem tratadas, dando chance ao seu ego de fortalecer-se e, ao mesmo tempo, sentir-se seguro para relacionar-se com a realidade.

Percebe-se que o sujeito procura, em seu vai e vem discursivo, expor, mesmo que nas entrelinhas, aquilo que ainda não consegue dizer claramente, dispondo as ideias e utilizando recursos linguísticos que favoreçam a revelação de sua necessidade maior, necessidade de encontrar vazão na expressão linguística para sua demanda emocional. Contudo, nesse momento, a depressão instalada não permite que isso aconteça facilmente e o enunciador revela essa dificuldade tanto quando fala dela, narrando os discursos de seu cotidiano, ou quando dispõe no texto a formação discursiva correspondente.

Dessa forma, o que se percebe, na análise dos discursos dos três sujeitos, é que eles obedecem a uma mesma necessidade, necessidade que os fazem apoiar-se em uma lógica inconsciente, mas, que, até certo ponto, é bastante semelhante nesses três casos. Trata-se de uma lógica relacionada à função desses

discursos no contexto terapêutico, ou seja, relativa ao papel de mostrar o funcionamento emocional e assim contribuir com a análise clínica.

Os pacientes elaboraram textos que, quando olhados em seu conjunto, como partes de um discurso, revelam seus conflitos, suas contradições, e as subsequentes reelaborações das demandas emocionais que vão sendo tratadas, mostrando acima de tudo, o modo como estes sujeitos procuram alcançar uma condição emocional mais confortável.

Essa análise possibilitou a sistematização das evidências que corroboram o diagnóstico de depressão que esses sujeitos carregam, já que em vários momentos são desvendados, em seus dizeres, marcas que apontam tal funcionamento emocional.

Outro ponto importante que se revelou como resultado desse trabalho de análise relaciona-se à necessidade de alcançar um nível de expressão próximo aquilo que estão sentindo, transformando em linguagem suas impressões, usando a formação discursiva apreendida. Condição bem nítida no discurso do sujeito/paciente 3, que em várias passagens, verbaliza sua dificuldade no campo discursivo e ao mesmo comenta o quanto sente que precisa desenvolver isso, corroborando, de uma maneira explícita, a teoria lacaniana que aproxima a formação do inconsciente com o da linguagem.

Em síntese, nos depoimentos percebe-se sujeitos que aproximam suas formações tanto discursivas quanto emocionais e mostram como as duas formações são interligadas, sendo de suma importância para a psicanálise que lida, justamente, com a fala como meio de expressão do aparelho psíquico. Sem deixar de perceber essa fala como meio de expressão da formação discursiva do sujeito, cunhada ao longo de um processo de assimilação sócio-histórico e ideológico.

Por mais que essa função cognitiva do aparelho psicológico, a função de transcrever linguisticamente as demandas emocionais, esteja em andamento, esse é um dispositivo aprendido, que impõe esforço permanente por parte do sujeito, que lança mão dos recursos que tiver disponíveis para se aproximar, linguisticamente, daquilo que experimenta em seus processos internos. Porém, sempre será uma aproximação, uma função falsificadora, decorrente da formação desse sujeito que o habilita a nomear a sua percepção da realidade. Passo importante tanto para a organização interna dos processos psíquicos dos sujeitos quando para a compreensão do analista e posterior direcionamento do

trabalho ser realizado.

Assim considerando, observa-se que a possibilidade de analisar estes discursos, segundo o referencial teórico da Análise do Discurso de linha francesa, oportuniza a sistematização de percepções e a compreensão de sua concretização por meio da análise das marcas discursivas presentes no discurso, facilitando o apontamento do desenrolar do quadro psíquico, bem como do quanto o lugar social vivenciado por esse sujeito influência na sua formação e no seu posicionamento, inclusive subsidiando sua condição emocional.

Com isto, esse trabalho procurou abarcar somente a análise segundo as teorias da Análise do Discurso de linha francesa e não incluiu a análise realizada segundo a fundamentação que a psicanálise fornece. Sendo importante ressaltar que mesmo que esta análise não tenha a intenção de interferir no tratamento que a psicanálise como método terapêutico se propõe realizar, ela oferece outra ótica de percepção desse sujeito, de sua vida em sociedade, suas demandas relacionadas a ela e sua tentativa de responder a esses imperativos, o que pode ser percebido como acréscimo a toda percepção que o analista precisa desenvolver.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos do estado**. Rio de Janeiro: Graal, 1987.
- AUROUX, Sylvain. **A filosofia da linguagem**. Campinas: Unicamp, 1998.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2004.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria do discurso: fundamentos semióticos**. São Paulo: Humanitas, 2002.
- BRAIT, Beth. (Org.). **Estudos enunciativos do Brasil**. Campinas: Pontes, 2001.
- BRAIT, Beth. **Relações de alteridade no discurso**. Campinas: Pontes, 2001.
- BRANDÃO, Helena. **Introdução à análise do discurso**. Campinas: Unicamp, 1993.
- _____. **Subjetividade, argumentação, polifonia**. São Paulo: Ed da Unesp, 1998.
- _____. **Subjetividade, argumentação, polifonia: a propaganda da Petrobrás**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- BURKER, Peter; PORTER, Roy. **História social da linguagem**. São Paulo: Ed. da Unesp, 1997.
- CARDOSO, Silvia Helena Barbi. **Discurso e ensino**. Belo Horizonte: Autentica, 1999.
- CERVONI, Jean. **A enunciação**. São Paulo: Ática, 1989.
- CHARADEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2006.
- CHAUI, Marilene. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 1995.
- FREUD, Sigmund. **Esboço de psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 1974. (Pequena coleção das obras de Freud).
- _____. **Obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Delta, 1959. v.6.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaca; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **A coerência textual**. São Paulo: Contexto, 1991.
- LACAN, Jacques. **O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1964.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos da comunicação**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- _____. **Gênese dos discursos**. Curitiba: Criar, 2005.

_____. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: Pontes, 1993.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. Miguel Pêcheux e a análise de discurso. **Estudos da língua(gem)**, Vitória da Conquista, n. 1, jun. 2005. Disponível em: <http://www.cpelin.org/estudosdalinguagem/n1jun2005/artigos/orlandi.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2009.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2002.

_____. **Discurso e textualidade**. Campinas: Pontes, 2006.

_____. **Discurso fundador**. Campinas: Pontes, 1993.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Ed.da Unicamp, 1997.

POSSENTI, Sírio. **Discurso, estilo e subjetivação**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

SILVEIRA, Nise. **O mundo das imagens**. São Paulo: Ática, 1992.